Diário de Lisboa

ANO 63.º N.º 21 323
Dezembro 1983
Quarta-feira

7

20$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Protesto pela política governamençal

Associação da Imprensa Diária suspende actividade

A Associação da Imprensa Diária (AID) suspendeu as suas actividades como protesto pela política governamental em relação ao sector.

Numa decisão ontem adoptada numa runião da Assembleia Geral da AID concluiu-se que «não faz sentido que a AID assuma compromissos em nome e para um sector que está neste momento a ser dirigido maioritariamente pelo Governo».

Publicamos de seguida, na íntegra, o texto da decisão aprovada na AID, decisão que culmina o agravar de relações entre os jornais e o Executivo e que teve um dos seus marcos na impossibilidade de aumentar o preço dos jornais, por oposição da EPNC.

«Constituída para representar, defender e promover os justos interesses das empresas editoras de jornais diários, e, de um modo geral, liberdade de expressão de pensamento pela Imprensa, a Associação da Imprensa Diária só tem sentido se puder funcionar com independência do poder político e com capacidade de assumir e fazer cumprir decisões colectivas livremente tomadas.

«Se não é de hoje a preponderância das empresas directa ou indirectamente dependentes economicamente do Estado, representado pelo Governo, nunca como agora tão fortemente se sentiu a sua influência no seio da Associação.

«E não faz sentido que a Associação da Imprensa Diária assuma compromissos em nome e para um sector que está neste momento a ser dirigido maioritariamente pelo Governo, para quem só as empresas de si dependentes merecem apoio privilegiado, ignorando sistematicamente as diligências da Associação no sentido de obter um tratamento justo e igual para todo o sector.

«A situação é agravada pelo facto do preço dos jornais diários ter deixado na prática, de ser controlável pelos próprios jornais. Mais grave, ainda, o seu enquadramento no que se entende como um ataque generalizado à liberdade de Imprensa no País, com a apresentação, pelo ministro do Estado, do projecto de uma nova Lei de Imprensa, que, a ser aprovado, retiraria de facto a liberdade e a independência da Imprensa, garantes da democracia.

«Nestes termos, porque se entende que a capacidade negocial e de decisão está profundamente afectada, e a Associação da Imprensa Diária bloqueada no que respeita ao cumprimento da maioria dos seus fins e objctivos, a Assembleia Geral delibera a suspensão imediata da actividade dos seus Corpos Sociais, até que sejam restabelecidas as condições necessárias para o seu funcionamento normal.

«Desta decisão, dá-se conhecimento aos senhores Presidente da República, Primeiro-Ministro, presidente da Assembleia da República e provedor de Justiça.

«Mais resolveu a Assembleia Geral dar também conhecimento desta situação ao Conselho da Europa, FIEJ e Unesco.»

Nova tragédia aérea em Madrid

Mais de 100 mortos em choque de aviões

Bombeiros do aeroporto de Barajas combatem o incêndio que se verificou após o choque dos dois aviões Págs. centrais

Entrevista com Domingos Abrantes (PCP):

Há um novo fluxo na luta de massas

pág. 5

O Plano Energético Nacional

J. Laginha Serafim

ESTÁ em discussão pública esta importante peça de orientação política do Governo para acelerar ou, pelo menos, manter o desenvolvimento económico e industrial do país e também, por consequência, o seu nível de vida. A apresentação ao país de um plano de desenvolvimento energético não deixa de ser altamente meritória, sobretudo quando vivemos numa terra em que as coisas se têm feito até hoje sem que se dê ao público, em geral, e aos especialistas, em particular, uma oportunidade de se pronunciarem sobre decisões importantes. O Plano Energético Nacional, PEN, é indiscutivelmente uma peça que deu trabalho, que obrigou a reflexões, por isso que a sua discussão pública merece atenção. É dentro desta filosofia que vamos fazer algumas considerações.

Dado que o maior valor de uma nação são os seus homens e a maior esperança do futuro de um país está na sua juventude, a primeira crítica que fazemos ao PEN, é que ele não considera quantos engenheiros portugueses serão necessários, quantas escolas deverão formar engenheiros, quais as escolas, e quantas devem ser aquelas que devem iniciar programas de investigação sobre energia. De facto, face ao dinheiro que se gasta em energia em Portugal, é miserável constatar que nada, nenhuma porção desse dinheiro, nenhuma contribuição ou taxa, das muitas importantes que pesam sobre os combustíveis, vai para a investigação e para o ensino nas universidades. Esta constatação, é quiçá, a mais dolorosa daquelas que temos de fazer ao PEN.

O PEN reflecte antes de mais nada, uma idiossincrasia portuguesa de adesão a «modas»; são os «cenários», a «biomassa», «os pequenos aproveitamentos hidroeléctricos», etc. e até uma moda já tardia de «utilização de energia nuclear», como solução de energias alternativas, isto quando o país nada, ou quase nada, faz nessas coisas.

Ainda se tivesse sido há quinze anos e então tivesse estudado a lição... Seria de facto, e em termos desta crítica geral, muito interessante, que o PEN reflectisse no pouco que pode haver e há na inteligência nacional, que seja nosso; mas não, o PEN não dá grande atenção aquilo que cá se faz.

As fontes de energia

O PEN começa por não atribuir a importância devida à energia eléctrica no futuro. Faz, efectivamente, a distinção essencial entre a energia do petróleo, utilizada principalmente nos motores, nos transportes, em certas indústrias, e a energia eléctrica. Mas não sublinha aquilo que é muito importante; é que à medida que os anos passam e a humanidade evolui do ponto de vista técnico e científico, cada vez a electricidade tem maior importância dentro do panorama da energia. O facto, é que, se quisermos progredir, devemos utilizar cada vez mais energia eléctrica. Não tem, por isso, nenhum conveniente ir à procura daquelas fontes que são fontes fundamentais para a produção de energia eléctrica, como é o caso, das grandes barragens e centrais hidroeléctricas de grandes albufeiras. Claro está que andamos hoje em automóveis a gasolina ou a gasóleo, mas notícias do progresso técnico levam a acreditar que, dentro de um prazo relativamente pequeno, podemos andar em automóveis eléctricos. Muito recentemente se viu já anunciado que os automóveis eléctricos estão a ser produzidos industrialmente em alguns países do mundo.

Uma crítica mais profunda que faremos é a pouca consideração que é dada á nossa (totalmente nossa) energia hidroeléctrica. Aliás o PEN não atribui direitos de cidadania aos grandes aproveitamentos hidroeléctricos. Com um ritmo de quatro ou cinco estaleiros de obras grandes em constução em cada ano, o país levará cerca de 50 anos a completar os seus aproveitamentos hidroeléctricos! O facto é que isto é muito tempo. O país necessita de mais energia eléctrica e poderia obtê-la em Portugal parcialmente através de uma fonte que é nossa, já que não temos que comprar no estrangeiro praticamente nada para usar essa fonte. Ora a hidroelectricidade tem sido a grande fonte de energia eléctrica desde há mais de 40 anos em Portugal, a hidroelectricidade tem salvado muitas situações e tem sido a nossa única moeda de troca. Nos anos em que chove exportamos electricidade; nos anos em que não chove importamos energia eléctrica do estrangeiro. Isso não está dito nem considerado como devia ser.

O PEN fala em energias alternativas. Praticamente ignora a energia geotérmica e à energia eólica é-lhe dada bem pouca importância, quando o país é tão rico em vento. Quanto à energia geotérmica faz-se uma afirmação praticamente rotunda de que ela não existe em Portugal. Mas talvez não seja assim. De facto, não se sabe se tal energia existe em grandes quantidades, mas que existe energia geotérmica em Portugal, que há indícios bastantes para se averiguar quanta existe, isso há; há muitas fontes termais, há mesmo fontes termais a temperaturas bem altas; há indícios de carácter tectónico que nos fazem pensar na presença do magma a uma profundidade relativamente pequena da superfície. Há zonas de vulcões não muito antigos na área de Lisboa que, efectivamente, podem ter energia geotérmica em grandes quantidades. Há que averiguar; não há que adivinhar. O PEN não prevê nenhuma verba para averiguações nesse domínio.

Vale a pena que se diga que, há indícios, por alguns furos feitos para a prospecção de petróleo, de que pode haver relativamente perto da superfície temperaturas altas nas águas infiltradas na crosta terrestre. Sabemos que em muitas ilhas dos Açores, principalmente, e talvez também na Madeira, existe energia geotérmica em grande abundância, talvez mais abundante do que aquilo que se tem dito.

Mas não somos especialistas em problemas de energia em geral, somos especialistas em energia hidroeléctrica. Todavia, no que diz respeito a novas fontes de energia queremos recordar que quando se começaram há cerca de 25 anos, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil os primeiros estudos de energia solar, tivemos ocasião de alertar o governo para a grande importância que poderia ter essa fonte na economia de energia em Portugal. Nada se fez fora do Laboratório e isso mesmo parou por 20 anos. Num país de clima suave e muito sol todo o ano, esta fonte pode fornecer o aquecimento de água doméstica e a climatização da habitação. Inclusivamente se a habitação for inteligentemente projectada, com boa exposição e adequada protecção estas podem ter uma relevância grande na utilização do sol, conforme fôr em tempo frio ou tempo quente.

O problema do uso da energia solar já está hoje em parte ultrapassado, mas, mesmo assim, Portugal ainda está muito atrasado, em relação a muitos países do mundo de economia relativamente débil em que se estão a utilizar intensivamente os colectores solares planos. Quanto à energia eólica tem-se passado o mesmo. Portugal é muito rico em energia eólica e pode efectivamente dispor de uma boa quantidade de energia eléctrica através da energia eólica, tal como pode dispor através da biomassa das florestas e outras fontes que não vale a pena aqui percorrer. O que tem importância assinalar, a propósito destas energias, é que o PEN não é suficientemente claro para nos dizer em que medida o Governo deve promover a investigação da utilização destas fontes.

De facto, se virmos bem, pouco se espera do empenho dos portugueses, e agora temos um exemplo bem recente. Quando a Direcção-Geral de Energia pretendeu, há alguns meses, escolher consultores para o estudo da nossa energia de biomassa das florestas, não só abriu o concurso a consultores estrangeiros como ainda, numa primeira selecção, apenas escolheu estes, e ridiculamente, até decidiu escolher um de cada país, como se a simetria das decisões tivesse de ser um princípio. Nenhuma empresa portuguesa foi escolhida, a não ser duas que estavam a «reboque» das sete estrangeiras. Efectivamente temos de dizer à DGE que ela não é patriótica, nem cuida de prestigiar a engenharia nacional. De resto, esta atitude de esquecimento da engenharia nacional é comum no PEN.

A energia hidroeléctrica

Voltando à energia hidroeléctrica, dizíamos que ela é uma fonte de grande valor. De facto, não existe energia que tenha maiores virtudes. Não é poluente, a água armazenada serve para outros fins essenciais à vida humana, como são os abastecimentos de água, a rega, o controlo de cheias, os desportos, etc. Não queremos dar aqui uma lista completa dos benefícios que advêm das grandes barragens, mas, do ponto de vista energético, tem virtudes que nenhuma outra forma de energia tem. Não é poluente, pode armazenar energia doutras (ou dessa mesma) fonte e está instantaneamente disponível. Portugal é um país rico em condições para o armazenamento de energia em albufeiras. Em Portugal podem armazenar-se ainda muitos milhares de gigawates-hora em, pelo menos, sete grandes albufeiras, se elas forem construídas. como o demonstramos em artigo que há pouco publicámos em Inglaterra. O PEN ignora, nas suas considerações, as necessidades e as grandes vantagens dos grandes reservatórios de energia. O PEN dedica apenas atenção à conservação da energia, o que sem dúvida, é um importante aspecto da energia em Portugal, mas é completamente omisso na necessidade dos reservatórios de energia. Essa necessidade é especialmente importante se nós tivermos fontes térmicas de energia eléctrica, ou se tivermos fontes intermitentes de energia como o sol, o vento, as vagas e as marés.

O PEN também não dá grande importância aos grandes aproveitamentos por realizar, nem diz que são mais de 40. Apenas, e porque é moda, fala dos «pequenos aproveitamentos hidroeléctricos», e aqui também alguma coisa há que sublinhar nas atitudes que certas empresas nacionalizadas e oficiais portuguesas tomam relativamente à engenharia nacional. Lá porque estão na moda, no Banco Mundial, certas formas de energia, e se começou a falar muito dos EUA (e o BM «aprendeu a cantiga dos pequenos aproveitamentos hidroeléctricos»), estas entidades oficiais portuguesas deram a uma firma americana desconhecida o estudo dos nossos pequenos aproveitamentos hidroeléctricos, ignorando completamente os conhecimentos nacionais nesse domínio e, portanto, passando um atestado de incapacidade à engenharia portuguesa. Se a nossa Ordem dos engenheiros, e os sindicatos de Engenheiros atentarem bem naquilo que esses órgãos oficiais fizeram, é de nosso entender que os deviam processar pelas perdas e danos que causam, dessa maneira, à engenharia portuguesa. A engenharia portuguesa é capaz de resolver os problemas portugueses, e quando não o seja deve ir aprender, quando muito deve contratar professores e consultores estrangeiros para lhe ensinarem. Assim fazem países pequenos como a Suíça, a Bélgica, a Holanda, etc... Não é necessário ir buscar engenheiros ao estrangeiro, deixando os portugueses quantas vezes sem trabalho. Esta é uma atitude que sempre temos tomado ao longo da nossa vida de engenheiro, que já vai longa.

A energia nuclear e a do carvão

Como fonte fundamental para a produção da energia eléctrica, o PEN aponta para a instalação em Portugal de um certo número de reactores, ou seis ou nove conforme o «cenário» for «pobre ou rico»; o primeiro desses reactores para estar já a trabalhar em 1995, que é o prazo mais curto para que efectivamente se ponha um reactor nuclear a produzir energia eléctrica. A este respeito também é patente aquela outra idiossincrasia portuguesa de copiar os outros e de se atrasar relativamente a eles. Aqui há dez anos ainda poderíamos aceitar a solução, pois mal se viam alternativas ao «petróleo caro». É certo que apontámos pouco depois a solução das centrais a carvão («D.L.» 30/7/1976) e depois se enveredou por esse combustível. Mas hoje, o que podemos dizer é que a solução nuclear não só não é boa, como ainda por cima é tardia e, provavelmente, no princípio do próximo século será obsoleta. Agora não temos dúvidas, a solução para a produção de energia eléctrica em Portugal, além da energia hidroeléctrica, continua a ser o carvão.

No que respeita a esta fonte, continua a adiar-se, e parece que indefinidamente, o aproveitamento das lenhites de Rio Maior, quando os estudos realizados mostram que é uma energia que não é anti-económica.

Também nos parece que seria do maior interesse que engenheiros portugueses começassem a estudar as tecnologias do «carvão transformado e tratado» que permitam a utilização desse muito vulgar e abundante combustível, não só para produzir energia eléctrica mas também para muitas indústrias como a siderurgia e os cimentos, em todas as refinações de gases, etc... e também nalguns transportes que não usem directamente a energia eléctrica. Além de que é do maior interesse, efectivamente, entrar pela investigação da gasificação do carvão, que poderá ser uma grande esperança para os transportes de superfície, marítimos e até, quiçá, para os próprios transportes aéreos. Há que dizer ainda que tem feito muitos progressos a conversão directa do calor em electricidade sem passar pelas turbinas de vapor, o que representa uma grande esperança para a humanidade.

A energia da fusão nuclear

As centrais nucleares estão em profunda crise em todo o mundo. É do mês passado a revista que nos traz a informação de que as centrais nucleares de urânio estão a conduzir para o abismo uma das maiores indústrias que se tem estado a montar no mundo, que são as fábricas do enriquecimento desse metal pesado. O urânio enriquecido, que espera compradores, está a formar pilhas enormes. Por outro lado, sabemos quanto tem diminuído praticamente a produção na indústria dos reactores nucleares. Vendem-se muito menos que há dez anos. Sabemos também que várias outras fontes de energia na base do átomo estão na forja. E sem dúvida a mais importante, e aquela que representa a maior esperança da humanidade para longos séculos, é a energia da fusão do hidrogénio e seus isótopos – o deutério e o trítio. Essa fonte também já está a mostrar alguma coisa. Em artigo saído também no mês de Outubro, numa revista do maior prestigio mundial, indica-se que estão em construção, neste momento, nos EUA, na CEE, e no Japão, cinco reactores de fusão magnética TOCAMAC. Esses TOCAMAC já estão alguns deles construídos e dentro de muito pouco tempo estarão todos eles a funcionar. A União Soviética também certamente tem já reactores de fusão, em construção ou mesmo construídos. Há que dizer que foram eles sempre os «leaders» da fusão nuclear. Mesmo que os estudos e projectos já em curso não venham a revelar grande viabilidade económica nos primeiros ensaios, esta fonte de energia é já aliciante sobre muitos aspectos; e é-o em tal grau que ela não pode deixar de merecer os maiores esforços dos grandes cientistas e engenheiros dos países mais adiantados e que sabem do assunto. É seguramente uma daquelas matérias em que os físicos e os engenheiros nucleares portugueses deviam dar atenção e na qual deveríamos procurar, quanto antes, formar alguns dos nossos jovens.

Enquanto a energia de fusão dispõe de matéria extremamente abundante à superfície da terra e nos mares, que é o hidrogénio, e o seu isotopo deutério é extremamente abundante na água do mar (já o trítio, também utilizado nestes reactores, é raro) o mesmo não se pode dizer do urânio. O que nós temos de urânio em Portugal pouco dá para produzirmos electricidade; nem sequer nos 25 anos que durariam os reactores nucleares em que se está a pensar.

Com os reactores nucleares previstos esgotaríamos rapidamente, portanto, todo o nosso urânio e as gerações dos meados do séc. XX não teriam à sua disposição esse metal para qualquer outra utilização.

O preço da electricidade

Considerar a instalação de seis ou nove reactores nucleares até ao ano 2010, frente a todas as possibilidades de termos num prazo relativamente breve grandes novidades em matéria de produção de energia por outras formas e de outras fontes como as que apontámos, e tendo à nossa disposição, de forma muito abundante e muito fácil, carvão que podemos importar (de Moçambique, exemplo), não nos parece de forma alguma uma atitude muito sensata por parte do Governo instalar reactores nucleares. Mesmo que seja correcta a avaliação que se faz da comparação do preço da energia do carvão com o preço da energia pela via nuclear, mesmo que se perca algum dinheiro, não é de forma nenhuma a solução que o bom senso nos poderá ditar. Isto mesmo sem falar em problemas de segurança e problemas da possível catrastrofe nuclear que se pode muito bem vir a produzir. Por consequência, mesmo sem falar na poluição radioactiva, montar seis reactores na hipótese do «plano pobre» ou nove no caso do «plano rico», a um ritmo que nenhum outro país semelhante ao nosso tem montado, corresponde efectivamente a fazer uma proposta que não poderá deixar de espantar os portugueses.

Não é essa a melhor solução. Façam mais barragens. Façam mais centrais a carvão e tomem uma atitude de expectativa relativamente a outras grandes fontes de energia como aquelas que «estão na berra» e mesmo como algumas cuja investigação é muito promissora, como é o caso da energia do vento. da transformação directa da energia térmica em energia eléctrica, ou como é o caso da fusão nuclear e tantas outras hipóteses em que os grandes laboratórios e os grandes centros de investigação do mundo estão a trabalhar activamente.

Recordemos ainda que temos cerca de 46 grandes aproveitamentos hidroeléctricos por construir. Mesmo se tivermos em construção em cada ano, não os dois que temos de facto agora, ou os quatro ou cinco que o PEN fala, as antes dez que devemos fazer, haverá hidroelectricidade até ao fim do século. Se cada um deles levar cinco anos a construir, o que não é tempo curto e pode ser reduzido, mas também não é demasiado largo, nós ainda levaremos mais de vinte anos a construir todos eles, e teremos o dobro da energia hidroeléctrica que dispomos hoje. Igualmente se os pequenos aproveitamentos hidroeléctricos forem construídos a um ritmo razoável, de pelo menos uns dez ou quinze de cada vez, talvez tenhamos até ao ano 2000 ou 2010 a nossa energia hidroeléctrica toda aproveitada, já que estimámos em cerca de 80 ou 90 os pequenos aproveitamentos hidroeléctricos.

O pau e o pão

Lia Viegas

Que tempos! Escasseia o dinheiro nas carteiras, até nos porta moedas. Dos que pagam os fartos impostos, dos que são pobremente pagos, dos que não são pagos. Falta o pão. Não nas padarias, nas mercearias e nos supermercados. Falta nas casas. O pão, quer dizer, o sustento. Que tudo está caro. Sem falar na carne e no peixe, o leite e o café estão caros, o feijão, as batatas, sei lá, tudo. Falta o dinheiro, o dinheiro português. Falta o pão e também a criação. Como todos nós sabemos, a educação vai mal. Vivemos inconviventes, incomunicáveis, isolados. Ai, a incomunicação social. Mas a vida continua. As vidas. Tornam-se mais azedas, mais amargas, mais sofridas, mais contraídas, mais sem vistas. Mais sem vida. E então, então a febre cresce, a ira, a fúria. As pessoas voltam-se umas contra as outras.

Enervadas. E vem o pau. O pauzinho fustigador, as massagens violentas nas zonas sensíveis. Às vezes só o pau das palavras. É terrível. Ou então o próprio pau da violência física. O objecto feito braço e mão castigadores. Pé, pontapé. O corpo de uma pessoa feito objecto torturador de outra pessoa, objecto torturado. Tornamo-nos objectos. Objectos de arremesso, objectos de sofrimento. É verdade. Que o digam as paredes das casas de cada um. Nunca as mulheres apanharam tanta pancada. Casas onde não há pão. Mas nós temos razão.

política de A a Z

Maria Lamas: uma vida, uma obra, um combate

ELA disse um dia: «Eu tinha a fama de ser uma rapariga muito atirada para a frente, de querer abarcar o mundo... E sempre fui (e sou) insatisfeita. Sem ser ambiciosa. Ser insatisfeita significa querer descobrir o mundo. Como a personagem do livro de Ferreira de Castro, eu era uma ***peregrina do novo mundo.»***

Foi essa peregrinação que terminou ontem. Às 7 horas da manhã. Serenamente.

E com esta mulher que, serenamente, se apagou aos noventa anos de idade. Vivida uma longa e bela vida, é toda uma época da nossa existência social e política, das nossas lutas e dos nossos sonhos que se encerra. Com efeito, Maria Lamas soube extrair lições da vida, soube aprender vivendo. Ela escreveu sobre a sua própria experiência: «O pensamento que me levara a esta observação tornava-se mais nítido, dominava todos os outros pensamentos, à medida que novos embates e rudes experiências me iam dolorosamente esclarecendo. Já não duvidava: os meus problemas eram os problemas de todas as mulheres, embora alguns revestissem, para cada uma, aspectos diferentes.»

Ela soube sempre partir de experiências e de vivências para a definição de uma atitude consciente de intervenção, não isolando os problemas das «mulheres» dos problemas dos «homens», não cindindo em dois separados campos a mesma e uma humanidade.

Em notas que pretendiam ser de introdução à leitura de duas obras de Maria Lamas, escritas no exílio, em Argel, e que não escaparam à vigilante ***Censura****, escrevemos que esta combatente pelo jornalismo livre, pela paz, pela democracia, pela dignidade e pelos direitos das mulheres, nunca fora* ***feminista****. Ou que não fora do ângulo particular do* ***feminismo*** *que produzira o melhor da sua obra e realizara os momentos mais altos da sua intervenção cívica.*

Desejámos, então, que outros evocassem «Maria Lamas no penumbroso quadro da Paris dos anos 60, quando a "cidade das luzes" se inscreve no claro-escuro da geografia proletária portuguesa». Mas não queríamos ir de boa mente e pelo nosso pé crucificar-nos na contradição pátria-exílio, com suas várias versões e diversões. Sim, também nós tínhamos visto Maria Lamas na esplanada envidraçada de um café da ***Rue de Soufflot****, a dois passos do* ***Luxemburgo****, encapotada, friorenta, presidindo, acalentando, quatro mesas de portugueses órfãos de pátria. Véspera de Natal. Um frio siberiano para os que tinham ainda na pele a amenidade do «país-lilás». As discussões nutriam-se da dialéctica saudade-ansiedade com as transitividades, interpretações e deformações dos temas abdicação/integração, desitência/persistência, combate à distância/intervenção próxima.*

Nos anos que viveu em Paris, no ***Hotel Saint-Michel****, tradicional porto de abrigo de exilados latino-americanos (não é verdade Nicolas Guillen?), Maria Lamas assumiu, com generosa fraternidade e impecável respeito pelo pluralismo de uma emigração tanto política como económica, essa presidência dos portugueses órfãos de pátria.*

Camarada, irmã, mãe e avó — tudo foi Maria Lamas nessa Paris cinzenta e fria de longos Invernos de «esperança/desesperada». O material romanesco que lhe entrou no modesto quarto do hotel, não o aproveitou a escritora. Talvez por respeito por cada caso humano. Mas ninguém como Maria Lamas teve ao seu alcance um tão diverso, tão rico, tão espantoso e tão pungente material para ficção.

As coordenadas da sua obra estavam, porém, definidas: a «ficção-confessional» e o «inquéritosociológico».

«As Mulheres do Meu País»*, metade do meu povo, encontraram em Maria Lamas a cronista inteligente, sensível e apaixonada que, numa peregrinação exaustiva e corajosa por vales e serras, aldeias rústicas de tempo parado e zonas urbanas proletárias, levantou um mapa minucioso e verídico da condição feminina em Portugal. Ela — essa mulher consciente do problema da situação da mulher na sociedade — soube realizar um prestimoso inquérito sociológico. O livro «As Mulheres do Meu País» é, ainda hoje, uma obra de referência. Entendamo-nos: o inquérito carece de ser actulizado, alargardo, aprofundado. Mas a ele terão de referir-se os futuros inquéritos, nele se deverão inspirar novos estudos e do quadro fixado em «As Mulheres do Meu País» terá de partir qualquer investigação sociológica relativa à evolução da situação da mulher em Portugal e às determinantes socioeconómicas que explicam a participação feminina no êxodo emigratório da década de 60 e o facto de, nas estatísticas, os «familiares» serem em 1971, 41 por cento e em 1972, 55 por cento do total dos emigrantes. Quem tiver jornadeado, na companhia de Maria Lamas, por vales e serras de Trás-os-Montes, do Minho e das Beiras, compreenderá as razões do despovoamento.*

Não têm o mesmo peso, mas ilustram a mesma paixão, as páginas que Maria Lamas dedicou às suas excursões pelo passado para se informar da condição feminina nas sociedades que são, em relação à nossa do capitalismo industrial e financeiro, distante pré-história e proto-história próxima. A mulher na história oferece a Maria Lamas um termo de comparação para avaliar a condição da mulher na sociedade do nosso tempo. O escopo é o mesmo: estudar a condição da mulher como trampolim para outro voo. O que interessa à escritora é a afirmação da mulher como valor mental, social e profissional na sociedade, como igual ao homem, como «metade da Humanidade». E, também, como metade da nação portuguesa. Não só mulher-esposa-mãe, mas mulher-trabalhadora, mas mulher-cidadã.

A vida impôs a Maria Lamas a necessidade de conquistar uma ***independência****, de assumir responsabilidades como chefe de família, como educadora, como trabalhadora profissional, como cidadã, com plenitude de autonomia e plenitude de risco. E tudo principia numa experiência pessoal de adolescente e de mulher jovem face à opressão familiar, conjugal, social. Perguntarmo-nos até que ponto a sua própria experiência inspirou e anima as confissões de Sílvia, se o texto é mero mergulho no biográfico. Autobiográficas ou puramente imaginadas as «confissões» de Sílvia — e seja Sílvia quem for, reminiscência de uma juventude, criação literária genuína ou fantasma das noites brancas — são o primeiro degrau de uma emancipação, via longa, atormentada, exaltante.*

Para Maria Lamas o caminho da emancipação da mulher passou pela sua integração socioprofissional na sociedade. E a vitória pessoal de Maria Lamas foi ter sido mulher, ter sido mãe, ter tido uma profissão, ter sido (e ser) um exemplo de cidadania. O seu mérito é ter compreendido, com sensibilidade e com inteligência, a emancipação da mulher como organicamente ligada à luta pela emancipação da mulher trabalhadora, da operária, da camponesa, da escrava doméstica. Não é obra de acaso que a ficção e o inquérito sociológico se articulem como dois momentos do mesmo discurso.

Na obra escrita de Maria Lamas, è nas palavras da mulher-cidadã, não se perde de vista o essencial, a questão social como totalidade. A «questão social essencial» constitui sempre o fundo do quadro e o «movimento de libertação da mulher» é considerado uma parte do movimento geral de libertação do homem, do movimento de transformação da sociedade. A escritora que imaginou «As Confissões de Sílvia» e que descreveu as condições de vida de «As Mulheres do Meu País» compreendeu que a emancipação da mulher considerada nas limitações e nas contingências da revolta justa de um sexo, seria uma alienação nova que viria substituir uma alienação velha, seria a alienação de um movimento protestatário, amplamente justificado embora a substituir a alienação de dum conformismo cinzento.

A lúcida e corajosa contribuição de Maria Lamas marcou uma época — a que medeia entre a Segunda Guerra Mundial e a libertação de 25 de Abril — das lutas das mulheres no quadro do combate pela democracia portuguesa.

ponto a ponto

Vai ser nomeado director da Biblioteca Nacional, o Professor Doutor Vitorino Magalhães Godinho. O prestígio intelectual do novo director da Biblioteca Nacional, a sua obra, a sua capacidade de trabalho, são a garantia de que, no ano em que ocorrem os centenários de dois grandes obreiros da modernização da Biblioteca Nacional, Jaime Cortesão e Raul Proença, a direcção da casa está entregue a alguém que os conhece e admira, a alguém que saberá promover a homenagem institucional e nacional que merecem.

O Professor Doutor Vitorino Magalhães Godinho, historiador e investigador com vasta obra publicada, antigo ministro da Educação Nacional, vai esforçar-se por tornar a Biblioteca Nacional um verdadeiro centro de investigação, de especialização e de actividade cultural. Assim o novo director da Biblioteca Nacional disponha dos meios e dos apoios que tão alta missão exige.

Vinte e seis presidentes de câmaras PS, situadas entre o Norte do País e o Mondego, decidiram apoiar as propostas do Ministério da Administração Interna sobre a passagem do ensino básico para a gestão municipal. Reunidos em Braga, aqueles autarcas decidiram sugerir que o mesmo processo se desenvolva também nas áreas da saúde, segurança social e política de solos, «descentralizando as competências e transferindo as respectivas verbas para as autarquias».

O chefe do Estado-Maior da Força Aérea interino, general Brochado de Miranda, recebeu, em visita de apresentação de cumprimentos, o adido militar naval e aeronáutico da Venezuela, contra-almirante Rodriguez Varela, recentemente acreditado junto da embaixada daquele país em Lisboa. O novo adido era acompanhado na visita pelo embaixador da Venezuela em Portugal.

A secretária de Estado da Segurança Social, **Leonor Beleza**, deslocou-se ao Algarve para presidir à reunião do conselho regional e entregar uma verba de cinco mil contos para reforçar a disponibilidade financeira do Centro de Segurança Social de Faro. Com este dinheiro, aquele centro irá auxiliar 122 agregados familiares atingidos pelos incêndios que devastaram zonas dos concelhos de Monchique e Silves, no Verão passado.

No próximo dia 15 realiza-se, num hotel de Lisboa, um jantar em honra do presidente da República do Zaire, marechal Mobuto Sese Seko, que na altura se encontrará de visita a Portugal. O jantar é organizado pela comunidade portuguesa na República do Zaire e nele, segundo um comunicado desta comunidade, participam o Presidente da República portuguesa, general Ramalho Eanes e mulher.

O Presidente da República, **Ramalho Eanes**, recebe hoje o Primeiro-ministro, antecipando a habitual reunião semanal devido à viagem de Mário Soares à Argentina. O chefe do Executivo, que hoje completa 59 anos, nada tem programado na sua genda de trabalhos, dedicando o dia à família.

gentes e paisagem

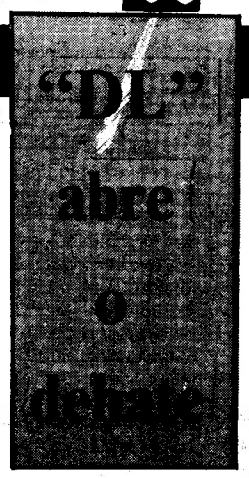
E o menino deixou de ser menino – 3

Dias de Melo

Nesta terceira parte desta história, continuo a não pretender senão denunciar a ausência de educação sexual, antigamente em todas as famílias e escolas de Portugal, ainda hoje na grande maioria delas, sempre em nenhuma dos meios rurais, — e os males das perversões e depravações que daí resultam.

PELO Inverno adiante, com o frio a apertar, o mar trovejando na costa, o vento a uivar, batendo nos vidros da janela e sacudindo a porta da rua a neve (1) a cobrir a Montanha, os cabeços da serra, a descer à freguesia, a alastrar pelos caminhos, a amontoar-se nos pátios, no balcão da sala de fora e no balcão da cozinha, decorriam à noite os serões na cozinha, ao calor frouxo do borralho na pedra do lar e ao palor trémulo da chama da candeia de azeite de baleia dependurada no mancebo (2) de madeira de pinho, lamparinas só para quando e enquanto se deitavam, o petróleo, caro, tinha que se poupar, e, todos sentados na esteira aberta no chão, eram as velhas histórias das avós, do avô materno, de onde em onde do pai que fumava pensativo, histórias de baleias, do mar, da terra, da vida, as avós, a mãe, as tias remendavam, faziam meia, sueras, cardavam, fiavam a lã das ovelhas que criavam, a madrinha Francisca, imóvel, calada, de olhos baixos, debulhava padrenossos e avé-marias nas contas do seu rosário. Acabado o serão, iam-se a avó materna, o avô materno, as tias, até amanhã se Deus quiser e o Senhor nos dê uma santa noite, as tias queriam levar o Raul, para a família, um pouco para ele, ainda o Menino, com este frio de rachar sozinho no gelo daquela cama é de morrer, connosco dorme mais aconchegadinho, a mãe deixava, o pai torcia o nariz mas que fosse, a madrinha Francisca, cara de palmo e rosário nas mãos, bico, o Senhor nos livre do pecado e das labaredas do inferno, o Raul ia, gostava de ir, dois passos de uma à outra casa, o vento, a chuva, a trovoada do mar na costa empenhavam a escuridão, a tia Francelina e a tia Rosalina aferrolhavam-se no seu cubículo estreito, despiam-se, a lamparina acesa na ministra, ficavam em combinação, as pernas, as coxas, os braços, os ombros nus, as mamas quase nuas no decote avantajado da combinação, de paninho cor-de-rosa debruada de rendas brancas a da tia Francelina, debruada de rendas brancas e de paninho azul a da tia Rosalina, os cabelos longos caíam-lhes, soltos, ondulados, pelos rostos corados e sadios, pelos ombros nus, o Raul fingia não ver, não lhe escapava nada, nem lhe vinha à ideia o pecado, o inferno, as labaredas do inferno da madrinha Francisca, não esquecia era aquela noite e, naquela noite, o corpo nu da mãe, jovem, belo nu, o corpo do pai, nu, vigoroso, jovem, e aquilo que lhe diziam da tia Francelina com o João Barracuda, aquele bicho que o mordia por dentro, será verdade?... e tia Francelina e a tia Rosalina, em combinação, tão belas e quase tão nuas como a mãe naquela noite, tiravam-lhe as roupinhas, a frocazinha de lã de ovelha, a camisinha de riscado, as calças de cotim, deixavam-no com a camisinha interior e as cuequinhas de flanela avermelhada, quase nuinho, tão nuinho quase como o pai naquela noite, vamos rezar as nossas orações, atabalhoadas, a tiritar, atropelavam as palavras, nem demoravam dois minutos, padre-nosso avé-maria, em nome do padre do filho e do espírito santo, vamos fazer nemnem, que frio que tá i. Assim quase nuas e com ele quase nuinho, enfiavam-se na cama, cobriam-se com o lençol, os cobertores, a colcha de retalhos vários de cores diversas, meses e meses de trabalho paciente e aturado, apagavam com um sopro a lamparina, mas que frio, louvado seja Deus!, aqui, queridinha, no meio, prá gente te aquecer melhor. O vento, a chuva, a neve na vidraça, a tia Francelina enlaçava-o pelos ombros, deitava-lhe a cabeça na almofada de veludo das mamas

Continua na pág. 19



Unificação da "esquerda democrática" — o que é? Como? Quando?

Lopes Cardoso: é incompatível com o 'bloco central'

Carlos Lage: experiência com UEDS e ASDI levanta reservas no PS

A UEDS decidiu na sua última Convenção desenvolver iniciativas conduz à «unidade orgânica da esquerda democrática e socialista». A proposta que não é nova tem, para muita gente, como sinónimo a integração da UEDS no PS. Este será o desejo de muitos (no PS e UEDS) o combate de alguns (também da UEDS e do PS). Falamos em termos de dirigentes, porque ao nível das bases as coisas serão bem diferentes...

A integração no PS é a única forma de promover a unidade da «esquerda democrática e socialista» apontada na moção de Lopes Cardoso. Mas há uma resalva: «a unidade não pode servir de alibi à pura e simples adesão, individual e colectiva, ao PS, como é hoje, tal como hoje funciona, se posiciona e age na sociedade portuguesa». Lopes Cardoso disse mesmo ao «DL» que tal unidade é **incompatível** com a manutenção da coligação PS-/PSD.

Deixando de parte a questão de saber concretamente o que é o «socialismo democrático», problema já velho e sujeito a inúmeras definições, o «DL» ouviu divergentes assumem diversas tonalidades. O líder parlamentar socialista José Luís Nunes por exemplo, é radical: «a unidade já está feita no PS». João Lourença, da Base-Fut, diz que a unidade por que lutam é a da **Esquerda em geral.**

A questão é complexa e polémica.

Lopes Cardoso: ainda é cedo

As dificuldades que enfrenta o objectivo estratégico da unificação da esquerda democrática são naturalmente diversas conforme refere de resto, a própria moção, e tudo passa obviamente pelo PS. O comportamento do PS é determinante, mas a «actual conjuntura está longe de favorecer um processo de unificação». Há o «bloco central» a coligação PS/PSD conforme se quiser, há a «maior das maiorias», há a situação interna no PS aparentemente calma...

Mas segundo a proposta aprovada na Convenção, o maior risco que a esquerda democrática presentemente enfrenta não é o da tão falada «social-democratização» do PS é, antes, «o da esterilização programática da esquerda socialista de democrática em que o repensar do projecto do socialismo democrático não conduza à revaloração dos seus fundamentos mas antes à pura e simples desertificação ideológica».

A «unificação» seria o obstáculo a tal desertificação em curso. Como se irá fazer? Qual o prazo? Em que condições? Estas foram algumas questões que colocamos ao 1.º secretário da UEDS, Lopes Cardoso É ainda cedo para o dizer» –afirma-nos ele. O facto de não ser pensada para já em termos de concretização deixa um vasto campo aberto...

Mas a unificação implica, de qualquer modo, a ruptura da coligação PS/PSD? – perguntámos. «É pelo menos incompatível com a existência do bloco central» – responde Lopes Cardoso. O evoluir da situação política dirá como e quando se poderá perfilar a solução.

Para António Vitorino (UEDS), e não só, a «unidade» é sinónimo de integração. Vários dirigentes do PS com quem falámos dizem o mesmo: não há outra hipótese de pensar o tema sem ser em termos de integração. Disseram-no Carlos Lage, Manuel Alegre, José Luís Nunes e João Cravinho. Para os três primeiros, todavia, a integração não pode ser incompatível com a coligação.

Em todos está o desejo de que a UEDS engrosse as fileiras do PS. Com perspectivas certamente diferentes... Para José Luís Nunes, candidato a líder parlamentar socialista e membro da Comissão Permanente, não há nada para unificar. Não há nenhum motivo para unificar o que já está unificado no PS» – diz-nos. Isto não quer dizer que outras pessoas não tenham lugar no partido – esclarece. Mesmo da Base-Fut e do MAD? – inquirimos. «Tirando os comunicados, não sei que actividades exercem essas organizações a até se integram na área do socialismo democrático» é a sua posição.

Quanto à incompatibilidade expressa por Lopes Cardoso, José Luís Nunes diz que não a vê. Pelo contrário, afirma que, no seu entendimento, a moção que venceu na Convenção da UEDS em oposição à de Rui Namorado que preconizava a ruptura não pode apontar para a incompatibilidade.

E a hipótese de um congresso federador que não é posta de parte pela UEDS? «De forma nenhuma» – responde José Luís Nunes. «Não há nada que venha a justificar isso».

Lage: reservas quanto à UEDS e ASDI

Para Carlos Lage, vice-presidente do grupo parlamentar e suplente da Comissão Permanente, o desacordo é total com a UEDS se a proposta visa «criar dificuldades ou destruir a coligação governamental» porque esta «tem grandes virtualidades». Por outro lado, o PS tem uma estratégia própria no tocante «ao aprofundamento do diálogo com alguns sectores da Esquerda Democrática, no sentido de integrá-los».

Neste diálogo fica de fora, segundo Carlos Lage, o MAD (a que não se sabe ainda o que é»). Ora o MAD é dos grupos contemplados pela UEDS, para além da ASDI, da Base-Fut, do RAS e do CES.

Na opinião de Carlos Lage não é crível que em próximas eleições a UEDS e a ASDI entrem nas listas do PS, como nas últimas. «**A experiência** – acrescenta – **não está a ser suficientemente fecunda. Entre os deputados socialistas noto que há reservas e um capital de queixa relativamente à situação actual».**

Posto perante a hipótese de «unidade» avançada pela UEDS, Manuel Alegre responde-nos de imediato: «Vejo com bons olhos a integração da UEDS no PS». Para ele a questão é mesmo esta: integração. Para além do que está no papel (moção) diz sabê-lo dos contactos que tem tido.

Embora considere ser ainda cedo dizer se a questão passa pela realização de um Congresso Federador, Manuel Alegre considera «desejável o diálogo que leve à reunificação da família socialista». Incluindo o MAD e a BASE-FUT? «Ainda é cedo para falar nisso».

Também João Cravinho, ex-GIS e membro do sector do «ex-Secretariado», considera «desejável» a entrada da UEDS. Reconhece que será a prazo, mas adianta que «os próximos acontecimentos políticos poderão apressar este processo». A vantagem da integração da UEDS centra-se, em sua opinião na «criação no PS de uma dinâmica que relance a ideia do pluralismo dentro do mesmo projecto».

E a ASDI?

E a ASDI como aprecia esta questão?

Não falta quem considere que a sua integração também no PS é já um destino natural. A ASDI, de resto, tem estado mais em sintonia com a coligação PS/PSD do que a UEDS. Tem-se visto pelas posições assumidas no Parlamento.

Falámos com Magalhães Mota, mas o deputados da ASDI é quase uma muralha... sorridente. Não quer avançar nada sobre isto antes de ser apreciado na próxima reunião do órgão directivo do partido marcada para o dia 17. «O meu ponto de vista será colectivo». A ideia da «unidade da esquerda Democrática não é nova – sublinha. «Há mais de um ano – em Março de 82 – avançámos com a ideia de realização de um Congresso Federador para unificação da área do socialismo democrático, em que o papel principal caberia ao PS».

A proposta da UEDS não vai muito além da nossa – avança o deputado da ASDI. De qualquer forma «nunca nos furtámos qualquer espécie de diálogo».

MAD: UEDS não é motor

Teresa Santa Clara Gomes diz também o que pensa, sem que isso corresponda a uma posição já assumida pelo movimento. «o MAD está pela sua própria natureza numa perspectiva de diálogo e de contacto com vários sectores, incluindo a UEDS». Por isso, acrescenta «a UEDS é um dos interlocutores válidos para o diálogo que é necessário desenvolver no sentido de congregar forças».

Na actual fase em que se encontra o Movimento para o Aprofundamento da Democracia, do qual faz parte como se sabe Maria de Lourdes Pintasilgo, porém, ainda não foi debatida forma prática de avançar para o diálogo. Santa Clara Gomes diz que é de acolher com simpatia o desejo da UEDS de unificação da esquerda socialista e democrática, mas não acha que seja a UEDS o motor do processo. De resto, diz-nos Teresa Santa Clara Gomes que o MAD já constitui uma plataforma que inclui o RAS, o CES e a Base-Fut, organicamente.

Até este momento não tem estado nas preocupações do MAD a criação de uma estrutura do tipo institucional. «Temos estado mais preocupados em inventariar e congregar forças com dinamismo no tecido social, o problema da intervenção institucional não está ainda em discussão» sublinha Teresa Santa Clara Gomes.

Base-Fut: integrar-se no PS, nunca

Também na Base-Fut a questão da «unidade de esquerda democrática» ainda não foi discutida ao nível dos seus órgãos. João Lourenço, porém, avançou a sua opinião. Ele é membro do órgão central daquela organização de cariz essencialmente sindical e que tem como filosofia o socialismo autogestionário, princípio que também defende a UEDS.

João Lourenço diz que a questão é demasiado complexa mas ressalva de imediato que não vê que seja possível a unidade «com partidos que não têm um funcionamento democrático». Por outro lado «o que nós propomos é a unidade da esquerda em geral». Para além desta reserva, João Lourenço é claro quando diz que a Base-FUT nunca estará disposta a integrar-se no PS, porque isso seria desistir do que é».

Conforme dão a entender todas as opiniões colhidas, este processo da «unificação» mesmo que seja sinónimo de integração no PS é complexo. Tudo estará praticamente nas mãos do PS. A sua posição é determinante. E neste caso não será de esquecer a luta por lugares que estas coisas provocam, na forma medíocre como quase sempre se aprecia a acção política. Quem sai para entrar quem? — é sempre um problema. Tem sido.

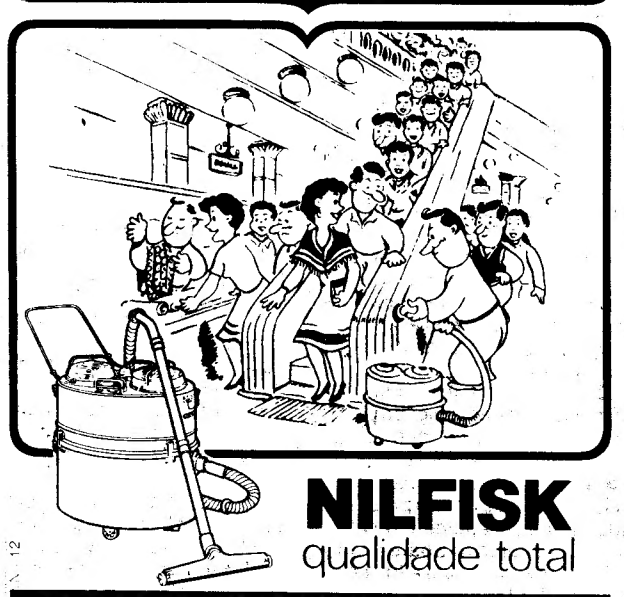
O «DL» abriu o debate. Muita discussão terá de haver com certeza até que qualquer decisão seja tomada. Mas, se a «unificação» se vier a reduzir a uma discussão apenas entre o PS e UEDS como indiciam dirigentes do PS, a questão será de facto complicada no interior da UEDS. Rui Namorado da linha minoritária da UEDS, teme que isso mesmo venha a acontecer.

De qualquer forma a decisão final terá de passar sempre, na UEDS, por uma convenção, segundo garantias dadas pelo próprio secretário Lopes Cardoso. A não ser que as complicações sejam tais que obriguem à saída do falado «pelotão de notáveis», sem mais nada. É um cenário que alguns, e não são poucos, admitem, quer no PS quer na UEDS.

Talvez as eleições presidenciais de 1985 dêem já alguma luz sobre isto. Aguardemos.

Luís Humberto Marcos

Também aqui **NILFISK** a presença preferida



NILFISK qualidade total

NILFISK – ASPIRADORES INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS, LDA.
R. Cândido Figueiredo, 91-1.º • 1500 LISBOA • Tel. 78 83 31 - 78 99 55 • (junto à C. Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa)
R. da Constituição, 2371 • 4200 PORTO • Tel. 69 34 23

TELEJOGOS
PARA TELEVISORES A CORES E A PRETO E BRANCO
VÁRIOS MODELOS VÁRIOS PREÇOS

Divirta-se com familiares e amigos jogando ténis, hóquei, tiro ao alvo, corridas de motos e outros jogos, no seu próprio televisor. Adquira já o seu telejogo!

À VENDA NAS BOAS LOJAS

TOMAZELI R. Bernardim Ribeiro, 26-1.º D - 1100 LISBOA
Tels. 53 81 19 / 57 67 06

Academia de Instrução e Recreio Familiar Almadense

Rua Capitão Leitão, 64 — Almada

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA ELEITORAL

Conforme disposto nas alíneas a) e b) do Artigo 45.º dos Estatutos, convoco os sócios desta colectividade a comparecerem ao acto eleitoral, no dia 30/12/83, na sala do associado, com início às 19 horas e encerramento às 24 horas, para eleição dos corpos gerentes e mesa da Assembleia Geral para o biénio 84/85

Almada, 6 Dezembro, 1983

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Álvaro Luís Antunes Pina

Em vésperas do X Congresso do PCP

Domingos Abrantes:

PCP está de boa saúde quanto a militância e coesão interna

O debate das teses para o X Congresso, que terá lugar dentro de uma semana, alterações aos Estatutos, a renovação do CC, as afirmações de Mário Soares sobre a alegada existência de células comunistas nas Forças Armadas, o Caso Garcia dos Santos, o novo fluxo na luta de massas e as presidenciais – foram alguns dos temas da conversa com Domingos Abrantes, 47 anos, membro do Secretariado e da Comissão Política do CC do PCP. Funcionarário do PCP desde 1956, Domingos Abrantes foi, ainda jovem operário, membro da Comissão Central do MUD Juvenil, esteve 11 anos preso e foi um dos participantes da célebre fuga de Caxias em 1961. Diz-se nas teses que apoio do PCP a Soares para Belém é «questão excluída». Todavia «um retorno do PS à política democrática» criaria uma «situação nova...» admitiu-nos aquele dirigente do PCP, deputado pelo distrito de Setúbal, onde o PCP obteve larga maioria.

Domingos Abrantes, do CC do PCP

DL – É possível, já, um balanço dos debates das teses e das propostas de alteração recebidas pela direcção do PCP?

DA – O balanço dos debates das Teses será, naturalmente, apresentado ao Congresso pela Comissão de Redacção. A data de recepção de propostas de emenda ou de alteração terminou no passado dia 3 e o que posso desde já adiantar é que foram recebidas largos milhares de propostas, tocando todos os pontos das Teses. Significa isto, que o documento irá ser bastante melhorado.

Por outro lado e independentemente do âmbito dessas propostas, há que sublinhar quanto esta larga participação dos militantes comunistas no debate, através de inúmeras reuniões, atesta a ampla democraticidade interna do nosso partido. E isto sem esquecer que, já na preparação do documento inicial, participaram múltiplos sectores e organismos do partido, com os seus dossiers e trabalhos.

Julgo, pois, que o Congresso reflectirá o essencial da teses, fruto de um trabalho colectivo – sem qualquer paralelo noutras formações políticas e que a vida certamente irá consagrar.

«...Não ganharam a guerra»

DL – Diz-se nas Teses que o plano golpista previsto nas eleições presidenciais de 1980, e na revisão constitucional, não obteve os resultados desejados, significando isso que – transcrevo – foi «derrotado o assalto às Forças Armadas». A recente exoneração do general Garcia dos Santos não altera essa conclusão das Teses?

DA – O Governo PS-PSD retomou, de facto, o plano da AD. Como é sabido, desde 1980, com o candidato presidencial Soares Carneiro e, mais tarde, com a acção de Freitas do Amaral no ministério da Defesa e com a própria revisão constitucional, tem sido objectivo das forças de direita a instrumentalização das Forças Armadas. A arrogância e a pressa do actual Governo na exoneração de Garcia dos Santos acabaram por prevalecer. E se é um facto que Mário Soares e Mota Pinto ganharam para já, esta batalha também, é evidente que não ganharam a guerra. Tudo depende, agora, da capacidade de resposta ou das medidas que venham a ser tomadas e que impeçam a vitória desse plano de instrumentalização.

DL – E como vê o PCP a atitude do Presidente da República firme, de início, na oposição à exoneração do CEME, para acabar, de forma inesperada, por ceder com o argumento de não querer criar dificuldades ao Governo?

DA – Do nosso ponto de vista, este Governo é um desastre. Deste modo, todas as medidas que visem conservá-lo ou salvá-lo, não servem a democracia portuguesa.

Renovação do CC

DL – Uma das «alterações de fundo» dos Estatutos, previstas na Tese ao X Congresso, sublinha o carácter criativo do marxismo-leninismo. Qual o significado dessa anotação?

DA – A vida tem mostrado a profunda criatividade do marxismo-leninismo. O próprio movimento revolucionário mundial ganhou uma dimensão e amplitude muito grandes, e à luz desses princípios devemos estar abertos à realidade e procurar nela as respostas para as tarefas actuais. É tão perigoso deitar pela borda fora os ensinamentos dos mestres, como o pensar que neles se encontra a resposta para tudo o que a vida coloca.

DL – As teses falam igualmente de «renovação» do Comité Central...

DA – Quanto à renovação do Comité Central, convém ter em conta que é uma prática constante do nosso partido. Há forças que procuram criar a ideia de que o partido tem uma direcção envelhecida, estagnada, com os mesmos dirigentes. O que é falso. Desde o 25 de Abril para cá entraram na direcção muitas dezenas de novos dirigentes.

DL – Mas as críticas a que aludiu referem-se, julgo, aos órgãos executivos.

DA – Mesmo essa crítica não tem qualquer consistência. Bastará comparar a composição dos órgãos executivos do PCP no dia 25 de Abril com os dias de hoje. Por exemplo, a Comissão Política actual quase triplicou em relação a 1975. Trata-se de críticas de pessoas que gostariam de um outro PCP. Por outro lado convém frisar que quando se fala de renovação não se está a pensar em eliminar pessoas mas antes de permitir que o partido dê resposta às múltiplas tarefas que a vida nos vai colocando. E isso será feito sem sobressaltos, por métodos democráticos.

DL – Num comício pré-eleitoral, penso que em Março, na Covilhã, o secretário-geral do PCP falou na grande possibilidade de entrada de uma mulher na Comissão Política...

DA – O problema da composição e da reestruturação dos organismos executivos é uma questão que vamos debater neste congresso. É uma das questões que está na mesa.

DL – Mas haverá uma proposta da Comissão Política, nesse sentido?

DA – É um problema que dirá respeito ao futuro Comité Central.

DL – Ainda nas propostas de alteração de Estatutos fala-se na necessidade de consagrar algumas experiências de trabalho de organização, nomeadamente a «estruturação não coincidente com a divisão administrativa». Que significa isto?

DA – Nós temos uma organização que acompanha a divisão administrativa, isto é, as direcções regionais e distritais, as comissões concelhias, de freguesia, etc. Dado, entretanto, o crescimento do nosso partido e dadas as múltiplas frentes de trabalho em que intervém impôs-se criação de fórmulas organizativas que não se adaptavam a nenhum desses esquemas. Foram pois exigências práticas que levaram à busca de soluções novas, de resposta orgânica. Ora isso não estava previsto nos Estatutos, saiu fora dos esquemas tradicionais, daí a necessidade de adaptação.

DL – Exemplos dessas novas soluções?

DA – Por exemplo, as comissões junto do Comité Central, as comissões coordenadoras de âmbito nacional, etc. Trata-se de uma experiência muito rica, que se revelou de importância capital para o acompanhamento da organização partidária e para o PCP estar em condições de acompanhar, de conhecer e intervir em muitos aspectos da vida política nacional.

«Grosseira provocação»

DL – Como interpreta as recentes afirmações do primeiro-ministro, sobre a alegada existência de células comunistas nas Forças Armadas?

DA – Trata-se de uma grosseira provocação. Inclusivamente acusa-nos de terroristas. Pensamos que um primeiro-ministro, um secretário-geral de um partido como o Partido Socialista, deve ter um maior sentido das responsabilidades. Continuamos à espera de uma confirmação ou desmentido do próprio dr. Mário Soares. As suas afirmações são de tal modo provocatórias e absurdas que é difícil imaginar que as tenha proferido. Enfim, se ele não responder teremos, depois, de considerar uma resposta para o seu silêncio.

DL – Como interpreta o PCP a recente visita a Lisboa do ministro dos Negócios Estrangeiros da África do Sul?

DA – A visita do ministro da República racista sul-africana não facilita, julgamos, as relações de Portgal com os países africanos de expressão oficial portuguesa. Objectivamente é vista como um apoio aos racistas.

DL – Mas para as autoridades portuguesas trata-se, alegadamente, de abrir caminho a soluções de estabilidade pajr a África Austral...

DA – Creio serem iniciativas contraditórias e que na melhor das hipóteses traduzem a ambiguidade que tem caracterizado a política externa portuguesa. Isto é: por um lado, há as afirmações de princípio de estreitar as relações de cooperação com os jovens países africanos e, simultaneamente, mantêm-se os laços tradicionais com os inimigos desses povos e permitem-se as actividades de grupos fantoches que conspiram contra esses países.

DL – Mota Pinto garantiu na RTP que não haverá novas facilidades militares, nem trânsito, nem instalação de armas nucleares em Portugal. Que pensa dessa afirmação?

DA – Trata-se de uma afirmação propagandística, negada pelos factos. O próprio ministro Mota Pinto tem-se mostrado defensor acérrimo da corrida aos armamentos, da intensificação e implementação dos mísseis na Europa e tem apelado a uma maior intervenção e agressividade da NATO. Além disso, temos provas concludentes da passagem e estacionamento de submarinos e aviões com cargas nucleares em território nacional, que desmentem esas afirmações.

Enfraquecimento da luta de massas?

DL – Em diferentes sectores, políticos e informativos, tem-se vindo a falar de um enfraquecimento da luta de massas e da acção e capacidade de mobilização do próprio PCP...

DA – Há forças que confundem os seus desejos com as realidades. Como assinalamos nas Teses, o obstáculo principal, nos últimos quatro anos, ao avanço do processo contra-revolucionário e a força determinante na defesa da democracia e das suas conquistas foi, exactamente, a luta de massas. A derrota de Soares Carneiro, a defesa da Constituição, a demissão do Governo da AD e a derrota desta coligação nas eleições antecipadas tiveram como causas decisivas importantes lutas de massas.

A derrota da AD e as perspectivas que se abriram de uma alternativa democrática, trouxeram uma certa acalmia. Todavia, ao deitar a mão à reacção, o PS criou dois tipos de situação: por um lado defraudou a expectativa criada, por outro, criou algumas ilusões quanto a uma nova política.

Entretanto, as pessoas começam a ganhar rapidamente consciência de que nada mudou, de que os problemas se mantêm ou se agravam substancialmente. Creio que estamos, uma vez mais, em novo fluxo da luta de massas, como se viu com as duas grandes jornadas de Outubro e Novembro.

DL – Mas não parece visível, mesmo assim, uma certa desmobilização?

DA – Bom, há factores novos. A situação económica piorou com reflexos graves em muitas empresas, com aumento de desemprego e o consequente temor dos muitos trabalhadores quanto ao futuro dos seus postos de trabalho. Se, por um lado, aumentou a disposição dos trabalhadores para a luta, também é verdade que muitos temem avançar. São aspectos que não devemos, na verdade subestimar.

A vida mostrará aos trabalhadores mais desmobilizados que não restará outro campo que não seja o da luta. E o ascenso dessa luta começa a ser já visível.

Entretanto, convém frisar que essa luta não se reduz, nem de perto nem de longe, às manifestações de rua, nem às paralisações. Há experiências claras, no sector nacionalizado, na vida local, ou na Reforma Agrária, por exemplo, que ilustram outros meios positivos de acção. O trabalho nas empresas ou nos campos, para aumentar a produção, (veja-se na Setenave) ou para recuperar as terras são formas de resistência também no Portugal de Abril.

DL – E o PCP? Está, ou não, mais enfraquecido?

DA – Bem, quanto à situação do PCP não há nada como esperar pela realização do Congresso para sabermos. De qualquer modo não temos para já, dúvidas, quanto à boa saúde, coesão interna, militância, e influência de massas, que fazem do nosso partido um caso ímpar no quadro partidário português.

DL – Relativamente às eleições de presidenciais de 1985, diz-se nas Teses que «qualquer apoio do PCP à candidatura de Mário Soares é questão excluída». Mas, nas mesmas Teses, quando se fala de superação do impasse das eleições legislativas, diz-se, a dada altura, que uma das condições seria o «retorno do PS a uma política democrática». Caso ocorresse esta condição, a posição relativamente a Mário Soares, para as presidenciais manter-se-ia?

DA – Em primeiro lugar, convém frisar que as eleições presidenciais de 1985 não serão menos decisivas que as de 1980. Para as forças reaccionárias colocar-se-á de novo o problema que não conseguiram resolver com o candidato Soares Carneiro, ou seja, o assalto, completo ao Poder.

Ora convém não esquecer o papel então exercido por Mário Soares em relação ao candidato da AD, favorecendo-o objectivamente e talvez mesmo subjectivamente. Por isso, na situação presente, em que o PS forma uma coligação de Governo com o PSD, e a não surgirem imprevistos, Soares só poderá ser o candidato da direira e nós dizemos, por isso, que o apoio à sua candidatura é questão excluída.

DL – Mas na hipótese de ocorrer o tal «retorno do PS a uma política democrática...»?

DA – É uma hipótese bastante remota... Se surgisse esse facto novo e imprevisto, e creio que as forças democráticas e todos os portugueses teriam tudo a ganhar com isso, criar-se-ia uma situação nova em que muitos problemas da situação política nacional exigiriam reconsideração. Mas, infelizmente, a hipótese mais provável é a inversa.

DL – Salgado Zenha afirmou, em recente entrevista, a necessidade da realização de novas eleições legislativas logo a seguir às presidenciais. Como vê o PCP esta hipótese?

DA – Nós dizemos que a política deste Governo é um verdadeiro desastre. Por outro lado, a coligação que o sustenta é precária, com demasiadas contradições internas e, portanto, não excluímos o seu falhanço e a necessidade de eleições legislativas antecipadas que podem, até, ser anteriores às presidenciais.

DL – Mas o PCP fala ainda nas Teses da alternativa poder vir a ser um Governo Democrático de Salvação Nacional...

DA – É também uma alternativa real dada a desastrosa política do Governo e o falhanço previsível da respectiva coligação. Algumas forças reagiram mal a essa nossa proposta, se calhar porque a não consideram assim tão improvável ou impossível... E, curiosamente, quando se lhe referem, esquecem ou omitem a expressão «democrático». Pensamos, certamente, na queda desta coligação e admitem essa possibilidade, mas apenas com determinadas forças.

Eugénio Alves

Maria Lamas vai hoje a enterrar

O funeral de Maria Lamas sai às 15 horas de hoje da Casa da Imprensa, onde o seu corpo está em câmara ardente desde o princípio da tarde de ontem, para o cemitério da Ajuda.

Entretanto, cumprir-se-á a vontade da escritora: as cerimónias fúnebres não terão carácter religioso e o corpo da extinta ficará depositado em campa rasa.

Muitas reacções ao desaparecimento desta militante antifascista e figura prestigiada da cultura portuguesa são já conhecidas. Na manhã de ontem, o Primeiro-Ministro e o ministro da Cultura enviaram à família de Maria Lamas mensagens de condolências cujo teor foi tornado público na edição de ontem do «DL».

À tarde, o general Ramalho Eanes e sua mulher, Manuela Eanes, enviaram também um telegrama aos familiares da escritora, através do qual lamentam a perda de «um grande vulto da cultura portuguesa».

A Comissão da Condição Feminina prestou igualmente homenagem à autora de «Mulheres do Meu País».

«Pioneira e ousada no desbravar da difícil caminhada da dignificação da mulher, o seu nome fica rá para sempre ligado à história das mulheres portuguesas», afirma-se na nota subscrita pela Condição Feminina.

Também o PCP e o PS distribuíram os seus comunicados através dos quais lamentam a morte daquela escritora e jornalista.

O Partido Comunista Português considera que «a vida e a actividade de Maria Lamas ficarão para sempre associadas à luta das mulheres portuguesas em defesa dos seus direitos e aspirações económicas, sociais e políticas».

Na mensagem enviada pelo Secretariado do CC à família enlutada, o PCP acrescenta que a autora de «A Mulher no Mundo» foi «uma personalidade de relevo na cultura portuguesa e destacada activista da luta das mulheres».

O Partido Socialista afirma, por seu turno, que a morte de Maria Lamas constitui «uma perda para a cultura portuguesa, que ela honrou com a sua dignidade».

«Maria Lamas foi também, nos anos do pós-guerra, um símbolo da luta das mulheres portuguesas contra o fascismo e uma combatente da causa da emancipação feminina», lê-se no comunicado.

Associando-se à homenagem em memória de Maria Lamas

"Diário de Lisboa" publica carta inédita da escritora

Maria Lamas iniciou a sua actividade jornalística e literária muito cedo.

Em 1928, o escritor Ferreira de Castro convidou a jornalista de «O Século» para começar a trabalhar na «Modas e Bordados», que era, então, um suplemento daquele conceituado matutino, e que mais tarde viria a adquirir o estatuto de revista autónoma dependente da mesma publicação.

Como disse em entrevista dada à «Mulher», em 8 de Outubro de 1975, a sua passagem para a «Modas e Bordados», pela mão de Ferreira de Castro, não foi muito do seu agrado. Pensava, então, que trabalhar num suplemento feminino seria «um pouco, descer de posto...» Todavia, aceitou o desafio e transferiu-se para o suplemento com a intenção de proceder a uma renovação profunda da revista, que incluísse até, a alteração do título.

«Eu tinha a fama de ser uma rapariga muito atirada para a frente, de querer abarcar o mundo...», afirma na sua entrevista.

Maria Lamas renovou, com inteligência e determinação, a «Modas e Bordados».

O «Correio da Joaninha», uma rubrica que Maria Lamas assinava com o pseudónimo de «Tia Filomena», começou a preocupar a administração do jornal e a censura que desejava saber quem era a autora dessas crónicas.

Terminada a guerra, renasceu o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. A autora de «A Mulher no Mundo» seria eleita presidente da organização.

«Nessa altura – lembra Maria Lamas na entrevista –, o Pereira da Rosa chamou-me e colocou-me diante da questão: ou eu deixava o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas ou deixava a direcção do «Modas e Bordados».

«A administração foi pressionada pela censura fascista para fazer essa exigência. Deixei assim a direcção do 'Modas e Bordados'....» conclui a entrevistada.

O exílio e o regresso

Maria Lamas teve durante muito anos, uma vida acidentada. É presa pela Pide, julgada e condenada. Deixa depois Portugal a caminho do exílio para nele viver durante sete anos. Só regressa ao país em 1969, quando já tinha 76 anos de idade.

O 25 de Abril de 1974 encontra a escritora com 80 anos. No ano seguinte, quando Mário Zambujal era director interino da «Mulher-Modas e Bordados» e Maria António Fiadeiro exercia funções de chefe de Redacção, Maria Lamas recebe um convite para aceitatar ser directora honorária da revista. A jornalista agradece e aceita o convite através de uma carta comovente.

Pela sua importância, o "Diário de Lisboa", associando-se, também, à homenagem em memória desta jornalista e escritora de indiscutíveis méritos, transcreve-a na integra:

Um agradecimento e uma resposta que a comoção torna difíceis.

«A Maria António Fiadeiro:

Reconheço-me embaraçada para agradecer o número especial revista «Mulher – Modas e Bordados» que me é dedicado.

«Ainda sob a comoção que ela me causou – a sua leitura, as fotografias, o carinho de que esta realização está impregnada – toda eu sou agradecimento humilde mas vibrante; toda eu sou, desde o coração à inteligência, à memória e ao sentimento, um tumultuar de surpresas, alegria e também consciência melancólica da minha realidade presente: a hora da inevitável decadência física, a aproximação do fim.

«O meu longo passado ressurge nestas páginas, nestas imagens, que evocam grande parte da vida que já vivi, de sonho em sonho, com êxitos e derrotas, sempre insatisfeita, sempre confiante no futuro e acreditando firmemente que tudo vale a pena, mesmo quando falhamos, desde que se ame a humanidade e se veja em cada geração que vai surgindo uma nova esperança, um passo em frente no horizonte maravilhoso de um mundo mais fraterno e justo.

«Neste momento há em mim um tumultuar de palavras, todas elas insuficientes para traduzir o que sinto e desejaria transmitir-vos.

«Limito-me, por isso, enquanto o não faço directamente, a agradecer aqui a todos que de qualquer forma colaboraram nesta manifestação de generosa ternura e apreço, dizendo-lhes que me sinto inteiramente iluminada e contente, como ressurgisse de mim própria e novas energias me estimulassem a dar ainda a minha colaboração embora insignificante à revista a que consagrei tantos anos da minha vida, em pleno vigore actividade.

«Aceitando o título honroso de Directora Honorária *da revista* «Mulher – Modas e Bordados» *faço-o com a mais sincera modéstia, certa de que irei aprender convosco muita coisa nova, procurando tirar tanto quanto possível do meu inesgotável anseio de permanente renovamento, o que porventura possa ainda ser válido para o esclarecimento e dignificação da mulher».*

Maria Lamas

7 DE DEZEMBRO DE 1983

DIA INTERNACIONAL DE TIMOR-LESTE

CONCERTO

VAI DE RODA • EMILIO CAO
VITORINO E O BANDO DA PLANÍCIE
BOLÍVIA MANTA • QUINTETO
DE MARIA JOÃO

— DIAPORAMA SOBRE TIMOR-LESTE —

PAVILHÃO DOS DESPORTOS
4.ª-FEIRA, 7 DE DEZEMBRO – 21 HORAS

QUE VIVA O POVO DE TIMOR-LESTE

COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE – CDPM
RUA PINHEIRO CHAGAS, 77-2.º E TELEFONE 57 47 18

1º Salão de Velharias da Costa do Estoril
Pavilhão dos Congressos do Estoril (antigo casino)
3 a 11 Dez:
Semana • 18–24h
Sab./Dom./Feriado • 15–24h
design: a. ventura
Organização:
Junta de Turismo da Costa do Estoril

O Rissol da Esperança
do. Joaquim & Ribeiro
RESTAURANTE • CERVEJARIA • PASTELARIA
RUA DA ESPERANÇA, 96 a 96-A TELEF. 660040 1200 LISBOA

COOPERATIVA DE PRODUÇÃO E CONSUMO DE ALCÂNTARA (2.ª Comuna)

Sede própria: Rua da Cascalheira, 9 e 11 Telf. 63 64 80 LISBOA

CONVOCAÇÃO

Ao abrigo do Art.º 26 alínea *b)* do Estatuto, convoco a reunir a Assembleia Geral ordinária no dia 9 de Dezembro de 1983 na sede, pelas 21.00 horas, com a seguinte:

Ordem de Trabalhos

1.º Eleição dos corpos gerentes para 1984

2.º Assuntos de interesse colectivo

N.B. No caso de não haver número suficiente, à hora marcada, reunirá a mesma uma hora depois em 2.ª convocação com qualquer número.

O 1.º Secretário da Mesa

Deolinda Maria da Costa

Na sequência dos apupos a Soares

Governo altera Código Penal

Nunca este Governo e outros que o antecederam constituídos por forças iguais ou afins às que agora se encontram no poder, alguma vez se preocupou com os crimes de difamação e ofensas contra órgãos de soberania e mesmo contra chefes de Estado estrangeiros. Foi assim com o extinto Conselho da Revolução e continua a ser assim em relação ao próprio Presidente da República e a dirigentes e chefes de Estado de países africanos de língua portuguesa.

Mas bastou que Maria Soares ouvisse uns apupos em Coimbra para que, rapidamente – fê-lo ontem em Conselho de Ministros – o Governo, «sem prejuízo de posterior revisão do Código Penal», aprovasse um decreto-lei que atribui a natureza de crimes públicos a «crimes de difamação, injúria e outras ofensas contra órgãos de soberania e respectivos membros».

Deste modo, diz o Governo, «se corrige a natureza semipública que lhe é atribuída pelo Código Penal, que coloca o procedimento criminal na dependência de participação do ofendido».

Em princípio pode argumentar-se com a legítima necessidade de defesa da dignidade do Estado e dos seus membros mas, numa análise mais aprofundada, se a isto juntarmos a autêntica obsessão dos serviços de informaçãoes,, das polícias especiais e até da projectada nova Lei de Imprensa, também pode ser o cerco que se aperta sobre os cidadãos, o autoritarismo e a mentalidade totalitária que se instalam.

O Governo aprovou também «as linhas gerais de actuação e procedimento com vista à implementação coordenada da política de cooperação com os países africanos de expressão oficial portuguesa, e o estatuto militar da GNR, que subordina este corpo ao Regulamento de Disciplina Militar, ao Código de Justiça Militar e ao regulamento de honras e continências militares.

Um diploma importante, se vier a ser cumprido e não contiver, como sempre tem acontecido em Portugal, as habituais malhas por onde passam os infractores, é o que revê o regime legal em vigor em matéria de «crimes contra a economia e contra a saúde pública» Este diploma, ainda segundo o comunicado do Conselho de Ministros, corrige o actual sistema penal, tipifica novos ilícitos, despenaliza alguns comportamentos e cria instrumentos de intervenção mais eficaz no combate a este tipo de infracções».

Destacam-se, entre estas medidas, a tipificação em novos moldes do crime de abate clandestino, a inclusão, no crime de açambarcamento, de novas condutas, designadamente o condicionamento da venda de bens é venda de outros. Incluiu-se também no crime de especulação factos hoje apenas punidos como tentativas e punem-se alguns casos de publicidade dolosa. Por outro lado é incriminada, pela primeira vez autonomamente, a obtenção fraudulenta de subvenções e subsídios, bem como o desvio ilícito dos mesmos, e pune-se «adequadamente» a destruição, danificação e inutilização de bens essenciais à economia portuguesa.

«O diploma – salienta ainda o comunicado – consagra, abertamente, neste domínio, a responsabilidade penal das pessoas colectivas, na sequência de instantes recomendações do Conselho da Europa e outras instâncias internacionais». Na sequência da constatação de que o deliquente contra a economia é particularmente sensível à ameaça das penas de privação de liberdade, e menos sensível às penas pecuniárias, recorre-se com mais frequência, neste diploma, ao primeiro tipo de penas».

Em entrevista à "Primeira Página"

Soares não foi capaz de explicar suspensão de secretário de Estado

«Lamento profundamente o que se passou em Atenas», afirmou ontem à noite Mário Soares durante uma entrevista no programa de televisão «Primeira Página» referindo-se ao falhanço da reunião cimeira da CEE.

O Primeiro-Ministro disse também que a Europa não chegou a fechar as portas à adesão de Portugal, porque nem sequer havia portas para fechar.

A «Primeira Página» de ontem encerrou um cilco em que foram entrevistados Lucas Pires e Álvaro Cunhal, Mota Pinto e, pelo meio, o ministro das Finanças e do Plano, Ernâni Lopes.

Soares, aparentemente bem preparado para a entrevista, demonstrou enormes dificuldades em lidar com a língua portuguesa, repetidos erros gramaticais, incapacidades de concluir a expressão de algumas ideias e a sistemática invenção de palavras marcaram toda a sua intervenção, mas acentuaram-se na parte final.

Entrevistado por Margarida Marante e pelo director do semanário «Expresso» José António Saraiva, Mário Soares não conseguiu tomar uma posição clara sobre a suspensão do secretário de Estado do Trabalho, Custódio Simões.

Este foi acusado por um sócio de atitudes irregulares na obtenção de empréstimos do Fundo de Desemprego e a acusação foi publicitada no «Expresso». O Primeiro-Ministro não explicou que é que a suspensão do secretário de Estado se verificou apenas depois das notícias terem sido publicadas, em vez de aquele membro do Governo se ter afastado logo que se iniciaram as investigações na Polícia Judiciária.

Acerca da situação económica portuguesa, mostrou-se satifeito com os resultados dos primeiros seis meses do Governo, que conforme acentuou, já conseguiu colocar sob controlo as dificuldades financeiras.

Neste sentido, Mário Soares elogiou com particular ênfase a acção do ministro das Finanças e Plano, Ernâni Lopes.

Mário Soares acentuou que na altura da posse do Governo o País se encontrava à beira da ruptura financeira e que presentemente já dispõe de divisas, não sendo necessário recorrer às reservas de ouro.

Revelou que os efeitos das cheias obrigaram a despesas que não estavam previstas, mas que a melhoria da situação financeira permitiu enfrentá-las com alguma segurança e negociar para o efeito um empréstimo com um fundo especial do Conselho da Europa.

Acerca da cooperação com os países africanos de língua portuguesa, Mário Soares garantiu o maior interesse do Governo no desenvolvimento dessa colaboração mútua, sublinhando todavia que Portugal não pode conceder empréstimos a prazos demasiado extensos, dadas as suas próprias dificuldades.

Sobre a presença em Lisboa de representantes de movimentos hostis aos actuais governos daqueles países africanos, explicou que a inexistência de um serviço de informações do Estado não permite ao Governo controlar eficazmente tais pessoas e que a circunstância de em Portugal não haver censura aos órgãos de Comunicação Social torna estes livres de aceitar ou não a publicação de comunicados dos referidos movimentos.

Mário Soares acusou ainda o Partido Comunista Português de ter duas estratégias paralelas de acção política interna: uma de acordo com as determinações constitucionais e outra «à margem da legalidade democrática».

Como exemplo da acção marginal do PCP, apontou o sucedido no decurso das suas visitas a Coimbra e, anteriormente, à fábrica da «Renault», locais para onde, disse, o PCP enviou agitadores com a missão de o hostilizarem e injuriarem.

Sobre a recente exoneração do chefe do Estado-Maior do Exército, Soares salientou que o aspecto fundamental de todo o processo «é que o Governo entendeu necessário exonerar o senhor general Garcia dos Santos e ele foi exonerado».

Docentes e autarquias

Alteração ao OGE debatida hoje na AR

É debatido esta tarde na comissão da Economia, Finanças e do Plano da Assembleia da República um texto de alteração ao artigo 42.º do Orçamento Geral do Estado, relativo á dotação das autarquias para as suas novas competências com o ensino.

O texto é subscrito por dois deputados do Partido Socialista e dois do Partido Social Democrata e resulta de várias solicitações e audiências que representantes da Federação Nacional dos Professores deligenciaram junto dos grupos parlamentares, das comissões da Educação e do Poder Local da AR, além da acima referida.

No caso do texto ser aprovado, as autarquias passarao a ser responsáveis no ano lectivo 84/85 pelas gestão do equipamento dos ensinos pré-escolar, primário e Ciclo Preparatório TV, bem como pela coordenação dos vencimentos do pessoal auxiliar de apoio afecto àqueles graus de ensino.

São ainda transferidas para os Municípios as competências relativas à acção social escolar, nomeadamente no que respeita ao funcionamento dos transportes escolares, dos mesmos graus de ensino.

Se esta proposta de alteração for aprovada, ficará adiada a concretização do projecto de Decreto-Lei do Ministério da Administração Interna e do Ministério da Educação, relativo à delimitação de competência. Segundo o MAI, o projecto está pronto para ser submetido a Conselho de Ministros.

De acordo com o seu conteúdo, os encargos públicos com o ensino pré-escolar e primário passariam para as autarquias bem como a tutela disciplinar dos seus professores, já em Janeiro próximo.

As autarquias foram consultadas à pressa no Verão (e não na totalidade) e as estruturas representativas dos professores souberam do caso pelas autarquias que rejeitam maioritariamente, assim como os professores, esta medida do ME e do MAI.

SG Export
Um novo cigarro de pleno sabor

A TABAQUEIRA, cumprindo o seu objectivo de dotar a nova linha SG de uma gama de produtos de alta qualidade mas diversificada conforme os gostos específicos dos vários tipos de fumadores, vai lançar no mercado nacional um verdadeiro American Blend, full flavor: — O SG EXPORT.
Através da conjugação de contribuições especializadas de todas as áreas da empresa, para a concepção e fabrico de um produto de alta qualidade, obteve-se o SG EXPORT.
Um cigarro full flavor com menores teores de condensados (14 mg) e nicotina (0,9 mg). Este cigarro inicialmente lançado e com êxito no Luxemburgo e França, vai agora ser lançado no mercado nacional.

SG Export – O cigarro de pleno sabor

TABAQUEIRA E.P.

O Governo adverte que o uso do tabaco pode prejudicar a saúde.

DEC. LEI Nº226/83

INTERMARCO-ESPIRAL

de ontem para hoje

Gelo na estrada mata três emigrantes portugueses em França

UM acidente rodoviário devido ao gelo na estrada — o chamado «verglas» —, causou cinco vítimas portuguesas, três mortos e dois feridos graves, ontem perto de Neuvy-sur-Barangeon (centro de França) informou a Polícia. A viatura de João Gomes, de 30 anos, lenhador, residente em França, derrapou no «verglas», atingindo em cheio um camião. O condutor teve morte instantânea, tal como dois passageiros, Julião Gomes, de 30 anos, e João Fernandes, de 38, também residentes em França e com a mesma profissão. Dois outros passageiros, Clemente Gomes e Firmino Gomes, gravemente feridos, foram transportados ao hospital de Bourges.

Entrou em Custoias acusado de incesto

Deu ontem à tarde entrada na cadeia de Custoias o soldador António Pereira de Almeida, de 41 anos, morador na Rua do Pinhal, 419, em Vilar do Paraíso, Gaia, acusado de ter violado duas filhas menores, de atentado ao pudor e de infligir maus tratos a um filho, igualmente menor. A situação arrastava-se há cerca de seis anos, mais precisamente desde a altura em que a esposa de António Pereira esteve internada num hospital. As menores violadas, com idades de 15 e 13 anos, nada diziam, mas os vizinhos do soldador já andavam desconfiados há muito. Houve uma das menores que, entretanto, teve a coragem de contar tudo a uma pessoa amiga que, por seu turno, alertou a GNR de Valadares. O caso chegou ao conhecimento do Tribunal de Gaia e o dr. Mário Santos, delegado do Ministério Público junto daquele tribunal, accionou os mecanismos tendentes à detenção do pai violador.

«Vandoma» volta às origens

Na sua habitual reunião com os jornalistas o Comando da PSP do Porto mostrou a sua preocupação pelo número crescente de casos de alcoolismo, alguns dos quais já fizeram vítimas. Durante o mês de Novembro último, a Divisão de Trânsito da PSP do Porto fez testes com 131 condutores e 10 deles acusaram excesso de álcool no sangue. Três estão indiciados como responsáveis por acidentes de trânsito em que intervieram e que provocaram feridos. Outra questão que mereceu especial referência dos responsáveis da PSP do Porto foi a chamada «Feira de Vandoma» que, de semana a semana, se foi degradando até atingir o ponto de rotura. Hoje em dia, para além da venda de toda a sorte de artigos roubados durante a semana, há um sem número de comerciantes que exercem ilegalmente a sua actividade. Nesta conformidade, o Comando da PSP do Porto anunciou que a partir de Janeiro a «Feira» vai regressar às origens, isto é, à venda apenas de «velharias» no seu espaço restrito.

«Inovação e sociedade» em colóquio

Sob os auspícios da Fundação Gulbenkian e das Academias das Ciências de Belas-Artes e de História, a Academia Europeia e a Unesco promovem um colóquio internacional com o tema «Inovação e sociedade» (inovação para a educação, o contacto das culturas, as trocas de conhecimentos científicos e tecnológicos) que decorrerá nos dias 13, 14 e 15 do corrente, no Auditório Dois da Fundação Gulbenkian. É o seguinte o programa deste importante colóquio, ao qual presidirá, na sessão de abertura, o Chefe de Estado, general Ramalho Eanes: o discurso de abertura será feito pelo dr. José de Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Gulbenkian e membro titular da Academia Europeia; às 10 e 30, alocução de madame Lemaire d'Aggio, secretária-geral da Academia Europeia; 11 horas, introdução ao colóquio pelo prof. Daudel, presidente da Academia Europeia; às 14 e 30, apresentação e discussão dos grandes programas da Unesco sobre educação, pelo sr. Dieuzeide, da Unesco.

Coimbra distingue romancista espanhol

O romancista espanhol Álvaro d'Ors receberá domingo, na Universidade de Coimbra, o grau de doutor honorário da Faculdade de Direito, apurou o «DL». A distinção foi deliberada há cerca de dois anos, mas só agora pode ser concretizada devido à doença prolongada do doutorando. Álvaro d'Ors é filho de Eugénio d'Ors, a quem a Faculdade de Letras de Coimbra atribuiu, há muitos anos, as insígnias de doutor **honoris causa**. Sebastião Cruz, seu discípulo na Universidade de Pamplona, será o padrinho do doutoramento.

Cascais evoca Alfredo Pinheiro

O ministro do Trabalho inaugurou ontem em Torre, no Concelho de Cascais, o Centro de Infância «Alfredo Pinheiro». Alfredo Pinheiro foi, durante mais de 15 anos, vice-governador da Santa Casa da Misericórdia de Cascais, entidade a cuja iniciativa se deve a construção do centro que financiou integralmente «sem comparticipação do Estado». Este mesmo facto foi assinalado pelo provedor da Misericórdia, Mário Ramos da Cruz, na alocução que proferiu depois de feita a bênção das instalações pelo bispo de Madrasuma, António Reis Rodrigues, e de visitados, em pormenor, por Amândio de Azevedo, os dois pisos da construção.

Reformados contra aumentos das rendas

O MURPI – Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos – promove no dia 13 do corrente uma concentração frente ao Parlamento para protestar contra os aumentos das rendas de casa. Em comunicado, o MURPI afirma repudiar «veementemente o insano projecto de aumento das rendas de casa» que «constituirá, a ser concretizado, uma catástrofe social de consequências imprevisíveis». «Esse aumento seria o golpe de misericórdia, sobretudo para os idosos que, vivendo já muito abaixo do nível de subsistência, não podem suportar qualquer agravamento» – afirma o MURPI.

Comércio e indústria pedem facilidades fiscais

Alenquer pede apoios oficiais para 641 mil contos de prejuízos

A Câmara Municipal de Alenquer estimou em 440 mil contos os prejuízos totais, da sua responsabilidade, sofridos no concelho com as inundações do dia 19 de Novembro. Segundo os cálculos, já ratificados em Assembleia Municipal, a agricultura deverá ter sofrido prejuízos na ordem dos 51 mil contos, enquanto nos sectores industrial e comercial o montante será de 150 mil contos. O total é, pois, de 641 mil contos.

A Assembleia Municipal deliberou, simultaneamente, apresentar propostas concretas aos diversos departamentos governamentais que poderão e deverão contribuir para minorar os prejuízos referidos. Foi o caso, por exemplo, da exposição enviada aos Ministérios da Agricultura, Florestas e Alimentação e do Equipamento Social.

O documento refere que em 144 hectares de vinha a situação resultante do temporal deverá ser considerada muito grave, enquanto em mais 57 hectares ela atingiu proporções graves.

As soluções propostas passam pela atribuição de um subsídio a fundo perdido para reparação de danos e concessão de uma linha de crédito de taxa de juro altamente reduzida a médio ou longo prazo.

A reparação imediata dos desvios e assoreamentos sofridos pelos cursos de água, por forma a que estes regressem aos seus leitos normais é outra das reivindicações feitas aos dois Ministérios.

Os comerciantes e industriais, por outro lado, deverão ser apoiados nos termos de uma proposta enviada aos Ministérios do Comércio e Turismo e da Indústria e Energia. Concretamente, é pedido um empréstimo de emergência para «fazer face ao reapretechamento dos estabelecimentos comerciais dada a proximidade da quadra do Natal».

No campo da discalidade, é pedida «a prorrogação de todos os prazos de vencimento de obrigações fiscais e financeiras, quer ao Estado e seus serviços quer à banca». Além disso, é considerado indispensável um subsídio a fundo perdido, no valor de 30 por cento dos prejuízos apurados (45 mil contos, portanto).

Desalojados da Amadora em situação alarmante

A Câmara da Amadora considerou alarmante a situação de cem desalojados em consequência das inundações de 19 de Novembro, no seu concelho.

Esses desalojados, entre os quais grande número de crianças, vivem em «tendas muito frágeis assentes num solo pouco firme e em lojas no bairro do Zambujal».

«Essas instalações não dispõem de infra-estruturas (água, luz ou esgotos) nem de quaisquer sistemas de apoio (cozinhas, sanitários, etc.) o que torna a sua situação extremamente crítica, podendo dar origem a focos pneumónicos, principalmente entre as crianças» – adiantou Manuel Vieira, vereador da Câmara da Amadora.

«A Câmara e a Cruz Vermelha têm sido as únicas entidades a prestar asistência aos desalojados, uma vez que permanecem sem resposta os telegramas enviados pelo presidente da CMA às entidades responsáveis pelo sector, e o Governo e Presidente da República» – disse.

«Revelaram-se inadequadas as soluções encontradas pelo Fundo de Fomento de Habitação e pela Secretaria de Estado de Segurança Social que consistiam em enviar os desalojados para a Quinta do Pisão, sem condições, nem instalações, que abriga doentes do foro psiquiátrico e para o Vale do Jamor – onde não há sequer instalações» – declarou o vereador Manuel Vieira.

Além destes cem desalojados, «há ainda 430 habitantes do concelho da Amadora cujas casas foram gravemente afectadas pelas cheias, ameaçando ruína» – acrescentou o mesmo informador.

Oeiras promove angariação de fundos

As colectividades do concelho de Oeiras mais directamente atingidas pelas cheias, em conjunto com a Câmara local, constituiram-se em Comissão para promover um plano de angariação de fundos.

«Os prejuízos ascendem a vários milhares de contos e não é justo que numa situação de calamidade pública como a presente, as diversas entidades, públicas ou privadas, toda a população, não procure a conjugação de esforços necessária para enfrentar os gravíssimos prejuízos» – assinala a Comissão, em comunicado.

O apelo à participação nesta iniciativa pode ser correspondido através da Câmara de Oeiras, através do telefone 2431500, extensoão 208.

Soares anunciou 6,5 milhões para fazer face a prejuízos

O Primeiro-Ministro afirmou que neste momento o Governo já afectou 6,5 milhões de contos para fazer face aos prejuízos causados pelas cheias de 19 de Novembro.

A afirmação foi feita no decurso do programa «Primeira Página», da RTP, contrariando todos os números e tomadas de posição do executivo conhecidas a propósito.

O assessor de Imprensa de Mário Soares, o jornalista Carneiro Jacinto, afirmou-nos esta manhã que o número divulgado ontem está correcto, porque as verbas iniciais terão sido reforçadas em reuniões do Conselho de Ministros.

O não conhecimento público desses factos ter-se-á justificado, de acordo com Carneiro Jacinto, na óptica de que «o que interessa é que o dinheiro apareça e não andar a fazer publicidade a essas verbas».

A confirmação destas novas verbas não foi possível junto do Serviço Nacional de Protecção Civil, que tem canalizado todos os apoios às vítimas. O seu presidente, general Neves Cardoso, estava esta manhã ausente em reunião e a competência para este tipo de declarações está-lhe reservada.

O total disponível para apoio às vítimas das inundações é particularmente importante no momento em que as Câmaras Municipais se debatem com graves problemas quer para alimentar centenas de desalojados, quer para lhes encontrar instalações em condições minimamente humanas.

Agora, resta esperar para ver onde param os quatro milhões da diferença entre os 2,5 milhões anunciados num comunicado do Conselho de Ministros, e os 6,5 ontem anunciados por Mário Soares e ratificados pelo seu assessor de Imprensa.

O problema das rendas ressurge em Alenquer por via das cheias. No documento pede-se o congelamento pelo prazo mínimo de cinco anos. No campo da fiscalidade são pedidas outras facilidades, da prescindibilidade de documentos destruídos pelas águas à consideração como perdas de exercício das despesas para reparação de danos.

Mulheres [illegible] no Barreiro

"Forças Populares" reivindicam rebentamento de quinze petardos na região de Lisboa e em Setúbal

...mas chegaram a anunciar 24 num telefonema feito para a ANOP

As autoproclamadas «Forças Populares 25 de Abril» reivindicaram a autoria dos quinze petardos que ontem rebentaram em Lisboa, Barreiro, Setúbal, Cacilhas, Seixal e Cova da Piedade. Oito desses rebentamentos ocorreram em Setúbal e no Barreiro (quatro em cada uma delas), dois no Terreiro do Paço, em Lisboa, dois também Cacilhas, outros tantos no Seixal e um na Cova da Piedade.

A acção das alegadas «Forças Populares 25 de Abril» deveria ter-se saldo por 24 rebentamentos, mas há quinze que falharam por razões que não são conhecidas. Um porta-voz dessas forças, com efeito, afirmou à ANOP ao mesmo tempo que as «Forças Populares 25 de Abril» espalhavam um comunicado expondo as razões da sua acção – que o rebentamento de 24 petardos na Região de Lisboa constitui «um aviso bastante forte ao patronato». No entanto, feitas, depois, as contas, verificar-se-ia que, de facto, apenas quinze tinham sido accionados.

Num deles ficou ligeiramente ferida num olho uma mulher do Barreiro, de nome Maria Judite dos Santos Grave, que, depois de ter feito uma lavagem à vista, regressou a casa por o seu estado não inspirar cuidados. Foi a única pessoa apanhada pelos rebentamentos que, por outro lado, não provocaram danos materiais de vulto, ao que nos informaram das vrias esquadras das áreas em que as alegadas «Forças Populares 25 de Abril» actuaram ao fim da tarde de ontem.

O indivíduo que ligou para a ANOP reivindicando para as autoproclamadas «Forças Populares 25 de Abril» a autoria destas 14 acções disse ainda que esta organização exige o direito ao trabalho, os ordenados pagos dentro dos prazos e o fim à repressão dentro das empresas. O mesmo anónimo acrescentou que, «caso estas exigências não sejam respeitadas, agiremos em conformidade contra as forças de repressão e exploração nas empresas», referindo ainda que o rebentamento dos petardos era de especificamente da autoria dos «trabalhadores organizados do sector naval pertencentes às Forças Populares25 de Abril».

PCPdo Barreiro condena actos

A Comissão Concelhia do PCP do Barreiro condenou, ainda ontem, o rebentamento dos petardos na vila, considerando que acções deste tipo «não servem os interesses dos trabalhadores».

A comissão do PCP acentuou que, «à margem do regime democrático e das leis que o definem, estas acções visam objectivamente dar cobertura ao comportamento repressivo da política actual do Governo», salientando ainda que «estas acções, num período de ascenso da luta popular contra a política governamental pretendem confundir e desmoralizr alguns sectores da população da menosesclarecidos».

«Utilizando o nome de Forças Populares 25 de Abril, data querida do nosso povo, e uma linguagem de pseudo-defesa dos interesses dos trabalhadores, esta organização é pelos métodos que usa e pelos objectivos que visa atingir, uma força que apenas defende interesses contrários aos dos trabalhadores», refere no mesmo comunicado a Comissão Concelhia do PCP do Barreiro.

Nesta vila, curiosamente, os quatro petardos rebentaram junto da Câmara Municipal, no Parque «Catarina Eufémia» e nas imediações da Junta de Freguesia do Barreiro e da União dos Bancos, o que no caso dos três primeiros locais é significativo, visto tratar-se de duas instituições (a Câmara e a Junta de Freguesia) e de uma homenagem (simbolizada no nome por que é conhecido o jardim) a Catarina Eufémia, valores que atestam o bastião democrática naquela vila.

Em Lisboa, os dois petardos rebentaram dentro do parque de estacionamento e junto ao portão da estação Sul-Sueste, cujos barcos ligam Lisboa ao Barreiro. Os quatro petardos registados em Setúbal deflagraram mesmo no centro a centro da cidade, disseram fontes policiais contactadas a pelo «DL».

Auto-estrada Porto-Famalicão

Municípios exigem aprovação do projecto dentro de 90 dias

PORTO, 7 (Pelo nosso enviado José Gomes Bandeira) – Quatro presidentes de câmara (todos socialistas) do Vale do Rio Ave – Famalicão, Fafe, Braga e Santo Tirso – deputados à AR, autarcas e representantes do comércio e da indústria da região, reunidos ontem na primeira daquelas localidades, constituíram-se em «comissão de apoio à construção da auto-estrada Porto-Famalicão» e deram ao Governo «um prazo máximo de 90 dias» para aprovação do projecto definitivo daquela via.

Na reunião, que levou aos Paços do Concelho de Famalicão muitas dezenas de representantes dos interesses locais, estiveram também o governador civil de Braga, dr. Artur Lopes (PS), um vereador da Câmara Municipal do Porto, eng. Carlos Brito e um elemento da Comissão de Coordenação da Região Norte (CCRN), além de grande número de presidentes de juntas de freguesia daqueles quatro concelhos. O arcebispo-primaz de Braga, D. Eurico Dias Nogueira, «mesmo sem ser convidado» compareceu também para exprimir a sua solidariedade «para com a resolução urgente deste problema».

A reunião de ontem, convocada pelo presidente da CM de Famalicão, dr. Agostinho Fernandes, surgiu na sequência de múltiplas diligências dos autarcas do Vale do Ave em torno dos graves problemas criados à economia e aos habitantes desta vasta área nortenha pela falta de comunicações adequadas com o Sul e, nomeadamente, com Pedras Rubras e Leixões.

De acordo com a proposta aprovada por aclamação, os representantes locais exigem ainda que o Governo e as entidades envolvidas na questão da auto-estrada consultem os presidentes das câmaras «sobre as implicações da mesma» e que, por outro lado, se as obras não se iniciarem no prazo máximo de um ano, «sejam feitos estudos para arranque imediato das rectificações e arranjos da EN 14 entre o Porto e Famalicão de modo que o tráfego possa ser fluente».

Entretanto, decidiu-se também convocar nova reunião pública passados 90 dias, divulgar as conclusões dos trabalhos de ontem e apresentá-las formalmente ao ministro Rosado Correia que visita Famalidão depois de amanhã.

Refira-se que a visita a Famalicão do ministro do Equipamento Social, marcada já há bastante tempo, surge em pleno reacender da questão da auto-estrada que envolve câmaras presididas por socialistas e que ontem mesmo motivou uma série de contactos e diligências entre membros do Governo e representantes políticos e autárquicos da área envolvida. Registe-se, por outro lado, a ausência na reunião de ontem de um representante da Câmara de Guimarães, também liderada por um socialista (Manuel Ferreira) e que ultimamente tem estado em foco com as suas intervenções nos trabalhos preparatórios do chamado «Congresso dos Povos do Norte», que tem como figura de proa o eng. Paulo Valada, da CM do Porto e que é visto com bons olhos quer pelo eng. Eurico de Melo, quer pela CCRN do eng. Valente de Oliveira.

A preocupação do Governo quanto às consequências deste processo desencadeado em torno da auto-estrada Porto-Famalicão, poderia de algum modo explicar-se pelas acusações feitas a propósito da definição das prioridades no capítulo dos investimentos e das «motivações políticas» dessas mesmas prioridades já que, de acordo com os compromissos anteriores assumidos, aquela auto-estrada, considerada «como via prioritária a nível do País» pela JAE, devia entrar em funcionamento este ano. Todavia, dizia-se na proposta de ontem, «no fim de 1983 não há projecto aprovado, não se iniciaram os processos de expropriações e não há financiamento para se darem os primeiros passos».

As intervenções de ontem exprimiam essa desconfiança e esse descontentamento, muito embora o governador civil de Braga referisse que, de acordo com a informação oficial de que dispõe, os projectos existentes para a auto-estrada fixam para 1985 o início dos trabalhos e a sua conclusão em 1987 (lanço Porto-Maia, 7 km) e 1988 (lanço Maia-Famalicão, 17 km).

Mas seria o mesmo governador civil de Braga a salientar a realidade com que os municípios se confrontam quando dizia que, apesar de tudo, «estamos muito longe do projecto de execução» e que existe «um impasse muito complexo» embora as entidades competentes afirmem que se proceda actualmente a um «estudo muito criterioso» do projecto da referida auto-estrada. O dr. Artur Lopes disse ainda, falando como cidadão, que «a região precisa de saber como fazer o seu planeamento e, portanto, de saber por onde passa a auto-estrada».

O eng. Mesquita Machado, da CM de Braga, louvou o presidente da CM de Famalicão pela convocação da reunião e referiu o desperdício em combustível, horas de trabalho, materiais importados para viaturas, e atraso no desenvolvimento provocados pela falta de uma auto-estrada que ligue aqueles municípios ao Sul do País e aos locais de escoamento, quando é certo que se trata de uma região com enorme capacidade no capítulo da exportação.

Parcidio Summavielle, da Câmara de Fafe, afirmou que se há investimentos a fazer e prioridades a definir então tudo deve ser feito «aos olhos dos portugueses sem proteccionismos, sem compadrios, como parece que neste momento está a ser feito». Salientou que a ligação com o Nordeste, como os romanos já sabiam, deve ser feita por Vila Pouca de Aguiar e que «os recursos disponíveis devem ser utilizados segundo critérios claros». E concluia o presidente da CM de Fafe: «Dizem que estão a repensar dados técnicos que nos escondem, dados que não nos dizem quais são».

O eng. Carlos Brito (da CM do Porto) salientou que a auto-estrada Famalicão-Porto só é consequente se se resolverem também os problemas da situação na área do Porto e das ligações com o Sul, enquanto o presidente da Câmara de Santo Tirso, Joaquim Couto, manifestou a sua desconfiança em relação aos projectos da CCRN, salientando que a auto-estrada exige também vias complementares. O vereador famalicense dr. Joaquim Loureiro salientaria que em custos de 1981 são gastos 1309 contos por dia em combustível, devido à falta da auto-estrada o que significa que aquela via seria paga em 13 anos só em combustível gasto a mais, pelo que a sua construção «é uma definição de bom senso e de inteligência».

Falaram ainda o presidente da AM de Famalicão, um representante da Associação Industrial do Minho e do Conselho Empresarial do Norte. A encerrar, o presidente da Câmara de Famalicão salientou que «bradar, mesmo que a causa seja justa, não leve a nenhures» e que não é possível resolver os problemas sem o concurso do poder local pois «o País tem que começar a ser governado pelo País».

comunicação social

Direito Humanitário – protecção insuficiente aos jornalistas

O Direito Internacional Humanitário concede uma protecção insuficiente aos jornalistas – adverte a Cruz Vermelha num artigo recentemente publicado na sua revista internacional.

Segundo o artigo, os correspondentes que cumprem missões profissionais perigosas em zonas de conflitos bélicos não dispõem de um estatuto especial.

As únicas disposições jurídicas a nível internacional – sublinhou – foram estabelecidas pela III Convenção de Genebra sobre prisioneiros de guerra, de 12 de Agosto de 1949, e pelo primeiro protocolo adicional às três Convenções.

A revista recorda que os correspondentes de guerra estão submetidos a um duplo perigo – os efeitos directos das hostilidades militares e as arbitrariedades dos contendores se são aprisionados.

No primeiro caso, o Direito Internacional Humanitário vigente considera os jornalistas como civil, usufruindo da mesma protecção que os cidadãos civis no quadro jurídico dos conflitos armados.

No caso de captura ou detenção, a sorte do jornalista depende actualmente de vários factores, em especial da sua nacionalidade, embora tenha sempre direito a um tratamento humano e a um julgamento equitativo.

Na opinião da revista da Cruz Vermelha, constitui elemento importante do Direito Internacional Humanitário considerar-se como pessoa civil o jornalista que exerce a sua actividade em zona militar.

"Le Monde": menos cem postos de trabalho

A Direcção do «Le Monde» anunciou a sua decisão de proceder, em 1984, a uma redução de mais de uma centena de postos num total de quase 1300 trabalhadores (entre os quais 180 jornalistas) que o jornal conta.

Num artigo intitulado «'Le Monde' perante as suas dificuldades», o seu director, André Laurens, salienta que o jornal não pode deixar que se acumulem resultados deficitários. «Le Monde» perdeu cerca de 18 milhões de francos em 1982. O seu défice deveria ser da mesma ordem em 1983, mas também em 1984 e 1985, se a tendência não se alterar.

Em Junho último, um programa de poupanças tinha sido adoptado, incluindo o não pagamento de um prémio anual, cerca de cinquenta reformas antecipadas, acompanhado de um empréstimo de 5 milhões de francos.

Mas estas medidas não chegaram, pois o défice previsto para o próximo ano deve ser de 3,4 a 9 milhões de francos, segundo boas fontes. Por isso, Laurens prevê para 1984 mais de um centena de saídas do jornal, numa base voluntária, de trabalhadores com idades entre os 55 e os 60 anos.

Catedrático francês no CFJ

O catedrático francês Pierre Ibast orientou hoje um colóquio sobre «A problemática da Imprensa francesa contemporânea», reservado a cooperantes e alunos do Centro de Formação de Jornalistas.

A sessão realizou-se às 15 horas no Centro de Literatura da Faculdade de Letras do Porto.

Aprovado uso da força pública

Peniche: "guerra ou paz" para clandestinos do Baleal?

A Câmara de Peniche deliberou proceder a mais uma tentativa de demolição das casas clandestinas das Arribas do Baleal, pelos seus próprios meios – disse o presidente da edilidade.

O autarca, José Maria Malaquias Antunes, eleito pela lista do PS, frisou que apenas na reunião de ontem da vereação «foi aventada a hipótese de a Câmara requisitar a força pública» para apoio à demolição das casas, mas que o executivo camarário deliberou não optar ainda por esta via.

A Câmara de Peniche, desde que em 7 de Junho decidiu fixar o prazo limite até 31 de Outubro para os proprietários de habitações clandestinas na zona das Arribas do Baleal retirarem as suas casas – acrescentou o autarca – «já tentou por quatro vezes proceder às demolições pelos seus próprios meios», sem êxito.

José Maria Antunes referiu que a deliberação da Câmara foi acatada voluntariamente apenas por cerca de 40 dos 140 proprietários de habitações clandestinas do Baleal e afirmou não poder divulgar a data em que a Câmara procederá a nova tentativa de demolições, porque as anteriores vezes «verificou-se que pessoas apareceram nas suas casas, quando anteriormente lá não estavam».

A edilidade penichense – frisou – está disposta a estudar alternativas para os proprietários de habitações clandestinas, mas desde que «haja primeiro da parte destes uma demonstração de boa vontade, acatando a deliberação da Câmara voluntariamente», porque esta «não pode actuar sob pressão».

Não basta haver diálogo

O ponto de partida para encontrar soluções, disse José Maria Antunes, tem de ser essa «demonstração de boa vontade», «porque não basta haver diálogo, que sempre tem havido, são também precisas alternativas concretas».

O presidente da Câmara de Peniche referiu que de facto a anterior vereação adquiriu um terreno de 10 hectares «com o espírito» de com ele poder constituir alternativa para os proprietários das habitações clandestinas do Baleal, mas que o actual executivo camarário ainda não se pronunciou sobre este caso.

«Tem que haver uma ponte de maleabilidade» – disse, frisando, mais uma vez, que aquela ou outras alternativas serão consideradas a partir da «demonstração de boa vontade» dos proprietários das habitações clandestinas, que estes «primeiro cumpram a lei».

«A Câmara podia não se preocupar com a questão das alternativas. Dizer: «são clandestinos e, portanto, o que há que fazer é demolir». Mas não tem sido essa a nossa prática» – afirmou, salientando que a edilidade sabe que existem várias situações diferentes, desde as pessoas que têm, na Câmara, terreno e casa, às que construíram habitação de férias num terreno camarário, às que ali residem todo o ano.

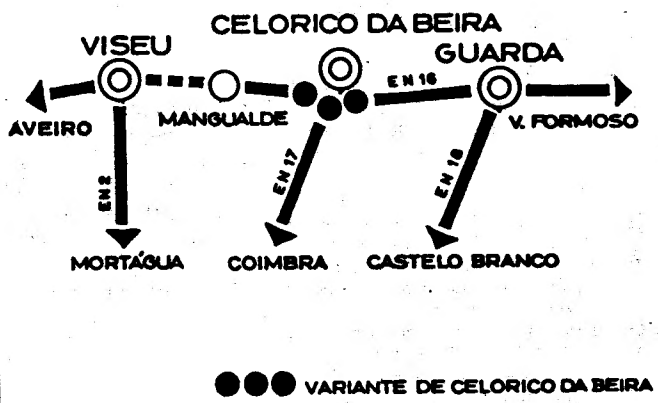
MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL • SECRETARIA DE ESTADO DAS OBRAS PÚBLICAS

JAE

SERVIÇO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

ITINERÁRIO PRINCIPAL Nº 5 (Aveiro/V.Formoso)

LANÇO D - VARIANTE DE CELORICO DA BEIRA



Informa-se que no próximo dia 8 de Dezembro será inaugurado o lanço D do Itinerário Principal nº 5 (Aveiro/V.Formoso), VARIANTE DE CELORICO DA BEIRA.

Este lanço, que visa evitar a travessia de Celorico da Beira, engloba-se num conjunto de troços que virão a constituir uma ligação rodoviária tipo via rápida, da Beira Alta ao Porto de Aveiro, à zona litoral e à fronteira espanhola, integrando-se nas grandes vias de circulação internacional.

Com uma extensão de 6 Km, este empreendimento que é o segundo do IP5 a ser concluído (o primeiro foi o lanço Prime/Mangualde), importou em cerca de 300 000 contos.

Baixa nítida nos últimos 10 anos

Mulher portuguesa é menos fértil

A fertilidade das mulheres portuguesas diminuiu 21 por cento nos últimos dez anos – revela um inquérito cujos resultados foram agora apresentados em Lisboa.

Este inquérito, realizado pelo Centro de Estudos Demográficos do Instituto Nacional de Estatística (INE) e pela Comissão da Condição Feminina, foi orientado pela World Fertility Survey, organismo internacional que, desde 1974, vem a desenvolver um estudo sobre a fertilidade em 62 países.

«Trata-se do maior inquérito social em toda a história humana» – afirmou V.C. Chidambaram, da Word Fertility Survey, que salientou o apoio financeiro do Fundo das Nações Unidas para as Actividades sobre População (FNUAP) na realização do estudo.

O inquérito português à fertilidade inclui-se no inquérito mundial à fecundidade, programa internacional de investigação cuja finalidade é avaliar a situação actual da fecundidade das populações humanas em todo o mundo.

A partir de ontem e durante três dias técnicos da Comissão da Condição Feminina, do Centro de Estudos Demográficos do INE e da World Fertility Survey analisarão os dados recolhidos entre Outubro de 1979 e Julho de 1980, em entrevistas a 5148 mulheres portuguesas entre os 15 e os 49 anos que já tenham sido casadas.

O objectivo deste inquérito foi obter dados científicos que permitissem conhecer o comportamento da fertilidade da população portuguesa e os factores que o influenciam – afirmou Isabel Romão, da Comissão da Condição Feminina.

O questionário utilizado em Portugal foi uma variante do questionário base da World Fertility Survey para uso nos países de baixa fecundidade, entre os quais se inclui Portugal.

O inquérito português à fertilidade permitiu concluir que a dimensão do local de residência tem um efeito negativo na fecundidade, o que faz com que as mulheres, em Lisboa, tenham menos filhos do que as que vivem em localidades com menos de dez mil habitantes.

Nas mulheres não católicas regista-se uma fecundidade inferior às católicas e as mulheres que possuem educação secundária são as que apresentam a percentagem de fertilidade mais baixa, tendo cerca de 1,5 menos filhos do que as mulheres sem instrução ou com a primária incompleta.

O declínio na fertilidade das mulheres portuguesas nos últimos dez anos é particularmente acentuado no grupo etário entre os 35 e os 39 anos.

O estudo apurou ainda que 8 por cento de todos os primeiros nascimentos se devem a falhas no uso da contracepção, percentagem essa que sobe para 27 por cento de todos os segundos nascimentos e para 32 por cento de todos os seguintes.

Vilar Formoso: a pior maneira de entrar em Portugal

Quem entra ou sai de Portugal pela fronteira de Vilar Formoso depara com um aspecto degradado daquela que é considerada como a principal porta rodoviária e ferroviária do país com a Europa. Estradas sinuosas e estreitas, de quando em vez com buracos e sulcos na via que serve esta localidade, paredes meias com a Espanha. Protestos, esperas e demoras são o dia-a-dia deste posto, na ausência de estruturas que possibilitem condignamente o exercício do trabalho aduaneiro e fiscalizador.

Um aspecto da estação ferroviária de Vilar Formoso

A fronteira de Vilar Formoso com Fuentes de Onoro (Espanha) é, em vésperas de mais uma época de intenso movimento rodoviário, um local carecido de tudo um pouco.

Sem condições, Guarda Fiscal e funcionários alfandegários trabalham em caravanas que, segundo responsáveis locais, nem peças sobressalentes existem já para suprir as carências de conforto nestes locais.

Um guarda-fiscal convidou o repórter a constatar no local a inexistência de vidros nas janelas, de aquecimento, ventilação, espaço ou simplesmente condições de trabalho. Os vidros partidos contrastavam com a temperatura de cerca de dois graus negativos que se fazia sentir em Vilar Formoso.

«No Verão, com o calor» – disse o guarda – «não podemos aqui estar dentro, pois nem ventoinhas possuimos».

Um agente da Guarda Fiscal recordou prometidas cabinas que facilitariam o trabalho à semelhança do que acontece em outras fronteiras europeias.

Contudo, e apesar de prometidas há três anos aproximadamente, a sua vinda para Vilar Formoso nunca se realizou e impede mesmo a instalação de terminais de computador para controlo de tráfego de pessoas e mercadorias.

Se por um lado é a principal entrada por terra de turistas e emigrantes, os protestos destes contra «tudo e todos» são um elemento do quotidiano da fronteira.

Mercê de legislação em vigor e das exigências alfandegários, a bagagem de qualquer veículo é inspeccionada rigorosamente.

Assim, o emigrante que definitivamente regressa ou que passa temporariamente um tempo em Portugal, tem que, perante os olhares curiosos das gentes que por aqui passam, despejar os bens na via pública. Desta forma se acumulam no passeio ou na passagem de turistas e veículos comerciais, objectos desde a panela de cozinha ao colchão ou fogão, da bicicleta aos montes de cobertores.

«É desolador que não haja um local apropriado para esconder este espectáculo aos turistas», disse um guarda-fiscal na altura a fiscalizar o trânsito.

Os protestos são mais violentos por parte dos emigrantes quando estes «mercê da lei» têm de pagar direitos sobre aquilo que trazem para Portugal.

O facto deve-se essencialmente às facilidades concedidas nas fronteiras francesa, alemã e espanhola, ao contrário dos obstáculos de travessia da fronteira portuguesa.

A linha de separação entre Portugal e Espanha é visível quer pela marca no solo quer ainda pelo estado de conservação.

Enquanto que do lado espanhol e com o limite do pavilhão deste país, a linha está ajardinada e a fronteira sem grades ou caravanas, do lado português ervas daninhas e lixo acumulam-se em local destinado a canteiros.

Do lado espanhol, a fiscalização, banco, seguros de fronteira, transportes internacionais e demais serviços policiais e administrativos, funcionam num só edifício.

As carências da fronteira de Vilar Formoso são ainda visíveis no piso, onde sulcos com mais de 20 centímetros de profundidade motivaram já o embate de veículos nas barras alfandegárias, enquanto que uns tantos baloiços e oscilações movimentam as pesadas cargas dos veículos vulgarmente conhecidos por «TIR».

O parque para autocarros e veículos pesados não tem abrigos ou resguardos para pessoas, não obstante o frio intenso de Inverno e o calor de Verão que nestas paragens é forte e seco.

O viajante nem sempre pode encontrar no restaurante, posto de turismo da fronteira, o serviço pretendido, ou por falta disto ou daquilo ou simplesmente por «avaria».

Isto aconteceu nos primeiros dias de Dezembro quando, exaustos, emigrantes que no domingo chegaram a Portugal, queriam simplesmente uma torrada e um galão.

Animam a fronteira os vendedores, em número mais reduzido no Inverno, mas que ali vendem os produtos regionais ou os rebuçados e chocolates que se podem comprar em Espanha, de onde são oriundos.

Vilar Formoso é, assim uma fronteira carecida, que serve de porta principal de entrada em Portugal de turistas e emigrantes e dos contrabandistas do «dia-a-dia» que do lado espanhol trazem doçaria, carne de porco, bacalhau e pantufas.

E quando as dificuldades na fronteira surgem, qualquer carreiro próximo servirá de passagem...

José Domingos, Anop/«DL»

Se a segurança não for reposta

Secundária da Cidade Universitária em risco de encerrar

A falta de segurança da Escola Secundária da Cidade Universitária, em Lisboa, reveste formas diversas das que habitualmente vêm a público: não são relógios, nem ouro ou dinheiro, nem casacos nem passes sociais o que se rouba. É a tranquilidade e o direito à integridade física o que desconhecidos roubam ou pretendem roubar à população desta escola.

Constituída por diversos pavilhões e cercada por uma rede frágil, a secundária da Cidade Universitária situa-se na Rua Professor Aníbal Bettencourt, num local isolado, sem policiamento nem iluminação, tendo por próximo hortas e moradias particulares.

Desconhecidos (alguns pensa-se que são provenientes dum bairro degradado próximo, o «Cambodja») exibem-se descompostos, junto ou dentro da cerca da escola, provocam, ameaçam e agridem. Recentemente, um grupo de alunos foi barbaramente agredido tendo um ficado em risco de cegar. Professores recebem ameaças, até de morte.

Mas a gota que fez transbordar a taça da paciência e da capacidade de espera da população escolar (professores, alunos e restante pessoal, e respectivos famílias, foi a violação recente, também por desconhecidos, duma aluna de 21 anos, do décimo segundo ano quando, ao fim da tarde, se dirigia para a escola.

Reunido de emergência, o conselho pedagógico da secundária da Cidade Universitária, analisou a situação e concluiu que a escola pode vir a encerrar se a Câmara Municipal de Lisboa não providenciar no sentido de os candeiros de iluminação pública serem providos das respectivas lâmpadas e a PSP não efectuar um policiamento permanente ao local.

Situação não é nova

Segundo várias opiniões há três anos que a Câmara Municipal de Lisboa não repõe as lâmpadas nos candeeiros da iluminação pública e a PSP só desde a passada quarta-feira é que montou vigilância à escola.

Os horários das aulas prolongam-se até às 21 horas e 30, tornando-se perigoso andar nas imediações da escola a sós.

A seguir à violação já aludida, os 4200 alunos e 300 professores e empregados, organizaram-se em grupos para saír ou entrar na escola, sobretudo quando o têm de fazer de noite.

A comissão instaladora vem diligenciando para que as carências sejam superadas, mas, por exemplo, em relação ao policiamento, a PSP local tem alegado falta de efectivos, nomeadamente porque nesta zona vivem vários membros do Governo, inclusivamente o Primeiro-Ministro, que carecem de protecção especial.

Esta é, porém, a segunda violação que se verifica neste local, porquanto já no ano passado, uma aluna da vizinha Faculdade de Farmácia foi igualmente violada num terreno próximo.

A PSP fez já, pelo menos, uma prisão, desconhecendo-se, todavia, quais as consequências.

Esta escola, à semelhança de tantas outras, foi construída há quatro anos provisiriamente, não dispõe de pavilhões gimnodesportivos, nem laboratórios, entre outras carências. É, pois, um exemplo mais de como vai (pessimamente) o ensino oficial no nosso País.

A Secundária da Cidade Universitária fica nas traseiras da Biblioteca Nacional

Com um ano lectivo marcado tão gravemente logo no primeiro período, que poderá acontecer se, efectivamente, os responsáveis não atenderem às necessidades da escola?

Função Pública do Norte exige "estabilidade de emprego"

A «falta de estabilidade de emprego, os despedimentos e os contratos a prazo» constituíram os três pontos principais de uma conferência de Imprensa ontem promovida no Porto pelo Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Norte (STFPN).

«Medidas urgentes e imediatas para assegurar a estabilidade de emprego na Função Pública» foram preconizadas na reunião, bem como a «eliminação das desigualdades e discriminações dos trabalhadores da Função Pública (TEP) face aos demais trabalhadores, estendendo à Administração Pública os direitos e princípios constitucionais dos trabalhadores».

«Hoje pode afirmar-se, com plena legitimidade, que não há garantias de estabilidade de emprego na Função Pública – o direito à segurança no emprego, com a dignidade constitucional de direito fundamental (art. 53.º) está gravemente ameaçado no sector da Administração Pública» – afirmaram.

Os promotores da conferência de Imprensa disseram que «o processo de reestruturação de diversos serviços da Administração Pública e a criação de novos organismos após o 25 de Abril de 1974 permitiu, pelo recurso às regras de primeiro provimento dos lugares dos quadros, que neles fossem integrados muitos trabalhadores que até aquela altura estavam vinculados à Administração de forma precária».

«No entanto – frisaram – esta tendência cedo foi contrariada por medidas legislativas de forte restrição ao recrutamento na Função Pública, fundadas em alegadas necessidades de contenção de gastos públicos e na peregrina ideia, perfilhada pelos governos, da existência de excedentes na Administração Pública».

Falaram também das restrições à admissão de pessoal, disposições sobre mobilidade, elaboração de diplomas orgânicos e outras medidas sobre efectivos e consideraram que «a necessidade de garantir a estabilidade de emprego em todos os funcionários e agentes e a existência de multiplas situaçoes de subemprego na Função Pública, constituem problemas cuja solução não pode ser adiada por mais tempo».

Frente Comum reúne-se com Almeida Santos

A Comissão Negociadora Sindical da Frente Comum de Sindicatos da Função Pública reune-se entretanto às 15 horas hoje com o ministro de Estado e dos Assuntos Parlamentares, Almeida Santos, que tutela a Administração Pública, com o objectivo de analisar as reivindicações dos trabalhadores do sector, nomeadamente dos salários a vigorar em 1984.

A CNS recorda que «foram necessários quatro meses de luta para um membro do Governo (o SEAP) receber a CNS no dia 23 de Novembro» e que mesmo assim «são ainda pouco claros os propósitos de diálogo e negociação por parte do Governo».

Segundo um comunicado da Comissão Negociadora Sindical da Frente Comum, «o SEAP continua a manifestar a disposição de apenas negociar salários para 1984 depois de aprovado o Orçamento de Estado». E acrescenta que, «por outro lado, o Governo aprovou no último Conselho de Ministros as alterações ao estatuto disciplinar, quando só no dia seguinte seriam discutidas com os sindicatos da Frente Comum.

A CNS «considera que esta reunião com o ministro da Tutela «deverá representar um novo espírito negocial por parte do Gverno que deverá apresentar propostas concretas quanto aos salários e demais reivindicaões.

Depois de considerar que «existe no O.E. verba suficiente para satisfazer» as reivindicações do sector, a CNS termina afirmando que os trabalhadores da F.P. continuarão a lutar « certos de que lhes assiste a razão, como demonstrou o juiz do Trribunal de Polícia que absolveu os 23 sindicalistas detidos quando efectuavam uma vigília de 24 horas frente à residência oficial do Primeiro-Ministro para exigir a abertura das negociações».

Pacote «antilaboral»

Os promotores referiram-se ao «pacote antilaboral» de Maio de 1982 e sublinharam que as medidas legislativas restritivas tendentes ao controlo e à limitação das admissões de trabalhadores «revelaram-se desajustadas e inadequadas à realidade, criando novos problemas à gestão de pessoal sem fornecer os meios para a sua solução».

Revelaram que num pequeno inquérito a serviços e organismos públicos da zona Norte, o sindicato constatou que mais de 1500 trabalhadores encontram-se com contratos a prazo e que só nos hospitais do distrito do Porto existem presentemente 495 trabalhadores com contratos a prazo, com duração de seis meses ou de 90 dias.

Face a estas e outras situações o STFPN exige como medidas imediatas para assegurar a estabilidade de emprego na Função Pública a «anulação dos despedimentos, sem infracção disciplinar correspondente, efectuados no ano de 1983, de trabalhadores em regime de subordinação com mais de um ano de serviço permanente a tempo completo».

A «proibição de despedimentos sem justa causa» constitui a segunda exigência, que integra o fim dos contratos a prazo incerto e a revogação do artigo terceiro do Decreto-Lei 49 397, que permite a manutenção dos contratos a prazo sem limite».

A revogação do Decreto-Lei 167/82 (pacote dos excedentes), integração nos quadros de todos os trabalhadores com mais de uma no de antiguidade a exercer funções de natureza subordinada a permanente e a obrigatoriedade de concurso público para as novas admissões de trabalhadores» foram também exigidas.

Autarquias recusam colaborar na aplicação do "lay-off"

As autarquias do distrito de Lisboa e Setúbal recusam «terminantemente qualquer colaboração com o Governo na aplicação oportunista da chamada «lay-off» a pretexto de prejuízos causados pelas cheias ou qualquer outro» – afirma uma declaração hoje divulgada e subscrita pelos presidentes das Câmaras Municipais de Vila Franca de Xira, Sobral do Monte Agraço, Azambuja, Loures, Santarém, Setúbal, Barreiro, Santarém, Alcochete e Palmela.

O documento refere uma reunião convocada pelo Governo com as câmaras do distrito de Lisboa, a Câmara de Setúbal e a Associação dos Municípios do distrito de Setúbal, em foi tentado «envolver câmaras e juntas de freguesia na aplicação da lei dos despedimentos, a pretexto de prejuízos criados com as recentes inundações».

«A tentativa do Governo – dizem os autarcas – de aproveitar os reais e graves prejuízos decorrentes das cheias para tentar demonstrar que o diploma (do «lay-off») pode contribuir para resolver dificuldades dos trabalhadores ou das empresas demonstra a mais completa falta de escrúpulos e um miserável aproveitamento de situações, por vezes dramáticas, para tentar a aplicação prática de uma lei da qual não resultará a resolução de nenhum problema mas o agravamento da situação dos trabalhadores e do clima social nos nossos concelhos».

O documento diz também que «às empresas afectadas é necessário prestar todo o apoio necessário por meio de créditos e subvenções especiais, em vez de se pretender despedir trabalhadores e diminuir os salários, o que aliás a generalidade das empresas nem sequer solicitou».

Os presidentes das câmaras afirmam que continuarão a empenhar-se «em que o Governo assuma as suas responsabilidades, pondo termo ao corte da assistência aos desalojados, garantindo as autarquias os subsídios, previstos para os casos de calamidade pública e circunstâncias anormais e prestando os apoios necessários aos estabelecimentos comerciais, industriais e agrícolas atingidos de forma a que estes retomem a sua normal laboração».

«É necessário – termina a declaração – que o Governo honre as suas promessas sem fugir às responsabilidades, sem tentar empurrá-las para as autarquias e sem se aproveitar da situação para a aplicação da lei dos despedimentos ou de outras medidas lesivas dos interesses dos trabalhadores».

Sorefame em luta pelo pagamento de salários

Os trabalhadores das unidades fabris da Sorefame, da Amadora e da Amora, que desde ontem se encontram paralisados, reúnem-se em plenário esta tarde, com início às 14 e 30, estando na disposição de prosseguir a luta para obrigar a administração a dar cumprimento a compromissos assumidos quanto ao pagamento de salários, segundo uma fonte sindical.

Um elemento da comissão intersindical afirmou que a administração se tinha comprometido a pagar 90 por cento dos salários nos primeiros dias de Dezembro, mas ontem divulgou uma nota em que anunciava que apenas poderia pagar sete mil escudos.

Face a esta situação – acrescentou – os trabalhadores decidiram em plenário paralisar a actividade e concentrarem-se junto à administração.

Decidiram também – disse – impedir a saída de viaturas da empresa porque «se não há dinheiro para salários não é justo que o haja para a circulação dos carros distribuídos aos quadros.

O porta-voz da CIT afirmou que os trabalhadores da Sorefame estão na disposição de manter a empresa paralisada até à resolução do problema.

De acordo com a mesma fonte, as forças da PSP destacadas para a empresa abandonaram o local cerca da meia-noite de ontem, depois de constatar que não havia sequestro de administradores.

O dirigente sindical realçou «a solidariedade da população da Amadora, que tem prestado aos trabalhadores apoio moral e em géneros.

Administração não se responsabiliza

Um outro informador da CIT declarou que «um membro da administração afirmou que os gestores da empresa se desligavam da sua problemática».

De acordo com a mesma fonte, o vice-presidente do conselho de administração salientou que « o Governo estava ao corrente da situação, pelo que os gestores da Sorefame não se responsabilizavam pelo que viesse a acontecer à empresa».

E acrescentou que «a administração se comprometeu a analisar a proposta de viabilização da empresa, mas que entregou toda a documentação referente ao assunto ao IPE, sem consulta prévia aos órgãos representativos dos trabalhadores».

A Sorefame é uma empresa de metalomecânica pesada, com fábricas na Amadora e Amora, que emprega cerca de quatro mil trabalhadores, três mil dos quais na Amadora.

O Estado, através do IPE, detém mais mais de 80 por cento do capital da empresa.

Vigilantes poderão paralisar 24 horas

Os trabalhadores do sector de vigilância poderão paralisar 24 horas durante o corrente mês caso saiam frustradas as negociações para a revisão do ACT, marcadas para os dias 14 e 15 deste mês, no Ministério do Trabalho.

Esta deliberação foi decidida segunda-feira no final dos diversos plenários realizados em todo o País e surge na sequência da tomada de posição patronal que resolveu romper as negociações directas.

As entidades patronais não pretendem ir além dos 16 por cento nos aumentos salariais recusando-se, por outro lado, a discutir cláusulas tão importantes como os subsídios de rotação de turnos e de alimentação ou as novas categorias profissionais.

Mineiros

Os trabalhadores das minas da Panasqueira assinaram um documento a apresentar em tribunal exigindo da empresa o pagamento de seis horas descontadas há cerca de cinco meses.

Aquelas horas foram cortadas pela Beralt Tin and Wolfram de Portugal durante a greve de mais de um mês ocorrida nas minas em defesa de reivindicações salariais e sociais.

Paralisação na CP

Os trabalhadores da CP paralisam durante quatro horas no próximo dia 12, como forma de luta pelo pagamento dos salários de Novembro e pelo desbloqueamento da situação dos reformados.

Centrais sindicais socialistas propõem

Acções comuns de todos os sindicalistas para eliminar o perigo da guerra

«Eliminar o perigo de guerra através de acções comuns» é a ideia-base de um apelo que as Centrais Sindicais dos países socialistas acabam de enviar a todos os sindicalistas europeus e, através deles, aos trabalhadores da Europa.

«É num momento de extrema gravidade que nos dirigimos a vós. Nunca antes o futuro do nosso continente e a existência da civilização humana estiveram tão directamente ameaçados como no presente» — assim começa o texto do apelo que a cooperativa de actividade científica «Diálogo», que participou na Assembleia Geral da Federação Mundial dos Trabalhadores Científicos, acaba de receber para, entre nós, o divulgar.

Nesse texto as Centrais Sindicais dos países socialistas lembram que «crescem de forma perigosa os arsenais de armas nucleares» e que «a Europa e todo o planeta podem ser transformados num só instante num túmulo terrível e silencioso da raça humana e da sua civilização de milhares de anos».

«A instalação de novos mísseis americanos teria consequências inevitáveis» — diz ainda o apelo. «Constituiria o início de uma nova escalada armamentista com todas as negativas consequências políticas, militares e sociais inerentes.»

Partindo do princípio de que «a segurança e a paz dos povos requerem o desarmamento geral e particularmente o nuclear», os sindicalistas socialistas recordam que «apesar de vivermos em países com sistemas sociais diferentes temos interesses comuns» e afirmam que «a Europa tem que ser um continente de paz e cooperação em prol dos povos». «A paz pode ser salvaguardada se a agarrarmos bem nas nossas mãos» — concluem.

Acções comuns

O texto sublinha igualmente que «não devemos fechar os olhos perante a verdade terrível — a corrida aos armamentos exige enormes meios materiais e priva do trabalho produtivo milhões dos mais qualificados trabalhadores, especialistas e cientistas». Estes recursos gigantescos «podiam ser utilizados para a solução dos problemas sociais mais importantes — para a criação de novos postos de trabalho e a eliminação do desemprego, para o combate à inflação, para a protecção do meio-ambiente, para vencer o atraso e para apoiar os países em vias de desenvolvimento, bem como para aumentar o bem-estar dos trabalhadores».

Neste contexto, «o tempo urge. Trata-se de agir antes que seja demasiado tarde» — lê-se no apelo que afirma seguidamente:

«Com acções cada vez mais eficazes, os sindicalistas, as suas centrais nacionais e todos os que amam a paz em todos os países do nosso continente exigem:

— a não concretização da instalação de novas armas nucleares na Europa e a redução das existentes na base da igualdade e igual segurança;
— continuação da negociação e paragem da corrida aos armamentos;

— solução de todas as questões em discussão entre os Estados através de negociações;
— conclusão de um Tratado sobre a renúncia recíproca ao uso da força militar e sobre a manutenção de relações pacíficas entre os Estados filiados no Tratado de Varsóvia e no Pacto do Atlântico Norte;

— que todas as potências detentoras de armas nucleares assumam o compromisso de não empregar em primeiro lugar armas nucleares;
— a criação de zonas desnuclearizadas na Europa;
— uma Europa livre de quaisquer armas nucleares.»

Por fim os subscritores do apelo declaram-se «profundamente convencidos de que se pode deter um ulterior agravamento da situação na Europa» e acrescentam:

«Estendemo-vos a mão para acções comuns, unidas e fortes pela defesa da paz e da vida no nosso continente, pelo desanuviamento e desarmamento, pela segurança e cooperação na Europa. A Europa precisa de confiança — nós é que podemos criá-la! A Europa precisa de Paz — nós é que podemos defendê-la! A Europa precisa dum futuro luminoso — nós é que podemos conquistá-lo!»

Metalúrgicos em luta pelo CCT e salários

Milhares de trabalhadores metalúrgicos concentraram-se ontem em Lisboa, Porto, Aveiro e Braga, frente ao Ministério do Trabalho e nas respectivas delegações, a fim de exigirem que o Governo intervenha nas empresas com salários em atraso, no sentido de obrigar o patronato a resolver a situação que afecta mais de 30 mil operários. Nas concentrações, durante as quais houve uma paralisação no sector, foi ainda exigido o desbloqueamento das negociaçoes do contrato colectivo de trabalho. Na resolução aprovada nas concentrações exige-se igualmente a demissão do secretário de Estado do Trabalho e manifesta-se a disposição de prosseguir a luta «responsabilizado o patronato e o Governo, em especial o Primeiro-Ministro e o ministro do Trabalho pelas suas consequências».

24 horas

Turgut Ozal

O chefe do Estado turco, general Kenan Evren, designou hoje Turgut Ozal (de 56 anos), dirigente do partido da «Mãe-Pátria», para primeiro-ministro do «governo civil» que deve ser formado depois de três anos de regime militar. Turgut Ozal, antigo vice-primeiro-ministro encarregado dos Assuntos Económicos, durante 22 meses, depois do golpe de Estado de Setembro de 1980, fundara o partido da «Mãe-Pátria» em Maio.

A sua formação obteve a maioria absoluta nas eleições legislativas que decorreram em Novembro, com 211 dos 400 lugares da «Grande Assembleia Nacional da Turquia».

Hani El Hassan na Jordania

Hani El Hassan, membro do comité central do principal movimento palestiniano – «fatah» – e conselheiro de Yasser Arafat, presidente do comité executivo da OLP, chegou ontem à noite a amã, soube-se de fonte palestiniana informada na capital jornada. Hani El Hassan terá conversações relativas à situação em Tripoli e à próxima visita de Arafat à Jordânia. O rei Hussein tinha anunciado, numa entrevista concedida recentemente, que o chefe do comité executivo da OLP seria bem-vindo a Amã.

Yasser Aratat confiornara, em declarações feitas alguns dias depois, que tinha vontade de se deslocar à Jordânia depois da sua partida de Tripoli.

Schultz em Bona

O secretário de Estado americano, George Shultz, chegou ontem à noite a Bona, para uma breve visita à RFA, antes da reunião do conselho da NATO, que terá lugar amanhã e sexta-feira em Bruxelas. George Shultz deve examinar com os seus interlocutores – o ministro dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher, e o chanceler Helmut Kohl – o estado das relações Leste-Oeste depois da ruptura das negociações «euroestratégicas» de Genebra, bem como a situação que reina no Médio Oriente.

Mais 200 mil desempregados no Chile

O Governo chileno decidiu, ontem, suprimir 200 mil empregos, no mínimo, depois de ter acusado o Partido Comunista Chileno (PCCH) de fazer agitação política no seio dos trabalhadores abrangidos pela medida, soube-se em Santiago. Segundo o governador da capital chilena, general Robert Guillard, o plano de emprego mínimo (PEM) e o programa de actividades para os chefes de família (POJH), que ,ermitiam que os desempregados tivessem uma actividade, contra um salário mensal, indo de 25 a 43 dólares, foram abandonados, «devido à ineficácia desses programas e à sua fraca rentabilidade social». Os projectos fixados por esse plano «foram utilizados por agitadores», acrescentou o governador, que acusou o Partido Comunista de se ter infiltrado politicamente no seio dos trabalhadores. Onde é que já ouvimos isto?

Jaime Betancur libertado

O advogado Jaime Betancur, de 53 anos, irmão do presidente colombiano, Belisardo Betancur, foi libertado hoje e encontra-se de boa saúde, soube-se de fonte informada. Quatro jornalistas colombianos convocados por elementos do «Exército de Libertação Nacional» (ELN) deslocaram-se ao local de detenção.

Foram mais cinco

Cinco negros sul-africanos condenados à morte por assassínio foram enforcados na prisão central de Pretória, indicou ontem o Ministério da Justiça da África do Sul. Esta nova série de execuções eleva a dez o número de supliciados na forca em menos de uma semana, na capital sul-africana. No ano passado foram executados na África do Sul cem condenados, entre os quais um branco. Segundo a organização humanitária «Amnesty Internacional», este número representou 6 por cento das execuções recenseadas em 1982 em todo o mundo, por crimes de direito comum.

A situação no Peru

O Governo peruano decretou o estado de emergência em mais duas províncias dos departamentos de Ayacucho e Hauancavélica. A medida será aplicada por 60 dias nestas províncias, que ficaram sob o controlo do comando político-militar da zona de emergência, com base na alegação de que surgiram «focos de terrorismo» locais. Estavam até então sob estado de emergência nove províncias, nos departamentos de Ayacucho, Apurimac e Huancavélica, no sudeste do Peru. Entretanto, 30 familiares de presos acusados de serem membros da organização guerrilheira maoísta «Sendeiro Luminoso» ocuparam a sede do Ministério da Justiça em Lima. Exigem um encontro com o ministro, Ernesto Alayza, sobre a situação dos seus familiares, dos quais pelo menos 16 teriam sido feridos em distúrbios registados na prisão.

Nevoeiro provoca mais um acidente aéreo

Cem mortos na colisão de dois aviões em Madrid

Cem mortos e apenas 20 sobreviventes, alguns feridos em estado grave, é o balanço do trágico acidente ocorrido esta manhã pelas 9h45 tmG no aeroporto madrileno de Barajas.

Quando se preparava para descolar e seguia a 175 km/h, um Boeing-727 da Ibéria chocou com um DC-9 da Aviaco, que rodava a 20 km/h. O intenso nevoeiro que se fazia sentir esta manhã na região do aeroporto, e que, na altura do acidente, tinha reduzido a visibilidade para apenas 5 metros, parece ser o responsável de mais esta tragédia aérea. Aliás, em toda a manhã apenas um avião vindo de Barcelona tinha aterrado em Barajas. Um informador da torre de controlo afirmou que não tinha explicações para o acidente, embora reconhece-se que o levantamento de voos com nevoeiro é perigoso, «mas habitualmente faz-se».

Os 37 passageiros e tripulantes que seguiam a bordo do DC-9, com destino a Santander, morreram todos depois da explosão que se seguiu ao impacto. Dos 84 passageiros mais os tripulantes que iam no aparelho da Ibéria com destino a Roma, apenas haverá 20 sobreviventes entre os quais toda a tripulação.

Cadáveres alinhados na pista de Barajas

Pandemónio na pista

Em contacto com a Rádio Nacional de Espanha, o «DL» apurou que, segundo as informações disponíveis, nenhum cidadão português seguia a bordo dos aviões sinistrados. O Boeing-727 transportava um grupo de 42 japoneses, cidadãos italianos (entre os quais um padre) e alguns árabes (marroquinos e argelinos) que pereceram no acidente. Para além destas vítimas, morreram cidadãos espanhóis e um famoso pianista sul-africano, cuja identidade precisa ainda não foi divulgada.

Por outro lado, sabe-se que o campeão mundial de golfe, Severiano Ballesteros, que tinha bilhete reservado no DC-9 da Aviaco, decidiu antecipar o seu regresso a Santander, tendo abandonado ontem a capital espanhola.

Ainda segundo o jornalista da Rádio Nacional de Espanha com quem contactámos, viveram-se momentos dramáticos na pista. Quando os serviços de socorro chegaram ao local do acidente, do interior dos aparelhos em chamas, vários passageiros, envoltos em fogo, tentavam libertar-se da amálgama de destroços. O nevoeiro dificultou igualmente os serviços de socorro, tendo impossibilitado a autilização de helicópteros na recolha e transporte de feridos. Para que esta operação se efectuasse com a rapidez necessária, as autoridades viram-se obrigadas a fechar a estrada Barajas-Madrid, apenas aberta a ambulâncias e carros de emergência. Por outro lado, dada a dimensão da tragédia, e depois de um apelo inicial aos dadores de sangue, os hospitais de Madrid pediram que não lhes fosse enviado mais sangue.

Entretanto, as gravações da torre de controlo já foram retiradas para posterior análise, esperando os peritos que os bombeiros consigam extinguir o incêndio para depois (procurarem) as «caixas-negras» dos dois aparelhos. Será então possível determinar as causas concretas do acidente.

Ao princípio da tarde de hoje o aeroporto de Barajas permanecia encerrado, não se sabendo ainda quando abrirá ao tráfego aéreo.

Sexto acidente em seis meses

A colisão de hoje de manhã regista-se apenas oito dias depois da catástrofe do «Boeing» 747 colombiano, que se despenhou próximo da capital espanhola, provocando 181 mortos.

Durante os últimos seis meses, registaram-se no mundo outros quatro graves acidentes áreos.

A 11 de Julho, no Equador, um «Boeing» 737 da companhia «Tame» explodiu durante o voo, fazendo 119 vítimas.

Em Setembro, no dia 1, um «Jumbo» das «Korean Airlines», assegurava a ligação Nova Iorque-Seul, depois de se desviar da sua rota normal e de não ter respondido aos apelos do controlo aéreo soviético, foi abatido por caças da URSS quando sobrevoa a ilha Sacalina. Este acidente provocou a morte de 269 passageiros.

Vinte e dois dias depois, a 23 de Setembro, a 120 km do Emirato Árabe de Abu Dhabi, um aparelho da «Gulf Air» despenhou-se, tendo perecido no acidente 111 passageiros.

No final do mês passado, em 28 de Novmbro, um «Fokker» da companhia «Nigéria Airways» despenhou-se no norte do país, tendo provocado 53 mortos.

No entanto, o tipo de acidente ocorrido esta manhã em Barajas, colisão em terra, é muito raro.

Em 27 de Março de 1977, em Tenerife, nas Ilhas Canárias, dois «Jumbos» da «Pan Am» e da companhia holandesa «KLM» colidiram em terra, provocando a maior catástrofe da aviação comercial. O balanço foi, então, de 612 mortos.

Meses antes, a 10 de Setembro de 1976, um DC9» jugoslavo e um «Trident» britânico chocaram no ar sobre território jogoslavo. O acidente provocou 176 mortos.

EUA estão a criar o pretexto para nova invasão?

Somozistas dizem que vão criar governo em solo da Nicarágua

A denominada «Força Democrática Nicaraguaia» afirmou ontem, pela voz do seu dirigente Adolfo Calero, que a «FDN» possui o «domínio absoluto» de oito mil quilómetros quadrados da Nicarágua, e que nessa extensão irá colocar um «governo provisório» da Nicarágua. Será de recordar que a busca de um pretexto para a invasão, pelos Estados Unidos, daquele país da América Central dura há bastante tempo.

Foi numa conferência de Imprensa dada por Adolfo na capital das Honduras, que ele, se intitulou chefe do Estado-Maior da «FDN», composta sobretudo por antigos guardas da ditadura de Somoza, e afirmou que o seu «movimento», depois de instaurar tal governo, pediria para ser reconhecido por «todos os regimes democráticos».

Alfonso Callejas, que também se diz dirigente da «FDN», afirmou por sua vez, que se encontrou recentemente com Alfonso Rebelo. Este diz-se dirigente da denominada «Aliança Democrática Revolucionária», chefiada por Eden Pastora).

Segundo Callejas, os dois movimentos contrarevolucionários decidiram rejeitar as propostas de paz do Governo sandinista.

Curiosamente, o secretário de Estado norte-americano, Georges Schultz, congratulou-se com as propostas feitas pelo coordenador da Junta sandinista, Ortega, afirmando que elas poderiam ser o fundamento para a paz na América Central e Caraíbas.

Combates

Uma série de combates com aviões e navios-patrulhas hondurenhos no golfo de Fonseca e o recrudescimento da actividade da guerrilha comandada por Eden Pastora no Sul voltaram a chamar as atenções, no princípio desta semana, para as fronteiras da Nicarágua.

Desde a invasão americana de Granada, em meados de Outubro, todos os preparativos militares e os apelos do governo de Manágua visam sendo o povo nicaraguaio para fazer face a «uma invasão iminente».

No domingo, por três vezes, barcos pesqueiros e um navio da guarda costeira nicaraguaios foram atacados por aviões ou vedetas hondurenhas no golfo de Fonseca, no litoral do Pacífico.

Este incidente veio aumentar a já longa lista de incidentes entre unidades dos dois países nesse golfo estratégico ribeirinho da Nicarágua, das Honduras e de El Salvador.

Na segunda-feira, quando a denominada Aliança Revolucionária Democrática (ARDE), de Eden Pastora reivindicava, em San José (Costa Rica) a morte de 85 soldados sandinistas a 70 km da fronteira, as autoridades de Manágua denunciavam a existência duma conspiração visando criar um grave incidente entre a Costa Rica e a Nicarágua.

Ambici... das fo...

O «Eurogrupo» aprovou ont... grama de modernização das for... culado a uma maior participação ... nos planos da indústria militar d... comunicado final da reunião do ... que a «relação transatlântic... n... ser «o mais forte e coesa possív... possibilidades oferecidas pela ... âmbito do programa agora apro... viço na Europa Ocidental, no pr... de assalto, a maior parte dos qu... feiçados «Leopardo-2» ou «Cha...

SERÃO também adquiridos mais 350 veículos blindados e 60 peças de artilharia pesada, além de mais de 40 mil sistemas portáteis anticarro que vão dos mísseis guiados aos lança-rocketes de alcance curto mais ligeiros.

No aspecto da Força Aérea, 300 novas aeronaves serão postas em serviço em 1984, incluindo 260 aviões de combate, na sua maioria «F-16», e aviões «Tornado» aperfeiçoados.

O programa inclui também o reforço da defesa convencional com aviões de reabastecimento, de transporte e de detecção de longo alcance, além de outras aquisições previstas no sistema de telecomunicações e de radares no solo.

A mobilidade técnica será au... men... heli... Pa... ses... guir... equi...

O... con... serv... «De... bar... seis... mer... qua... qua... 20 ... -sub...

C... 196... Din... Gré... lan... qui...

Con... de R...

A controvérsia política a respeito do Líbano, adquiriu ontem maior amplitude em Washington, quando o senador democrata Gary Hart, reclamou que o Congresso seja mandado regressar de férias para exercer o seu direito de apreciação quanto ao empenhamento das Forças Armadas americanas naquele país.

Hart, candidato à investidura do Partido Democrata para as eleições presidenciais do próximo ano,considerou que, perante a escalada da violência no Líbano, o Congresso deve exigir do presidente que ele «defina claramente o que é a política americana para o Médio Oriente e o que é o objectivo da presença militar americana» no Líbano.

O Congresso entrou de férias há três semanas e não deve, em princípio, reunir-se antes do fim de Janeiro. Consdera-se improvável nos meios políticos, que o dirigentes adirem ao pedido de convocação de Hart.

Diversos membros da Comissão dos Negócios Estrangeiros tiveram, no entanto, uma reunião efepcional para ouvir «à porta fechada», altos funcionários do Pentágono e do Departamento de Estado a respeito da evolução da situação no Médio Oriente.

A primeira incursão aérea americana contra posições sírias no Líbano, que causou no domingo a perda dos dois aviões e a morte de oito «marines» no mesmo dia atingidos por tiros de artilharia, foi interpretada pela oposição democrata como o primeiro sinal duma escalada que poderá arrastar os Estados Unidos para um conflito generalizado com a Síria.

Sh...

C... Yit... tad... 4 r... pas... civ... seu... nes... rae... aos...

Es... tod... des... até... pu... pul... Co... U... cou...

"Eurogrupo" da NATO decide

...icioso programa de modernização ...s forças convencionais na Europa

...rovou ontem um ambicioso pro... ...o das forças convencionais vin... ...rticipação tecnológica da Europa ...a militar da Aliança Atlântica. No ...união do Eurogrupo assinala-se ...lântico: na indústria militar deve ...sa possível» para coordenar «as ...das pela nova tecnologia». No ...gora aprovado, entrarão em ser... ...tal, no próximo ano, 700 carros ...te dos quais serão carros aper... ou «Challenger».

...mentada através da aquisição de helicópteros de transporte.

Para as Forças Navais, os países do Eurogrupo irão prosseguir os seus programas de reequipamento.

Os planos para 1984 prevêem concretamente a entrada em serviço de oito fragatas ou «Destroyers» modernos, dez barcos de combate antiminas, seis petroleiros de reabastecimento, dois submarinos, um dos quais com propulsão nuclear, quatro vedetas rápidas e mais de 20 helicópteros de luta anti-submarina.

O Eurogrupo, constituído em 1968, é composto pela Bélgica, Dinamarca, RF da Alemanha, Grécia, Itália, Luxemburgo, Holanda, Noruega, Portugal, Turquia e Grã-Bretanha.

Reunião de ministros

O reforço dos armamentos convencionais é o principal tema da reunião dos ministros da Defesa da NATO, que se celebra hoje em Bruxelas, revelaram fontes próximas do Estado-Maior Atlântico.

A reunião do «Eurogrupo», que antecedeu o plenário ministerial de hoje, revelou a existência de uma forte oposição de alguns ministros europeus da Defesa ao plano de modernização dos armamentos convencionais, considerado incompatível com a política de redução das despesas militares seguidas pelos respectivos países.

Não está prevista nenhuma discussão sobre o tema dos «euromísseis» considerando-se, nos meios militares da NATO, que a questão ficou «encerrada» com a chegada à Europa dos primeiros mísseis Pershing II e de Cruzeiro.

No entanto, fontes próximas da reunião ministerial indicam que alguns representantes europeus tencionam pedir de novo ao secretário norte-americano da Defesa, Caspar Winberger, um «gesto de boa vontade» que prove o desejo dos Estados Unidos de chegar a um acordo em Genebra e permita aos soviéticos sentarem-se de novo à mesa das negociações.

Moscovo afirmou que os parceiros europeus dos Estados Unidos «tencionam continuar a incentivar a corrida aos armamentos», num comentário à decisão do «eurogrupo de implementar um plano de modernização das suas forças convencionais.

Na opinião do Kremlin, difundida pela agência soviética TASS, o comunicado final da reunião de dois dias do Eurogrupo «confirma mais uma vez a hiprocrisia das declarações dos atlantistas sobre o seu alegado apelo aos desarmamento».

A TASS salienta a recusa da Dinamarca e da Grécia em apoiar a tese favorável à instalação dos euromísseis e diz que, numa conferência de imprensa, o ministro da Defesa da Noruega, Anders Sjostad, «reconheceu, no essencial, que a Europa Ocidental está decepcionada com a política dos Estados Unidos que culminou no fracasso das negociações de Genebra».

Por sua vez, o órgão do PCUS «Pravada», escreve que o principal esforço dos Estados Unidos, na reunião ministerial de Bruxelas, consiste em impedir que sejam tornadas públicas divergências no seio da Aliança Atlântica acerca da instalação dos euromísseis.

Citando o principal porta-voa do Kremlin, o órgão do Partido Comunista Soviético afirma que as reuniões dos ministros da Defesa e dos Negócios Estrangeiros e dos Chefes de Estado-Maior da Aliança Atlântica, em curso em Bruxelas, têm como objectivo ratificar a instalação dos euromísseis e calar as divergências que ainda subsistem, sobre este tema, na NATO.

As pressões, acrescenta o diário soviético, são sobretudo dirigidas contra os governos da Bélgica e Holanda, cujos parlamentos ainda não autorizaram oficialmente a instalação de 'euromísseis nos respectivos territórios.

Segundo o «Pravda», as manobras militares recentemente realizadas pela NATO na Europa e outras regiões do Globo têm também a finalidade de convencer os indecisos e combater o desenvolvimento dos movimentos de protesto contra a corrida aos armamentos e a transformação do Velho Continente em cenário para uma guerra nuclear.

O «Pravda» conclui lembrando que a União Soviética avisou que não voltaria a sentar-se à mesa das negociações de Genebra antes de retirada dos Pershing II e mísseis de cruzeiro já instalados na Europa Ocidental, e que outras negociações, como as START sobre armamentos estratétigos, estão ameaçadas de ter o mesmo fim,, já que «ficou provado que os Estados Unidos não querem nenhum acordo de desarmamento.

Em Estrasburgo

A Turquia no banco dos réus

A comissão europeia dos direitos do Homem decidiu ontem investigar os casos de tortura de que é acusado o regime militar turco depois do golpe de Estado de Setembro de 1980.

Após três dias de discussão, a comissão de Estrasburgo considerou admissível a queixa contra a Turquia apresentada por cinco países europeus e fundamentada na violação dos direitos do Homem.

A delegação portuguesa na Assembleia do Conselho da Europa que não subscreveu esta queixa, tem vindo no entanto a pedir a exclusão da Turquia da instituição dos direitos do Homem, posição esta apoiada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros Jaime Gama quando na reunião do comité ministerial de fins de Novembro.

Em 1982, França, Holanda, Noruega, Suécia e Dinamarca apresentaram a queixa junto da comissão dos direitos do homem contra o regime militar turco invocando a violação do artigo três da convenção europeia que próibe a tortura e os tratamentos desumanos ou degradantes.

Estes países acusam ainda a Turquia de outras violações da convenção, nomeadamente os artigos que dizem respeito às restrições da liberdade política, do direito de associação e de reunião, da liberdade de pensamento, consciência, religião e Imprensa.

Depois, da imposição da lei marcial, os militares turcos suspenderam a aplicação de certas disposições da convenção, o que está previsto na convenção europeia «em tempo de guerra ou de perigo público ameaçando a vida da nação».

No entanto, os cinco países queixosos consideram que as medidas adoptadas pela Turquia vão muito além do que a convenção considera como sendo as estritas medidas que a situação exige.

Sobre os casos de tortura de que a Turquia é acusada, alguns deles reconhecidos publicamente, Ancara responde não se tratar de «uma prática administrativa sistemática pois os responsáveis foram inculpados».

A comissão europeia dos direitos do Homem poderá enviar em breve uma delegação à Turquia para instaurar um processo do qual poderá resultar a posterior expulsão do Conselho da Europa.

Situação idêntica foi a da Grécia dos coronéis, suspensa do Conselho da Europa em Dezembro de 1969, tendo reentado depois do restabelecimento das liberdades democráticas.

Desde 1959, data da entrada em vigor da convenção, foram apresentadas dez queixas inter-estados todas consideradas admissíveis.

Instituídos na Polónia

Grupos especiais controlam a vida social e económica

Os novos grupos operacionais do Exército, instituídos na segunda-feira ao longo de toda a Polónia que têm por missão «controlar toda a vida social e económica», entraram em acção na terça-feira, indicou à noite a agência PAP.

Segundo a agência oficial polaca, estes grupos operacionais compreendem, além de militares, civis representantes dos órgãos de controlo, da Prefeitura, do Movimento Patriótico de Renascimento Nacional (PRON, instituído pelo Poder) e conselheiros municipais.

Oficialmente constituídos devido à «perigosa tensão da situação internacional» para «analisar o estado de preparação para a defesa, o funcionamento da economia regional e dos serviços públicos, sobretudo dos transportes e comunicações, dos correios e telecomunicações, dos serviços de abastecimento da popula[illegible] esses grupos operacion[illegible] por finalidade, segundo a [illegible], «por trolar todos os domini[illegible] da vida socioeconómica» das [illegible]ões.

A agência indica, assim, que na Voivodia de Lublin (Sudeste) operaram 22 grupos operacionais (WGO).

As suas conclusões serão expostas, precisa a PAP, em reuniões com trabalhadores das grandes empresas e representantes das comunidades locais.

O secretário do PRON da cidade de Torun (Norte), Czeslaw Niezgoda, citado pela PAP, declarou, quanto a ele, abertamente que «os WGO controlam de novo todos os domínios da vida socioeconómica do Departamento».

...ondenada na América a política ...e Reagan para o Médio Oriente

...s- ...em ...in, ...ta ...n- ...ar ...di- ...ao ...ar- ...ele ...ura ...as ...ró- ...be- ...no ...gir ...na ...ica ...nte ...ça ...as ...em ...im ...ro- ...e o ...de ...is- ...os ...ão ...fe- ...do ...nto ...ão ...ea ...as ...lo- ...s e ...no ...de ...ela ...ri- ...ue ...ni- ...ali-

O senador Robert Byrd, chefe da minoria democrata na Câmara dos Representantes escreveu ao presidente Reagan censurando-o por haver violado, mais uma vez, a Lei dos Poderes de Guerra, ao não submeter um relatório ao Congresso a respeito da situação dos «marines» americanos no Líbano, conforme, teoricamente o devia ter feito antes de 29 de Novembro.

Quando obteve, em Setembro, o acordo do Congresso para a manutenção dos «marines» do Líbano, durante mais dezoito meses, o Governo Reagan tinha prometido que o seu papel no conflito não seria modificado. O senador republicano Larry Pressler declarou, após a sessão «à porta fechada» da Comissão dos Negócios Estrangeiros que os ataques aéreos às posições sírias tinham sido uma violação deste compromisso.

Shamir ameaça

O primeiro-ministro israelita, Yitzhak Shamir, reagiu ao atentado em Jerusalém, que causou 4 mortos e 43 feridos, entre os passageiros de um autocarro civil israelita, afirmando que os seus autores «não ficarão impunes» (Shamir regressava a Israel, depois de mais uma visita aos Estados Unidos).

«Os serviços de segurança do Estado de Israel desenvolvem todos os esforços possíveis para descobrir os responsáveis deste atentado que não ficará impune», afirma um comunicado publicado pela presidência do Conselho, israelita.

Um porta-voz da Polícia, indicou, pela sua parte, que o último atentado à bomba em Jerusalém, com consequências semelhantes, remonta a 19 de Setembro de 1979. Esse atentado, na Rua Ben-Yehouda, causou 3 mortos e numerosos feridos.

Partido Comunista Italiano

O Partido Comunista Italiano pediu «a retirada imediata do contingente italiano» da força multinacional no Líbano, num documento publicado no final de uma reunião da sua direcção, realizada em Roma.

O PCI convida igualmente o Governo italiano a «condenar firmemente a acção militar dos Estados Unidos» no Líbano e a sua «vontade de nela implicar a força multinacional de Paz».

Os comunistas italianos pediram à Itália e aos outros países da Europa Ocidental que tomassem «uma iniciativa política e diplomática» para «fazer face à escalada em curso e abrir caminho a uma nova negociação».

Ao mesmo tempo, o ministro britânico da Defesa revelou, com cinco dias de atraso, que o contingente britânico da força multinacional em Beirute foi alvo de fogo de artilharia, num momento em que a presença desse contingente no Líbano é criticada, quer pela oposição quer por numerosos deputados conservadores.

A URSS responsabiliza entretanto Washington por tudo o que possa acontecer proximamente no Médio Oriente.

A Imprensa soviética publica fotografia dos dois aviões (sem piloto) israelitas derrubados no Vale de Bekaa.

O porta-voz do Comité Central do Partido Comunista Soviético, Leonid Zamiatin, disse que os Estados Unidos com os seus bombardeamentos a posições sírias no Lpibano, iniciaram uma guerra contra Damsco. A agência oficial TASS advertiu que a «Paz no Médio Oriente é não só nessa região» está ameaçada».

EUA e RFA estabeleceram acordo de defesa

O secretário americano da Defesa Caspar Weinberger, e o ministro alemão federal da defesa, Manfred Woerner, assinaram, ontem, em Bruxelas, um acordo de cooperação para o reforço da defesa anti-aérea da RFA.

À margem da reunião dos ministros da Defesa da NATO, e na presença de jornalistas, Weinberger e Woerner assinaram um texto prevendo o fornecimento pelos Estados Unidos de 12 mísseis «Patriot» de fabrico americano para a força aérea alemã federal e a compra pela RFA de mais 12 engenhos desse tipo.

Segundo o documento difundido após a assinatura, 12 outros «patriot» do exército americano serão confiados à força aérea da RFA.

O acordo prevê que a RFA instalará 27 mísseis «Roland» de fabrico franco-alemão para a protecção de três bases americanas na RFA. Todos estes engenhos serão também servidos por tropas alemãs ocidentais.

A RFA comprometeu-se, por fim, a instalar 60 «roland» para a protecção das suas bases aéreas.

Este acordo, que deve ser submetido para aprovação ao Parlamento alemão ocidental, deve permitir compensar «uma das maiors fraquezas da NATO», disse Winberger após a assinatura do documento.

Segundo Weinberger, este acordo vai no sentido da decisão adoptada pelos ministros da Defesa da NATO, em Outubro último, no Canadá, de retirar 1400 armas nucleares tácticas da Europa nos próximos anos para as substituir por sistemas convencionais.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

FIM DE ANO '83
VIAGENS ESPECIAIS
MADEIRA AÇORES PARIS
LONDRES AMSTERDAM GRÉCIA
BENELUX, PARIS E VALE DO RENO
CHAMONIX NOVA IORQUE
ROMENIA MARROCOS
MEGÈVE RIO DE JANEIRO IBIZA
BENIDORM TORREMOLINOS PALMA DE MAIORCA
AUTO-FÉRIAS
ALGARVE MANZANEDA BENIDORM
SERRA DA ESTRELA COSTA DEL SOL SIERRA NEVADA
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES PEÇA-NOS PROGRAMAS DETALHADOS
abreu DESDE 1840
LISBOA Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
LISBOA Avenida de Roma, 66 - B Tel 803609
ALMADA Rua de Olivença, 9 - C Tel. 2756272
PORTO · BRAGA · COIMBRA · FARO · PORTIMÃO · FUNCHAL
Alvará 35 - OPERADOR TURÍSTICO

O DOMÍNIO DAS MAIS MODERNAS CONQUISTAS DA TÉCNICA GARANTE ALTA QUALIDADE ARTÍSTICA COM A MÁXIMA RAPIDEZ

GIBEL

O SEU CABELEIREIRO

Um cabeleireiro feito a pensar nas suas exigências de perfeição, rapidez e economia

AGORA ÀS 2.as, 3.as e 4.as-Feiras
ENTRE AS 15 e 17 horas, redução de
20 % nos preços dos nossos serviços

ABERTO DAS 8 ÀS 20 HORAS
GRATIFICAÇÕES ABOLIDAS

Cç. do Sacramento, 38 LISBOA

ouro

TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRO A P/ PAGAMENTO. •
das 10 às 12 h. e das 14 às 18 h.
Av. Almirante Reis 175 1.º (cinema IMPÉRIO)
VICTOR - telf. 53 82 20

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA
DE LISBOA

2.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começara a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução Sumária n.º 9551 1.ª secção

Exequentes — Banco Português do Atlântico

Executado — Tinturaria Cambournac de Pedro Carrasqueira Cambournac Herdrs. com sede na Quinta do Papel — Cacém, e Ernesto Cruz e C.ª com sede na Covilhã.

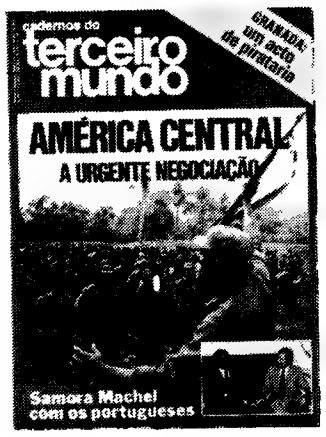
Lisboa, 31 de Outubro de 1983

O Juiz de Direito,
(António Costa Marques)
O Escrivão de Direito,
(Daniel Gonçalves)

«DL» — 7/12/83 — 2.ª Pub.

OLHE O PERIGO DE FRENTE!

cadernos do terceiro mundo



Já à venda

Em destaque

América Central: intervenção ou negociação? uma vasta cobertura sobre uma região que se tornou palco de confrontação para os EUA

Portugal-Moçambique: a propósito da recente visita do Presidente Samora Machel um balanço do que têm sido as relações entre os dois países

Assinaturas

Tricontinental Editora.
Calçada do Combro, 10-1.º
1200 Lisboa

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA
DE LISBOA

7.º JUÍZO

ANÚNCIO

3.ª SECÇÃO
7.º JUÍZO CÍVEL
PROC.º 1755/83

Por este se faz público que foi distribuída à 3.ª Secção de Processos deste 7.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, uma acção, registada sob o n.º 1755/83 contra o Arguido PAULO LUÍS SANTOS GOMES, solteiro, maior, residente na Trav.ª Alexandre Herculano, J.L. 3-1.º Esq.º em SACAVÉM para efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica e surdez-mudez.

Lisboa; 28-10-83

O JUIZ DE DIREITO
a) JOÃO ROLANDO VIANA
QUEIROGA CHAVES

O ESCRIT.º JUDICIAL,
a) JOAQUIM VINAGRE MANTEIGAS

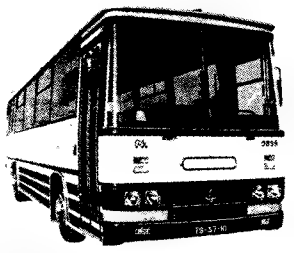
D.L. – 7/12/1983

Em ALJUSTREL o Diário de Lisboa
vende-se no CAFÉ ALIANÇA

ALUGAR UM AUTOCARRO – DIFÍCIL?
CONSULTANDO A *RN* – FÁCIL!

NINGUÉM CONHECE MELHOR AS ESTRADAS DE PORTUGAL DO QUE O PESSOAL DA ***RN***!

Portanto, se precisa de alugar um autocarro consulte-nos. Ajudá-lo-emos a planear a sua viagem, pois ninguém conhece melhor Portugal do que a ***RN***. E também o estrangeiro, para onde transportamos, anualmente, grande número de pessoas. Confie-se à nossa experiência — à nossa competência. Estamos sempre à sua inteira disposição, para o ajudar a planear o percurso, ou o itinerário que mais lhe convier. Razão por que o desafiamos a consultar-nos.



POR ISSO E PARA SI, SOMOS

RN RODOVIÁRIA NACIONAL

UMA GRANDE EMPRESA DE SERVIÇOS

MKM markimage - 02/83

"Portugal e a Espanha vão mesmo entrar no Mercado Comum?"

As verdadeiras causas do fracasso da CEE

Depois da penúltima cimeira da CEE, realizada em Copenhaga, ter consagrado três linhas do seu comunicado final à questão da adesão de Portugal e da Espanha, a de Estugarda, no Verão passado, remeteu o assunto para o encontro que este fim-de-semana decorreu em Atenas.

Conforme já ontem noticiámos, os chefes de Estado e de governo dos «Dez» nem abordaram o chamado «dossier» do alargamento. Mais do que isso, nem sequer foram capazes de chegar a acordo sobre um qualquer – simbólico que fosse – comunicado final. As responsabilidades de tal fracasso têm sido frequentemente atribuídas às posições defendidas pelo Governo francês. Outros observadores têm insistido sobretudo na incapacidade dos actuais membros da CEE ultrapassarem as divergências que os opõem nos domínios do orçamento comunitário e da política agrícola comum. Esta é sem dúvida uma verdade mas não é toda a verdade. Quando, ontem à noite, Mário Soares se referiu na RTP à «desagregação» da Europa comunitária, retomando, aliás, uma ideia desenvolvida durante a tarde pelo ministro espanhol Fernando Moran – que utilizou a expressão «desintegração» –, estava, finalmente, a revelar alguma lucidez no que respeita à análise da problemática da CEE.

A realidade da «desintegração» da CEE está de facto na origem do malogro de Atenas e do impasse – talvez mortal – em que a comunidade se encontra actualmente mergulhada. Mas que não se invertam as coisas: a desintegração não resulta do fracasso de Atenas. Ela está na sua origem e será, seguramente, agravada por aquele malogro.

A «desintegração» da CEE

É a «desintegração», no sentido do apagamento dos traços de integração, ou apenas de solidariedade, económica e política que os tratados fundadores emprestaram à organização e ao projecto comunitário, que impede, de facto, a ultrapassagem da crise actual. Mas como aqui sustentámos de uma forma documentada em 3 de Fevereiro de 1981 – num texto intitulado «Portugal e a Espanha vão mesmo entrar no Mercado Comum?» – o fenómeno de «desintegração» de que Moran e Soares agora se aperceberam já vem de muito longe. Essa situação é perceptível desde há muitos anos – pelo menos desde o princípio da década passada – por todos quantos se têm debruçado, com o «rigor» que Mário Soares tanto aprecia, sobre a evolução do projecto de Jean Monnet.

No artigo referido escrevíamos a dado passo:

«A grande reestruturação da comunidade passa, porém, pela redefinição dos seus objectivos. E há quem pense que a adesão de Portugal e da Espanha não dará passos decisivos enquanto a comunidade não avançar nesse sentido». Ao fim e ao cabo, a tal «desintegração», ou «desagregação», não é mais que o fruto da impossibilidade – que não apenas incapacidade – dos «Dez» «redefinirem os seus objectivos».

A questão fundamental, que agora levou ao «desastre» de Atenas, e explica a «impossibilidade» de «redefinir os objectivos» da Comunidade radica na divergência de fundo que sempre separou os «seis», depois os «Nove» e agora os «Dez» quanto à natureza da «Europa que queremos».

De acordo com o actual presidente da Comissão Europeia, Gaston Thorn, o problema consiste em «não se saber que Europa é que queremos. Tudo diverge – acrescentava Thorn em 1979, na Universidade de Lovaina – queremos uma União Europeia, uma Europa forte, federal, confederal, supranacional?... todas estas expressões não significam senão uma ausência de ideias quanto ao futuro».

O «pecado original»

Mas regressando à questão da definição da «Europa que queremos» retomemos a argumentação expendida em Fevereiro de 1981.

É, com efeito, a eterna querela da Europa que queremos que continue a bloquear o desenvolvimento e quase que o funcionamento da Comunidade, escreviamos então. Tudo se resume, afinal, à «ambiguidade fundamental» de que falam certos autores, ou ao «pecado original» a que se refere o antigo ministro do Comércio francês, Jean François Déniau.

Na perspectiva deste político, defendida já em 1977 no livro «L'Europe Interdite», a causa da «desintegração» de que hoje alguns se apercebem tardiamente está nesse «pecado». No fundo trata-se da contradição existente no facto dos tratados que dão origem às Comunidades Europeias «não referirem qualquer objectivo de integração política e no facto dos autores desses tratados, assim como a maior parte dos actuais dirigentes da comunidade continuarem a considerar que o objectivo da integração política estava implícito neles».

Na opinião de Déniau e de outros especialistas, é esta «ambiguidade» que está na raiz de quase todas as dificuldades que, sobretudo em período de crise económica, travam o desenvolvimento da CEE.

Perante isto, que papel atribuir aos problemas orçamentais e agrícolas com que a Comunidade se debate há uma série de anos? Em nossa opinião, e já em 1981 o dizíamos, essas questões não são senão os aforamentos visíveis de uma crise que, na sua verdadeira natureza, é congénita: «De qualquer modo, e enquanto os responsáveis comunitários e os governos não chegam a acordo sobre a «Europa que se pretende construir», reorganizando as instituições e as políticas em função desses objectivos, torna-se cada vez mais urgente e necessário «tapar os buracos» mais visíveis.» Como se sabe, já no princípio de 1981 esses «buracos» eram o orçamento e a agricultura...

Adesão, nunca?

A análise que acabamos de transcrever tem sido amplamente confirmada e reforçada não só pelo agravamento das divergências que se têm registado entre os «Dez» quanto ao futuro das Comunidades, como pelo arrastamento da crise económica que mais não faz do que acentuar a dimensão daqueles «buracos». Quer dizer, a crise torna os conflitos ligados ao Orçamento e à agricultura cada vez mais graves e estimula o aparecimento de atitudes proteccionistas isolacionistas, ou anti-integracionistas, que acentuam o fenómeno da «desintegração» pelo surgimento de divergências cada vez maiores quanto ao futuro da Comunidade.

Sublinhe-se que a situação prevalecente em 1981 nos levava a escrever que **uma coisa parece certa e não vale a pena insistir nisso, a adesão de Portugal e da Espanha está em «ponto morto» e essa situação não sofrerá qualquer alteração até que os «Dez»** definam o seu futuro».

Noutro passo, constatávamos, face à razões que ditaram a resposta positiva da Comunidade aos pedidos de adesão português espanhol: **agora parece extremamente difícil fazer marcha atrás. Isto não impede, porém, que já hoje há quem vaticine que as novas adesões** não terão lugar nos próximos cinco anos, se é que isso alguma vez venha a acontecer.»

Hoje, passado um dia sobre os acontecimentos da capital grega retomamos o desafio. Em 1986 é praticamente certo que não haverá qualquer adesão. Nos cinco anos seguintes, perturbados por um processo eleitoral que começa com o Parlamento Europeu já na próxima Primavera e prossegue, nomeadamente, com as eleições legislativas francesas de 1985 e presidenciais de 1988, torna-se cada vez menos provável que o projecto de adesão tenha seguimento. Mas se o tiver é praticamente certo que já não será à CEE do Tratado de Roma que aderiremos. Será a uma coisa bem diferente.

Para concluir, retomemos de novo o que escrevemos em 1981:

A grande reestruturação da Comunidade passa, porém, pela redefinição dos seus objectivos. E há quem pense que a adesão de Portugal e da Espanha não dará passos decisivos enquanto a Comunidade não avançar nesse sentido. E há quem pense que isso não acontecerá enquanto não estiver à vista o fim do actual período de recessão económica. Ou então, nada disto acontecerá e o alargamento da CEE seguirá por diante traduzindo-se apenas «numa acumulação de regras de excepção», e provocando o desmoronamento da actual Comunidade enquanto projecto «implícito» de unificação económica e política, e reduzindo-a a uma simples zona de comércio livre.

José António Cerejo

Banca privada não resolve e só agrava os problemas

- Os Sindicatos admitem pedir a delcaração de inconstitucionalidade orgânica do decreto de delimitação dos sectores
- Se a abertura do sector à iniciativa privada for avante, os Sindicatos recomendam o prazo de um ano, para a reestruturação prévia da banca nacionalizada

Os Sindicatos dos Bancários do Centro, do Norte e do Sul e Ilhas afirmaram ontem que não devem ser constituídos novos bancos antes de o Ministério da tutela, ouvidos os Sindicatos, reestruturar o sector público bancário.

Em conferência de Imprensa, as três direcções sindicais reafirmaram a «total e completa rejeição da abertura do sector bancário à iniciativa privada» e admitiram o pedido de declaração de inconstitucionalidade orgânica do Decreto 406/83 (delimitação dos sectores), por ter sido publicado depois de caducada a respectiva autorização legislativa.

Os dirigentes sindicais consideram que a abertura da banca à iniciativa privada «não vai resolver os problemas mas porventura agravá-los».

Os três sindicatos defendem a reestruturação do sistema bancário português, que deverá passar pelo redimensionamento das instituições de crédito, nomeadamente através de fusões que dêem àquelas empresas uma capacidade e uma dinâmica que lhes permita responder ao desafio tecnológico que se põe à banca.

Os sindicatos exigem «critérios de competência técnica e honestidade pessoal na nomeação de gestores das empresas do sector público» e a tomada de posse dos gestores eleitos pelos trabalhadores bancários, sublinhando que «não faz sentido colocar à frente da banca nacionalizada pessoas que defendem a sua desnacionalização».

Crédito mal parado

Os Sindicatos Bancários exigem, ainda, o «desencadeamento dos mecanismos legais no que respeita ao «crédito mal parado», terminando com «o oportunismo e a delapidação, por vezes consciente e premeditada, do erário público».

Sublinham que «como o passado recente demonstrou, a possibilidade da iniciativa privada constituir bancos foi utilizada como meio para a criação de grandes grupos económicos que exerceram decisiva influência e condicionamento sobre o poder político instituído».

Os dirigentes sindicais, «postos perante o facto consumado da abertura da banca à iniciativa privada», defendem que decorra um prazo de pelo menos um ano, durante o qual seja reestruturado o sector nacionalizado, antes da efectiva abertura ao capital privado.

Relativamente ao projecto regulamentador da abertura da banca à iniciativa privada, os sindicatos criticam que o ministro das Finanças tenha poderes para determinar a fusão, cisão ou modificação do objecto dos bancos comerciais ou do investimento, decidir sobre aumentos de capital através da emissão de acções ao portador e tomar providências extraordinárias, nomeadamente em situações de desequilíbrio das instituições.

Consideram que deverá ser aferida a idoneidade dos accionistas de instituições de crédito privadas, nomeadamente através da verificação da eventual posição de devedores à banca nacionalizada, empresas públicas, fazenda nacional e segurança social, devendo aqueles fazer prova da proveniência dos seus bens.

Capital de cinco milhões

Os sindicatos defendem que as novas instituições privadas não deveriam ter capital social inferior a cinco milhões de contos, a ser actualizado periodicamente, a que deveria ser obrigatória a prova prévia do depósito de capital e criados mecanismos que disciplinem à sua movimentação.

Consideram, ainda, que os accionistas, quer nacionais quer estrangeiros, deverão declarar as empresas em que participam ou têm interesses directos ou indrectos.

Afirmam que a lei deveria consagrar a obrigatoriedade da constituição de certos e concretos fundos especiais de reserva ou garantia com a indicação expressa da percentagem a deduzir para esses fundos dos lucros obtidos.

Os sindicatos afirmam que o projecto regulamentador da abertura da banca à iniciativa privada é omisso quanto às condições laborais e defendem que aqueles trabalhadores fiquem abrangidos pela contratação do sector.

Os Sindicatos Bancários manifestaram, também, preocupação quanto às consequências da abertura de bancos privados nos postos de trabalho do sector

MOSCAVIDE – ESTREMOZ

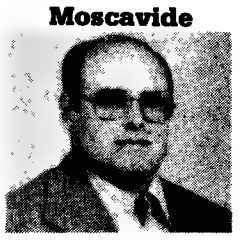
ESTÊVÃO ANTÓNIO MASSANO AMANTE

Missa do 30.º DIA e agradecimento

Sua esposa, filha e genro, participam que amanhã dia 8 pelas 10 horas, na Igreja de São Francisco em Estremoz, será celebrada missa pelo eterno descanso de sua alma e, que desde já agradecem a todas as pessoas que se dignarem participar neste piedoso acto e, bem assim àqueles que o acompanharam à sua ultima morada, ou que de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar, não o fazendo directamente por desconhecimento de endereços.

P.N. A.M.
A FUNERÁRIA DE MOSCAVIDE
Rua Almirante Gago Coutinho, 15-A Telef. 2519157

Moscavide

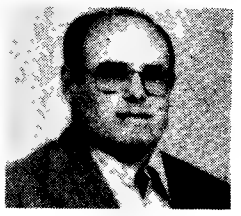


ESTÊVÃO ANTÓNO MASSANO AMANTE

AGRADECIMENTO

Sua esposa, filha e genro, na impossibilidade de o fazerem directamente, vêm por este meio, muito reconhecidamente, agradecer a todo o corpo clínico e de enfermagem do serviço U.U.M. O.M. do Hospital de São José e C.I. Pavilhão A e Nefrologia serviço 8 do Hospital Curry Cabral, os cuidados e o interesse, que por todos os meios ao seu alcance, procuraram dar vida ao seu ente querido, tornando extensivo o nosso agradecimento a todos os médicos assistentes e, de um modo especial, aos Exm.os Sr.s Dr.s Celina Araújo e Filipe Araújo e, que por vontade de Deus ele nos deixou, assim a todos pois, o nosso muito e muito obrigado.

MOSCAVIDE – ESTREMOZ



ESTÊVÃO ANTÓNIO MASSANO AMANTE

(Funcionário da Petrogal, Cabo Ruivo)
Missa do 30º Dia e Agradecimento

Sua família participa a todos os colegas de trabalho e amigos que amanhã dia 8, pelas 10 horas, na Igreja de S. Francisco, em Estremoz, será resada missa pelo eterno descanso de sua alma e que desde já agradecem a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto e bem assim aos que o acompanharam à sua última morda, não o fazendo directamente por desconhecimento de endereços.
P.N. A.M.

A FUNERÁRIA DE MOSCAVIDE
Rua Almirante Gago Coutinho, 15-A Telef. 2519157

DESPORTO

Futebol sem fronteiras

• **«SANGUE NOVO» NO REAL** — Alfredo di Stefano, treinador do Real Madrid, foi obrigado a recorrer a dois jovens jogadores do Castilla — reserva do Real —, por razões de lesões dos titulares. O muito conservador Alfredo pode felicitar-se com a escolha. Manuel Sanchis e Rafael Martin Vazquez, ambos de 18 anos portaram-se bem, no domingo, no jogo frente ao Murcia que o Real ganhou por (1-0). Sanchis, cujo pai jogou a defesa-lateral do Real e na selecção de Espanha nos anos 60, deu-se mesmo ao luxo de marcar o golo da vitória.

• **O REGRESSO DE DIDI** — Valdir Pereira, mais conhecido pelo nome de «Didi», aceitou treinar o Botafogo no Rio, o clube onde deu os seus primeiros passos. «Didi», duplo campeão do mundo em 1958 e 1962, espera dar uma contribuição eficaz ao futebol brasileiro, que atravessa um período difícil depois da partida das suas grandes vedetas para a Europa. «Didi» deseja desenvolver sobretudo as equipas de jovens, e privilegiar a imaginação e o espírito criativo, que desapareceram um pouco dos campos.

• **AS «BOCAS» de TARANTINI** — O argentino Alberto Tarantini decidiu deixar precipitadamente o clube francês do Bastia, em Novembro, na sequência do comportamento de certos dirigentes, e de desacordos financeiros. «Nunca mais voltarei à Córsega, mesmo por um milhão de dólares», declarou nessa altura.

Talvez arrependido, propôs depois ir morar e treinar-se em Paris, e de se deslocar a Bastia (a 1200 km) unicamente para jogar os jogos. Uma solução ridícula, que foi evidentemente rejeitada.

Finalmente, o «internacional» argentino regressou à capital da Córsega. Com a maior descrição e o seu caso acabou por ser resolvido.

Um pormenor: na sua ausência, o SEC Bastia ganhou três jogos em quatro, dos quais dois fora de casa, a sua melhor série da época.

• **ARSENAL EM CRISE** — As coisas deixaram de correr bem para os «artilheiros» do Arsenal, 15.ª jornada do campeonato de Inglaterra depois da derrota no seu próprio terreno — e a sexta da época — face ao West Bromwich (0-1). Quinhentos adeptos do clube londrino chegaram mesmo a manifestar-se, sábado, no exterior do estádio de Highbury, para reclamar a «cabeça» do treinador Terry Neill, antes de serem dispersados pela polícia. Mas a primeira vítima deste mau momento poderá ser o goleador escocês Charlie Nicholas, transferido por 750 mil libras e que não marcou uma única vez em Highbury em... 990 minutos de jogo. «Sei que posso fazer muito melhor que actualmente», confessa Nicholas. «Se me mandarem para as reservas, tentarei, muito simplesmente regressar ao meu lugar.»

• **AS PERNAS DE CHANNON** — Mike Channon, antigo avançado-centro da selecção de Inglaterra, ainda não deu as últimas. Na segunda-feira passada, comemorava os seus 35 anos. Quarta-feira, marcou o golo da vitória do Norwich em Ipswich, em jogo a contar para a Taça da Liga. E, sábado, voltava a marcar contra o Tottenham, dando nova vitória ao seu clube por (2-1). Comentário do interessado: «As pernas já não são aquilo que eram, mas a classe continua intacta...»

● **SÓCRATES : O MAIOR** – O brasileiro Sócrates foi eleito o melhor futebolista americano de 1983 em inquérito divulgado pelo jornal venezuelano «El Mundo».

O inquérito, envolvendo jornalistas desportivos de 18 países, deu a Sócrates, que alinha no Corinthians, 59 pontos, contra 30 do segundo classificado, o guarda-redes argentino Fillol, agora no Flamengo.

A seguir ficaram Eder, do Atlético Mineiro, 29 pontos, Fernando Morena, do Penharol, 25, Victor Diogo, Penharol, 17, Gareca, Boca Juniores, 15, R. Rodriguez, Nacional, 13, Carlos Aguilera, Nacional, 10, Júnior, Flamengo, 8 e Ruben Paz, Internacional, 8.

Nos últimos dois anos Zico foi o eleito neste inquérito anual iniciado em 1971 (ano em que o melhor foi o brasileiro Tostão), com Maradona a vencer em 1979 e 1980.

● **ZICO NOSTÁLGICO** – O futebolista brasileiro Zico, deprimido pela nostalgia do seu país e pela violência do futebol italiano, poderá voltar a jogar no Brasil, afirma o «Jornal dos Desportos», do Rio de Janeiro.

Segundo aquele diário, há rumores de que Zico está à espera que o campeonato italiano termine, em Junho de 1984, para rescindir o contrato com o seu actual clube, o Udinese, e regressar ao Flamengo, do Rio de Janeiro, onde aquele futebolista jogava antes de se mudar para a Itália.

Dado que a rescissão contratual com o Udinese implica o dispêndio de uma quantidade grande de dólares, o assessor económico de Zico, João Baptista, tem estado a tentar junto do presidente do Flamengo, George Helal, que o montante a pagar seja dividido em partes iguais pelo jogador e pelo clube.

A 25 de Julho deste ano, Zico foi vendido pelo Flamengo ao Udinese por quatro milhões de dólares.

TOTOBOLA

jogue connosco

CONCURSO N.º 47/83 **11.DEZEMBRO.83**

1.º	Porto-Setúbal	1
2.º	Águeda-Guimarães	X
3.º	Estoril-Sporting	2
4.º	Penafiel-Varzim	1
5.º	Farense-Boavista	X
6.º	Braga-Espinho	1
7.º	Rio Ave Portimonense	1
8.º	Vizela-Sanjoanense	X
9.º	Feirense-Chaves	2
10.º	Naval-Beira-Mar	X
11.º	U. Tomar-Torriense	1
12.º	U. Madeira-Marítimo	1
13.º	C. Piedade-Olhanense	1

Automobilismo: Grande Prémio de Macau

No XXX Grande Prémio de Macau não houve surpresas quanto aos vencedores. Ron Haslam no Grande Prémio de motociclos, Hans Stuck na corrida «Guia 100», e o brasileiro Ayrton Senna na prova principal vieram confirmar o seu favoritismo.

COM um sobrecarregado programa de provas, esta trigésima edição do Grande Prémio de Macau decorreu em excelente ritmo, demonstrando que no capítulo organizativo nada fica a dever às suas congéneres europeias.

Desportivamente a edição deste ano teve como aliciante a estreia dos carros de fórmula três, possibilitando ao público um espectáculo de alto nível. Mas não foi só na prova máxima que houve luta cerrada. Na «Guia 100» os pilotos Hans Stuck e Dieter Quester envolveram-se em animado despique e na «Sime Darby» o vencedor Micael Lieu teve de dar o seu melhor no confronto com Danny Chau.

No Grande Prémio de motociclos os pilotos oficiais da Honda deram um autêntico festival, confirmando-se esta prova como das favoritas do público. A predilecção por parte do público pelas corridas de duas rodas, reside no facto de serem particularmente perigosas, e, infelizmente, esta característica confirmou-se, pela sua forma mais trágica, na morte de Chan Kai Chio, de 22 anos, que, ao descrever a curva da Vila Verde, embateu violentamente contra a barreira.

Sendo o G.P. de Macau praticamente a única prova prestigiada que os jovens pilotos disputam nesta área do globo, o empenhamento com que correm só é comparável à sua vontade de vencer, daí resultando o número elevado de acidentes com consequências muitas vezes graves para os pilotos.

Compreende-se perfeitamente o esforço que a comissão organizadora faz ao incluir pilotos do território e da vizinha Hong-Kong no G.P. O seu número é sempre elevado e as corridas têm muitas vezes emoção, mas é de ter em conta que são concorrentes com pouca ou nenhuma experiência para disputar uma prova num circuito de tão difícil aprendizagem.

O Grande Prémio de Macau veio confirmar que é um circuito de «pilotos» onde as capacidades e os dotes de condução sobrepõem-se a uma eventual vantagem da máquina. E sendo o circuito da Guia altamente selectivo fazemos nossas as palavras do supercampeão Fangio, «quem ganha não é aquele que anda mais depressa mas sim aquele que chega em primeiro lugar». Para reforçar esta opinião basta referir que, nos treinos cronometrados, o futuro vencedor realizou o terceiro tempo mais rápido, sendo batido pelos seus companheiros de equipa Brundle e Guerreiro. A frieza de condução, aliada a um ritmo rápido que não permitiu erros, deu a vitória àquele que é visto, neste momento, como a grande revelação dos últimos anos, sendo cobiçado por equipas como a Brabham e a Williams, que verão no brasileiro um campeão.

O Grande Prémio de Macau é conjuntamente com os circuitos Mónaco, Nurburgring, Montjuich e Vila Real a derradeira oportunidade para os apreciadores nostálgicos de sentirem as fortes emoções das corridas de outros tempos. É pena que provas como estas, de características tão marcadas, estejam a desaparecer.

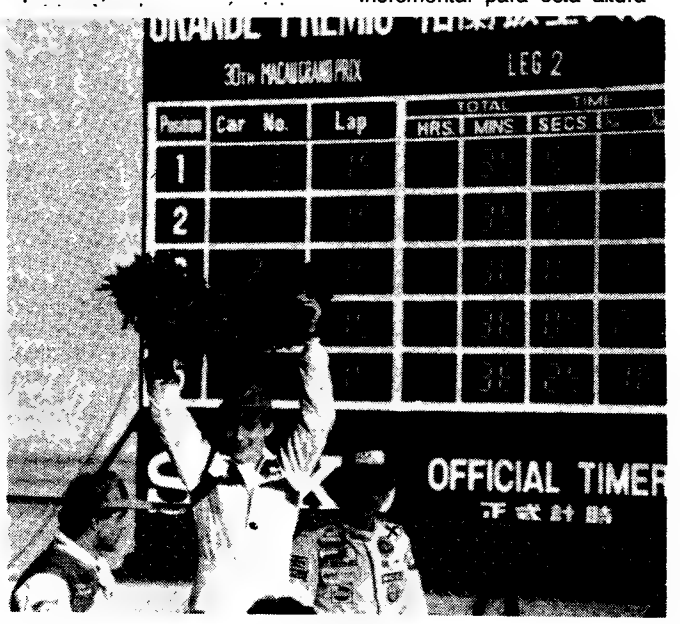
Seria do maior interesse incrementar para esta altura do ano algumas actividades paralelas, relacionadas ou não com o G.P.

Temos a certeza que mais este esforço seria recompensado, não só pelo número bastante elevado de pessoas que visita Macau nesta altura, mas sobretudo pelo grupo numeroso de jornalistas que se deslocam expressamente para cobrir o acontecimento.

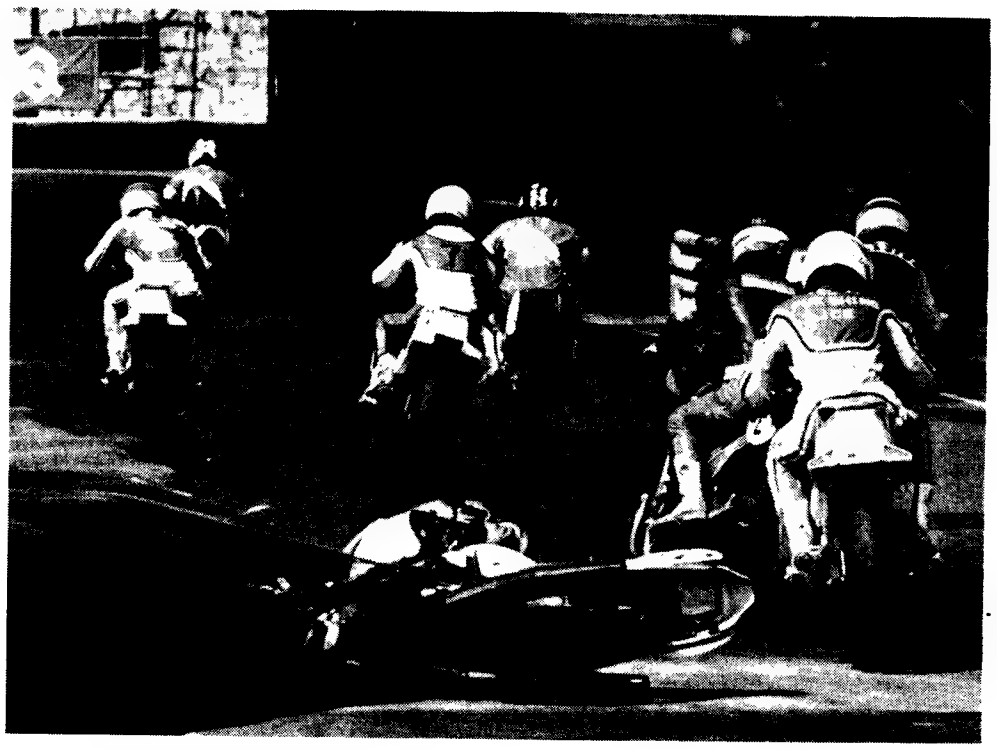
Em cada edição que passa tem-se a tendência de pensar naquele que se vai seguir, procurando melhorar ou aperfeiçoar qualquer pormenor que tenha escapado. Para o ano a comissão organizadora terá de fazer um esforço no sentido de conseguir satisfazer as normas que a Federação Internacional impôs.

Sendo estas exigências um desafio pelo acréscimo significativo para a organização, quer a nível de custos, quer a nível de meios humanos, elas apontam para o caminho certo.

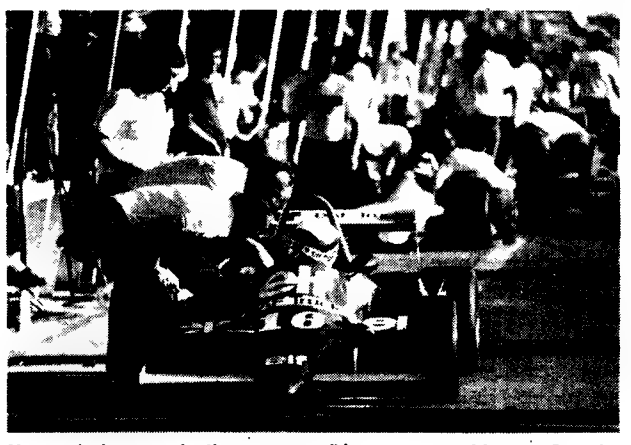
A Federação Internacional compreendeu a importância da prova ao indicar soluções que permitiriam ao circuito continuar no calendário internacional. O G.P. de Macau é uma das poucas provas de Grande Prémio que se realizam nesta época do ano devido ao período de «defeso» das equipas que participam nos principais campeonatos (Fórmula Um, Mundial de Resistência, Europeus de Fórmulas 2 e 3). Esta prova permite às equipas e pilotos equilibrar o seu orçamento, e dar aos patrocinadores uma oportunidade de divulgação dos seus produtos numa zona que – sabem – tem grandes potencialidades. Tudo leva a crer que um XXXI Grande Prémio de Macau terá todos os motivos de interesse, continuando a prestigiar o nome de Portugal no Extremo-Oriente.



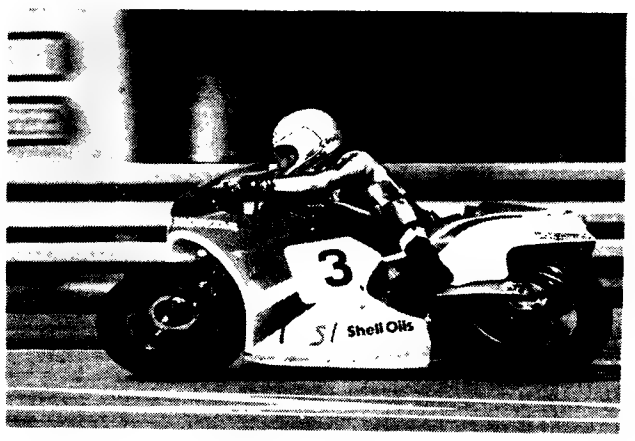
O brasileiro Ayrton Senna, vencedor da prova principal, com a tradicional coroa de louros



As provas de motociclismo ficaram ensombradas pela tragédia: a foto documenta o momento da queda mortal do jovem Chan Kai Chic, ao descrever a curva de Vila Verde



No capítulo organizativo, como aliás no competitivo, o Grande Prémio de Macau, nesta sua trigésima edição, nada ficou a dever aos seus congéneres europeus



As «Honda» deram festival

DESPORTO

Na posse do novo director-geral

Anunciada nova Lei para o Desporto

O projecto de Lei de Bases do Sistema Desportivo será apresentado proximamente ao Conselho de Ministros, para posterior discussão na Assembleia da República — revelou o ministro da Qualidade de Vida.

António Capucho fez aquela declaração ao empossar Mirandela da Costa nas funções de director-geral dos Desportos, em substituição de Lopes Marques, que as desempenhava desde 1980.

O ministro apontou a necessidade de «incrementar o processo de desenvolvimento desportivo» em Portugal.

Para tanto, acentuou, «há que continuar acções perspectivadas na óptica da coordenação das entidades desportivas e incentivar a cooperação entre os vários organismos de direito público e privado» na área do desporto.

A revisão do seguro desportivo e a criação de medidas de apoio aos praticantes e equipas portuguesas no domínio da alta competição são acções a prosseguir pela Direcção-Geral dos Desportos — salientou aquele membro do Governo.

O ministro da Qualidade de Vida referiu que a DGD prosseguirá a política de construção de instalações desportivas, a formação de quadros desportivos e a formulação de programas de apoio médico-desportivo.

Arcelino Mirandela da Costa, 45 anos, licenciado em 1967 pelo Instituto Nacional de Educação Física, foi nomeado em Janeiro de 1975 adjunto do director-geral dos Desportos, cargo que manteve até pouco depois de Lopes Marques ser empossado.

Foi anteriormente professor no ISEF e na Escola de Educação Física de Lisboa e, durante seis anos, inspector do Conselho Provincial de Educação Física e Desportos de Moçambique.

Considerado dos técnicos mais competentes da Educação Física portuguesa, o novo DGD é autor de vários trabalhos publicados e participou em diversos cursos, seminários e conferências em Portugal e no estrangeiro.

É natural de Lamego, onde nasceu em 1938.

Descida do Soure: ministro prometeu "interessar-se"

O ministro da Administração Interna afirmou-se interessado em acompanhar a situação que se vive em Soure, distrito de Coimbra, devido à descida de divisão determinada para o clube local de futebol.

Eduardo Pereira recebeu os presidentes da Câmara Municipal, Assembleia Municipal e Junta de Freguesia de Soure, os dois últimos também membros da direcção do Sourense, que eram acompanhados pelo governador civil de Coimbra.

Aqueles autarcas, que haviam solicitado a audiência, expuseram ao ministro as suas preocupações pelo estado de espírito que afirmam reinar em Soure, após a decisão da Federação Portuguesa de Futebol.

O órgão competente da FPF decidiu, em pleno mês de Dezembro, sancionar a descida do Sourense da terceira divisão para o campeonato distrital, após sete jornadas já disputadas pelo recém-ascendido clube de Soure no terceiro escalão do futebol nacional. O Febres tomará o lugar do Sourense.

O ministro da Administração Interna, segundo informação de um elemento do seu gabinete, mostrou-se desnsibilizado com o problema e solicitou ao governador civil de Coimbra que o mantivesse ao corrente do evoluir da situação.

Xadrez: Kasparov já vai à frente

O soviético Garry Kasparov derrotou pela segunda vez consecutiva o seu ex-compatriota Victor Korchnoi, no movimento 46 da sétima partida da meia-final do torneio de candidatos ao título mundial de xadrez, a decorrer em Londres. Com este resultado, o jovem grande mestre soviético, ganha ao seu mais directo rival por quatro pontos a três.

O «match» será decidido ao melhor de 12 partidas e a oitava está marcada para depois de amanhã.

Assim, em apenas 24 horas, o jovem Garri Kasparov ganhou vantagem na meia-final do torneio de candidatos que o opõe a Victor Korchnoi e da qual ontem se disputou a sétima partida.

Duas vitórias consecutivas, segunda e terça-feira, dão agora ao grande mestre soviético uma vantagem de 4-3 sobre o seu ex-compatriota e sexagenário Korchnoi.

Kasparov, considerado o grande candidato ao título que Karpov ostenta, esteve até segunda-feira em desvantagem, mas o volta-face agora registado acaba por vir ao encontro da previsões iniciais.

De facto, Korchnoi pareceu, na primeira partida que venceu, ir contrariar todos os prognósticos. Até à sexta partida, concluída segunda-feira, conseguiu manter a vantagem, com empates.

Mas na sexta partida Kasparov lutou durante seis horas, com negras, e conseguiu abater o adversário, para, com as brancas, assegurar de imediato uma vantagem, escolhendo uma abertura catalã e conduzindo energicamente o jogo de modo a levar Korchnoi a cometer erros.

A partida de ontem mostrou que Korchnoi não se refez da derrota anterior, e talvez esteja a sofrer as consequências de um excesso de optimismo após o triunfo na partida inicial do «match». A precipitação em tentar ganhar quando tinha o empate à disposição perdeu Korchnoi.

Kasparov, por seu turno, ganha confiança e foi magistral na abertura e contundente no ataque.

As cinco partidas restantes apresentam agora uma perspectiva bastante favorável ao número dois soviético, apesar de não poder esquecer-se a combatividade do que é conhecido por «Victor o Terrível».

Vassily ganha a Zoltan Ribli

Na outra meia-final, que também decorre em Londres, o soviético Vassily Smyslov caminha para a qualificação, ao vencer o húngaro Zoltan Ribli na sétima partida.

O veterano e ex-campeão mundial Smyslov tem assim uma apreciável vantagem de dois pontos (4,5-2,5) sobre o adversário, que se declarou vencido antes de recomeçar a sétima partida interrompida segunda-feira ao 42.º lance, em situação considerada desesperada para o grande mestre húngaro.

Mundial-86: Portugal no 3.º grupo europeu

Portugal foi um dos 11 países incluídos na terceira tômbola da zona europeia para o sorteio da fase preliminar do campeonato mundial de futebol de 1986, a realizar no México.

Neste escalão integram-se, com Portugal, a Bulgária, RDA, Grécia, Irlanda, Holanda, Roménia, Suécia, Turquia, País de Gales e Suíça — segundo as listas de selecções preparadas em Zurique pelo comité organizador da décima terceira edição do mundial de futebol.

Portugal ficou na terceira das quatro categorias em que foram escalonadas as 32 selecções europeias que vão lutar por 12 ou 13 lugares na final do México, a que se somará a Itália, actual campeã mundial.

O sorteio de hoje à tarde determinará, para a zona europeia, quatro grupos de cinco e três de quatro equipas, qualificando-se os dois primeiros dos grupos de cinco e o vencedor dos de quatro selecções.

Os segundos dos grupos de quatro disputam um torneio suplementar para apurar mais um finalista. O segundo classificado deste torneio enfrentará, estando em jogo outro lugar no México, o vencedor da zona da Oceania.

As quatro tômbolas, correspondentes aos quatro escalões das selecções europeias, ficaram assim constituídas para o sorteio desta tarde:

Primeira tômbola: Áustria, Inglaterra, França, RFA, Polónia, Espanha e União Soviética.

Segunda tômbola: Bélgica, Checoslováquia, Dinamarca, Hungria, Irlanda do Norte, Escócia e Jugoslávia.

Tercer tômbola: Bulgária, RDA, Grécia, Irlanda, Holanda, Portugal, Roménia, Suécia, Turquia, País de Gales e Suíça.

Quarta tômbola: Albânia, Chipre, Finlândia, Islândia, Luxemburgo, Malta e Noruega.

Na América do Sul, dez equipas lutarão por quatro lugares no México, repartidas por um grupo de quatro e dois de três selecções, com a Venezuela, que não figura em qualquer tômbola, incluída no grupo de quatro.

Os escalões ficaram assim determinados:

Primeiro: Brasil, Argentina e Uruguai.

Segundo: Peru, Paraguai e Chile.

Terceiro: Bolívia, Equador e Colômbia.

Qualificam-se para a fase final os campeões de cada grupo. O quatro qualificado sairá de um torneio triangular entre os segundos de cada série.

Na zona da América do Norte, Centro e Caribe (Concacaf), participam 18 equipas para apenas um lugar na fase final, onde o México tem lugar já garantido como anfitreão.

As selecções participantes são: Antígua, Barbados, Canadá, Costa Rica, Granada, Guatemala, Guiana, Haiti, Honduras, Jamaica, Antilhas Holandesas, Panamá, Porto Rico, El Salvador, Suriname, Trinidade e Tobago e Estados Unidos.

Nesta zona haverá uma fase prévia de três eliminatórias que darão três vencedores, para numa segunda fase se constituírem dois grupos de cinco e um de quatro equipas. Finalmente, os vencedores dos grupos disputam um torneio pelo lugar vago para a Concacaf no México.

Na zona Oceania participam quatro selecções para um, ou nenhum, lugar.

Austrália, Nova Zelândia, Formosa e Israel disputam um torneio, cujo vencedor defronta o segundo classificado da «liguilha» dos segundos na Europa.

Se a selecção do velho continente vencer esta final, a Europa terá 13 selecções apuradas, e a Oceania nenhuma.

Na zona correspondente a África haverá 29 equipas, para dois lugares no México-86.

As selecções dividem-se em três zonas:

Zona A: Egipto, Etiópia, Madagascar, Malaui e Zâmbia (cabeças de série), Quénia, Lesoto, Maurícias, Tanzânia, Uganda e Zimbabue.

Zona B: Líbia, Marrocos, Tunísia, (cabeças de série), Benin, Níger e Serra Leoa.

Zona C: Nigéria, Senegal, Togo e Costa do Marfim (cabeças de série), Angola, Gâmbia, Guiné e Libéria.

Na fase final desta zonna agrupam-se os seis vencedores da eliminatórias da zona A, os três da zona B e os quatro da C, mais Argélia, Camarões e Gana, num total de 16 selecções que em sistema de eliminatórias daarão os dois finalistas africanos para o mundial-86.

Volta a Paranhos

Integrada nas comemorações do 72.º aniversário do Sport Comércio e Salgueiros, disputa-se amanhã, a partir das 10 horas e 30, a tradicional «Volta a Paranhos» (26.ª edição). Com uma extensão de 9000 metros, a «Volta a Paranhos» é a primeira prova do género que se realiza após o defeso. Daí uma certa expectativa em redor deste «teste», ao qual serão sujeitos atletas juniores e seniores.

Estão previstas cerca de três centenas de inscrições de atletas de todo o País. Recorde-se, a propósito, que o vencedor da última edição foi o benfiquista Fernando Couto e colectivamente a equipa do Kolossal.

Voleibol: Portugal perde para a Taça da Europa

A contar para a Taça dos Clubes Campeões Femininos de Voleibol, a equipa de Leixões (Portugal) perdeu com o CSM Clamart de França por 3-0.

Os restantes resultados são os seguintes: Traktor Scherin (RDA) - Dynamo Tirana (Alb.) 3-0; Lucerne (Sue.) - Innsbruck (Aust.), 3-2; Sollentuna (Sue.) -Tungsram (Hung.), 0-3; FBTO/DVC Bocchum (Hol.) -CSKA Sófia (Bul.), 1-3; Olympia Ravenna (Ita.) - Hapoel Na'Aman (Isr), 3-0.

Taça dos Vencedores das Taças: VFL Oythe (RFA); Arcelik Istambul (Tur) 3-0; Maribor (Jug); Dynamo Berlim (RDA) 0-3; Pancratius Bank (PB); Atl. Portugal (Port) 3-0 (3-0); Uni Bale (Sui); Zirinos Aon (Gre) 3-0.

Upssala e Pancratius Ba Bank, qualificaram-se para a fase seguinte.

Taça Confederal

USC Munster (RFA) - Filathilitkos (Gre.). 3-0; Ankara Pazarlari (Tur.) - Aris Salonique, 0-3 (0-3); PUC (Fra.) - Vitória Portugal (Port.), (será jogado no dia 8 de Dezembro em Portugal.

Os outros jogos terão lugar em 10 e 11 de Dezembro.

Boxe no Porto

Realizou-se no último fim-de-semana, no Pavilhão do Infesta, o torneio de abertura e uma sessão do Campeonato Regional de Iniciados de Boxe da Associação do Porto. Os resultados foram os seguintes:

CAMPEONATO REGIONAL:

Mosca – Carlos Augusto (Valongo) venceu Zacarias Cunha (F. C. Porto) aos pontos: meio-médio ligeiro – Carlos Jorge (Beira-Mar) venceu Narciso Gonçalves (Beira-Mar) e Rafael Barros (F.C. Porto) venceu António Miranda (Beira-Mar): meio-médio – Armindo Fontainha (Ramaldense) venceu Luís Carvalho (Beira-Mar) e Vítor de Sousa (F.C. Porto) V. Francisco Ribeiro (Valongo): médio-ligeiro – José Henriques (Beira-Mar) V. Adão Coelho (Valongo).

TORNEIO DE ABERTURA

Meio-médio ligeiro – António Peça (F.C. Porto) V. Fernando Peneda (Ramaldense); e Alcino Palmeira (F. C. Porto) V. Joaquim Rocha (F. C. Porto); meio-médio – Francisco Pinto (F. C. Porto), V. Fernandes Fontainha (Ramaldense); médio-ligeiro Oldemiro Caldas (Ramaldense) V. Adelino Mota (Ramaldense).

"Nacional" de ténis de mesa

Três guias invictos à sexta jornada

A uma jornada do fim da 1.ª volta, três clubes (um no Norte, um no Centro e outro no Sul) comandam as três zonas do «Nacional» isoladas e invictas. São elas o Clube de Propaganda da Natação, o Casa Pia e o Benfica, respectivamente. Nesta 6.ª jornada há a salientar a derrota por números imprevistos (5-0) do Sporting das Caldas na sala do São Martinho do Porto. Recorde-se que o Sp. Caldas era, à partida, um dos candidatos à vitória na Zona Centro e, nesta altura, está mesmo em dúvida uma possível presença na fase final deste campeonato nacional.

Outro facto a realçar nesta jornada é o isolamento do CPN no comando da Zona Norte, ao vencer o Cultural das Antas (na sala deste) por 5-3. Na Zona Sul o Sporting foi à Amadora perder por 5-4 com o Estrela, tendo Nuno Dias (o jovem júnior dos «leões») vencido as suas três partidas, confirmando as suas grandes possibilidades como mesatenista de valor invulgar para o nosso meio.

Outros resultados desta jornada: **Zona Norte:** D. Henrique-Alvinegro, 5-4; FC Porto-Aldoar, 5-3; Ponte Nova-CDUP, 0-5. **Zona Centro:** Ac. Santarém-Casa Pia, 0-5; Caldas SC-Emp. Comércio, 5-4. **Zona Sul:** Benfica-D. Operário, 5-0; Vit. Setú-bal-Philips, 0-5; P. Arcos-Camarinha, 5-0.

Individuais da ATM de Lisboa

Tiveram início na semana transacta os campeonatos individuais de singulares nas diversas categorias. Devido ao atraso com que a época começou, a prova de cadetes masculinos (que contou com 59 inscritos) foi realizada, na sua primeira fase, nos pavilhões do Sporting e do Ramiro José, numa autêntica maratona contra o tempo (5 jornadas em apenas três dias). Das quatro subséries foram apurados 20 atletas (5 de cada) que disputarão a fase final já marcada para o pavilhão de Alvalade em 7 e 8 de Janeiro de 1984.

Nesta fase inicial destaque-se o Casa Pia o Águias e o Alhandrense, que contribuem com 50 por cento de atletas para a fase seguinte. A classificação dos 5 primeiros (apurados) de cada subsérie, foi a seguinte:

Subsérie I-A – 1.º Ricardo Magalhães (Casa Pia); 2.º Ricardo Sedas (Kapas); 3.º José Ferreira (Casa Pia); 4.º Pedro Moreira (Sporting); 5.º Augusto Jorge (Kapas). **Subsérie I-B** – 1.º Jorge Salvador (Alhandrense); 2.º João Marques (P. Arcos); 3.º Nuno Ribeiro (Casa Pia); 4.º Pedro Ribeiro (Casa Pia); 5.º Eduardo Silva (G. Cossoul). **Subsérie II-A** – 1.º Carlos Martinho (Alhandrense); 2.º Ricardo Olivença (Águias); 3.º Paulo Moreira (Sporting); 4.º Ricardo Beatriz (C. Católico); 5.º Vítor Ribeiro (Alhandrense). **Subsérie II-B** – 1.º Pedro Tojal (Arrudense); 2.º Valter Matos (Águias); 3.º Luís Neves (Águias); 4.º Nuno Neves (D. Graça); 5.º António Salgueiro (Arrudense).

Também em veteranos estão já apurados os doze atletas que passam à fase seguinte (6 de cada subsérie) os quais ficaram escalonados do seguinte modo: **Subsérie A** – Luís Amaro (Sporting), José Louro (Casa Pia), António Castro (Casa Pia), Armando Maia (P. Arcos), António Gustavo (B.º Janeiro) e Francisco Brigola (Sporting). **Subsérie B** – Carlos Soares (Casa Pia), Arménio Pinto (B.º Janeiro), Luís Moreira (Sporting), José Júlio (Sporting), Alfredo Graça (B.º Janeiro), Octaviano Carvalho (P. Arcos).

Torneios abertos

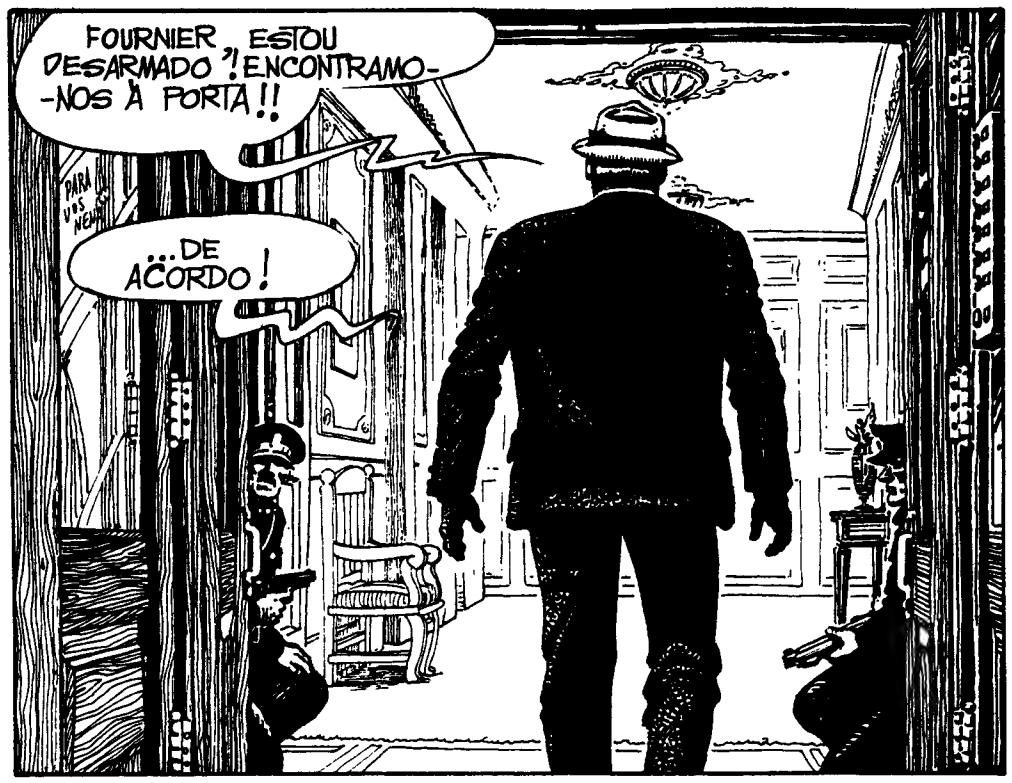
Disputam-se nos próximos fins-de-semana os Torneios Abertos de Aveiro e das Caldas da Rainha (respectivamente em 10/11 e 17/18 deste mês), os quais contam para a classificação nacional dos atletas, iniciando-se ambos às 14 horas do sábado respectivo. Para o Torneio Aberto do Casa Pia, a disputar em Janeiro e que também conta para a classificação nacional, as inscrições continuam abertas até 14 do corrente.

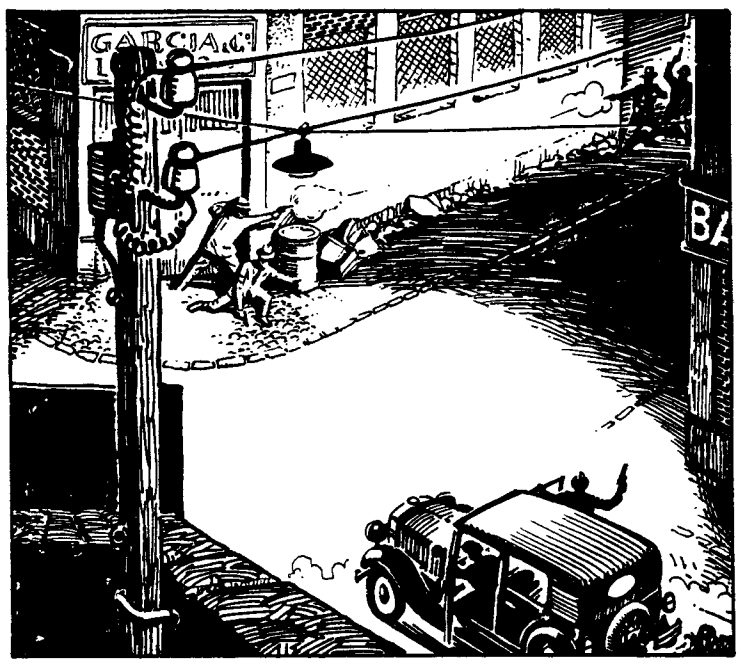
Evaristo

Melodrama de desempate

C. Sampayo & F. Solano

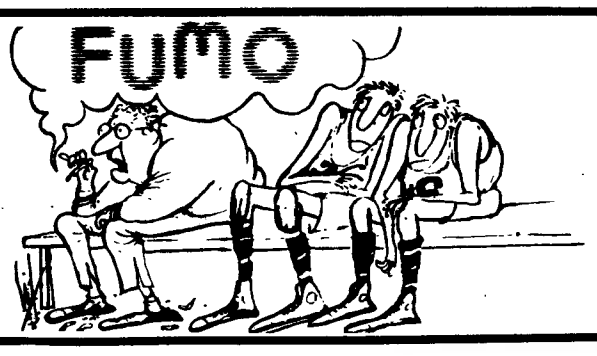
10





© AGÊNCIA DIAS DA SILVA - LISBOA

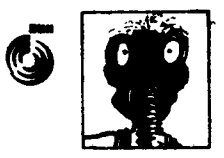
Continua



NÃO FUME

EM RECINTOS

FECHADOS



em duas palavras

SANEAMENTO BÁSICO NO CONCELHO DE TAROUCA

O Ministério da Administração Interna atribuiu ao concelho de Tarouca um «subsídio de emergência» de 860 mil escudos destinado a financiar pequenos investimentos na rede de abastecimento de água às populações daquele concelho. Este subsídio, atribuído a título de comparticipação, resultou de uma proposta apresentada pelo Serviço Nacional de Protecção Civil. A nível nacinal, subsídios idênticos foram atribuídos a mais 11 municípios.

REVOLUÇÃO DE 1383 COMEMORADA EM ÉVORA

● A revolução de 1383-85 foi assinalada em Évora com a inauguração de uma exposição de pintura e desenho de Rogério Ribeiro, subordinada à efeméride. Dentro do programa das comemorações daquela data, iniciativa da Câmara Municipal de Évora, teve também lugar uma palestra sobre o tema, sendo o orador o professor Borges Coelho. Ambas as iniciativas tiveram lugar no Palácio de D. Manuel.

CASTANHAS PARA FRANÇA PARTEM DE BRAGANÇA

● Um exportador de castanha brigantino pensa colocar em França, até final da campanha deste ano, um milhão e meio de quilos. Camiões «Tirs» franceses, com uma capacidade individual de 23 toneladas, estão a sair quase diariamente da capital do alto nordeste transmontano com destino a Paris. A mesma fonte referiu à ANOP que «o processo de exportação não é facilitado» pois o exportador precisa de requisitar um técnico aos serviços de agricultura de Mirandela e um técnico à Junta Nacional de Frutas de Chaves ou mesmo ao Porto, deslocações que – no dizer daquela fonte – «não se processam com a necessária celeridade, o que pode estragar a castanha, causando prejuízos incalculáveis».

DISCORDÂNCIA: PRIMÁRIOS NÃO QUEREM INTEGRAÇÃO

● Professores do Ensino Primário do concelho de Lamego manifestaram discordância face à possível integração dos serviços de que dependem na Câmara Municipal. «Tentaremos promover acções de esclarecimento junto dos colegas tendo em vista uma sensibilização dos mesmos para os inconvenientes que adviriam para a classe se tal situação se viesse a concretizar», referiu um elemento do Sindicato dos Professores.

DIA DAS MONTRAS EM PONTA DELGADA

● O Ateneu Comercial de Ponta Delgada promove quinta-feira na cidade o tradicional concurso de montras. Neste dia, que coincide tradicionalmente com a festa de Nossa Senhora da Conceição, alguns milhares de pessoas deslocam-se às principais ruas comerciais de Ponta Delgada para verem as vitrinas. O concurso mais conhecido por dia das montras, é aberto a todos os ramos de comércio.

SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE LACTICÍNIOS

● As motivações que determinam a próxima realização, em Vale de Cambra (Aveiro) do II Seminário Nacional de Lacticínios, foram divulgadas em conferência de Imprensa realizada nesta vila. Segundo os promotores do encontro, este destina-se a um amplo debate de toda a problemática da indústria de lacticínios nacional com a participação de especialistas estrangeiros que possam ajudar a enquadrá-la no seio da CEE.

PARQUE DE CAMPISMO EM IDANHA-A-NOVA

● Um parque de campismo vai ser implantado nas proximidades de Idanha-a-Nova, distrito de Castelo Branco. O recinto localiza-se nas margens do rio Ponsul, ligado à barragem da Idanha, com obras a iniciar em princípios de 1984. O parque vai, na primeira fase dispor de três hectares de superfície, prevendo-se que essa área seja posteriomente alargada para 12 hectares. Integra-se esta estrutura na zona turística compreendida entre Idanha-a-Nova, Senhora da Graça, Monsanto, Idanha-a-Velha, Penha Garcia e Termas de Monfortinho.

CGD ABRE NOVA DEPENDÊNCIA

● A Caixa Geral de Depósitos abriu uma nova dependência em Gavião (Portalegre), onde até agora somente dispunha de uma delegação, sediada nos serviços da repartição de finanças local. Em nota difundida à Imprensa, a Caixa Geral de Depósitos refere que, com esta inauguração, eleva a 300 o número dos seus balcões, oito dos quais no estrangeiro.

crítica de teatro

FITEI/Ano VI

Soma e segue

CARLOS PORTO

«Escândalos de um Pueblo», de Goldoni, um dos melhores espectáculos do FITEI

(**Números**) Estiveram presentes no FITEI-83 vinte e três grupos e dois artistas isolados que apresentaram 29 espectáculos em 74 sessões para à volta de vinte e cinco mil espectadores (este número foi revelado por Júlio Cardoso em entrevista). Do Porto, estiveram no FITEI quatro grupos; de Lisboa, três; de Almada, um; de Cascais, um; de Coimbra, um; de Évora, um. Destes grupos, três eram de amadores, dois deles universitários. Do Brasil, vieram dois grupos, além de uma actriz de nacionalidade brasileira mas residindo em Paris; de Espanha, seis (Madrid, três; Jens, um; Bilbau, um; Valladolid, um); da Colômbia, um; da Argentina, um (mimo); da Venezuela, um; do Uruguai/México, um; do Paraguay, um.

Dois espectáculos foram anulados por dificuldades dos respectivos grupos: «El Arquitecto y el Imperador de Asiria», de Arrabal, pelo Grupo Trac (Venezuela), e «No Alto Mar», de Mrozek, pelo Grupo Realejo (Porto). Entre estes grupos, um de dança (Ballet Popular do Recife); um mino (Nicolas Jair); um grupo de fantoches (Bonecos de Santo Aleixo).

Estes espectáculos foram apresentados em nove espaços diferentes: cinco espaços tradicionais (Auditório Nacional Carlos Alberto, Cooperativa do Povo Portuense, Teatro Experimental do Porto, Teatro Universitário do Porto, Os Modestos). Os restantes: Igreja de São Francisco, Casa do Infante, Mercado Ferreira Borges, Ginásio da Escola Gomes Teixeira.

(**Que Teatro?**) Que teatro levaram estes grupos ao FITEI? Textos clássicos (Goldoni, Molière, António José da Silva, António Ferreira); textos modernos e contemporâneos (Turgueniev, Ghelderode, André Luís Madureira, Nelson Rodrigues, Antónia Buena/Augustin Iglesias, Rafael Alberti, Rodolfo Santana, Maria Barreto Leite, Nestor Romero Valdovinos, Mário Benedetti, António Buero Vallejo, Edward Albee, Jaime Gralheiro, Virgílio Martinho, Bernardo Santareno Apresentaram-se seis criações colectivas e duas dramatizações (textos de Lewis Carroll e de vários autores latino-americanos), além de um espectáculo de rua.

Em termos genéricos pode dizer-se que os espectáculos apresentados, na sua maioria, incidiam em temática de carácter político, o que se podia observar em especial naqueles que foram apresentados pelos grupos latino-americanos, com excepção dos grupos vindos do Brasil – quem quiser pensar que foi por acaso... Os espectáculos vindos das comunidades espanholas, curiosamente, situavam-se numa área temática não-política, embora espectáculos dessa área não deixassem de contar fortes elementos políticos (caso de «Agapo» e «Los Tinglaos de Maricastaña»); observe-se também a tonalidade política de alguns espectáculos portugueses incluindo aqueles em que essa componente surgia em termos de metáfora: «Onde Vaz Luís?», «1383', «O Crime da Aldeia Velha».

Pode dizer-se que no FITEI-/Ano VI não houve grandes revelações sob o ponto de vista de experimentalismo ou de vanguardismo, e as que houve foram falhadas, caso dos espectáculos espanhóis «Huts» e «A la Caza del Snark». No entanto, nessa linha não se podem esquecer experiências como «Los Tinglaos de Maricastaña», «Os Encantos de Medeia», «A Castro» e «Onde Vaz Luís?», estes dois em especial pelo aproveitamento de espaços não-teatrais.

Um festival de teatro, como de qualquer outra expressão, tem os seus pontos fortes e os seus pontos fracos. Nunca assisti a um festival cá ou lá fora em que não tivesse visto espectáculos perfeitamente falhados, uns, imperfeitamente idiotas, outros. O que importa é verificar se no cômputo geral foi ou não importante; se aprendemos ou não alguma coisa com ele, portanto, se nos enriqueceu. Ao contrário do que aconteceu nas últimas edições do FITEI, a deste ano manteve um nível quase sempre alto (é claro que há nisto uma dose subjectiva de apreciação que é preciso ter em conta). Uma vez mais se pode contestar a talvez excessiva duração do festival portuense que provoca deficiências, quase inevitáveis, a nível da sua organização.

Tendo em conta o que vimos, não podemos deixar de aplaudir a presença de grupos como El Galpon, o Teatro de Câmara de Madrid, La Zuranda, Colectivo Teatral Guirtigai (com «Ágape»), Teatro de Câmara da Universidade de Caraboro (Venezuela), TAPA (Brasil). Nem todos estes grupos se situavam ao mesmo nível, mas todos eles ajudaram a fazer deste FITEI um bom festival. Se acrescentarmos alguns grupos portugueses (Comuna, Bonecos de Santo Aleixo, TEAR, TEC, Campolide, TEL, Teatro de Carnidel TEP, que não vi), compreenderemos a afirmação feita sobre a qualidade do FITEI/Ano VI.

Em contrapartida, espectáculos houve cuja apresentação não se justificou: «La Bella y la Bestia» (Guirigai); «Sem Dinheiro» (Cena); «Noite de Guerra no Museu do Prado» (CITAC); «A la Caza del Snark» (Corsário); «Perfis Morenos» (La Farandula); e, pelo unânime dos que viram, o mimo argentino.

(Contraponto.) No que se refere à organização nem tudo correu pelo melhor. Nem podia deixar de ser assim pois o FITEI não pôde contar este ano com a colaboração de jovens desempegados que eram pagos, em regime de tarefa, pelo Fundo do Desemprego. É claro que o FITEI é vítima das condições em que é produzido: um festival pobre não pode instalar os artistas em hotéis, etc. Além disso, as condições em que os espectáculos são apresentados impedem a realização de iniciativas paralelas que poderiam ajudar a conferir uma outra dinâmica ao FITEI (caso de debates sobre os espectáculos). Algumas críticas feitas foram natualmente justas mas é difícil de aceitar o comentário de A.M. Pina (no «J.L.») de ter sido este FITEI um festival de rotina. A qualidade de maioria dos espectáculos; a procura de espaços alternativos; uma presença mais importante de grupos brasileiros; a vinda de grupos como El Galpon e Teatro de Câmara de Madrid (além de outros) singularizaram esta edição do FITEI que, como já escrevemos, podemos considerar a melhor dos últimos anos.

Pessoalmente, não estou de acordo com a proposta de Tito Lívio («A Capital») no sentido de perder o FITEI a sua principal característica que é a de ser um festival de expressão ibérica. É natural que o festival precise de ser repensado mas não deve sê-lo ao ponto de ser tão radicalmente transformado que acabe por ser outras coisas.

Em declarações recentes de responsáveis do FITEI verifica-se que estes estão conscientes da necessidade de o reduzir quantitativamente para o melhorar qualitativamente. É esse talvez o caminho a seguir. Esperamos ver no próximo ano grupos que ainda não foram ao FITEI, caso do grupo venezuelano Rajatabla, um dos melhores da América Latina. Esperamos ver actividades paralelas em maior número (por que não uma exposição-feira de livros de teatro nacionais e estrangeiros, e uma grande exposição de fotografias de teatro e debates competentemente organizados).

(O FITEI e a Imprensa.) No mundo em que vivemos, a informação social tem uma importância que não se pode ignorar. Desde o seu primeiro ano, o FITEI criou condições para que fosse possível a cobertura do Festival por parte da Comunicação Social. Por isso os críticos dos jornais são anualmente convidados para se deslocarem ao Porto com as despesas de transporte e estadia por conta do Festival. O mesmo acontece com críticos estrangeiros, em especial, espanhóis. Alguns críticos de Lisboa têm correspondido ao convite e feito uma cobertura quantitativamente satisfatória daquêle acontecimento. Foi o que aconteceu este ano com Manuela de Azevedo («Diário de Notícias»), Tito Lívio («A Capital»), além do crítico do «D.L.». Infelizmente, nem o «Diário Popular», nem «o diário», nem a imprensa semanal se fizeram representar pelos seus críticos o que me parece de lamentar. Tanto o grupo de «O Jornal» como «O Expresso» e outros jornais não estiveram presentes (embora parte deles tenha publicado alguns textos sobre o Festival). É lamentável pelo que prova, para além da impossibilidade concreta de cada um dos críticos, do desintresse da nossa comunicação social perante um dos poucos grandes acontecimentos culturais do país.

Mais lamentável, porém, é o que se passa com a imprensa do Porto. Tenho na minha frente um recorte do «Jornal de Notícias» de 17-11, portanto em pleno FITEI. Vejo nesse recorte uma fotografia que ocupa três colunas da pág. 29 com uma legenda com pouco mais de nove linhas. Sob esta legenda e esta fotografia – que são a única referência nesse dia ao FITEI – há um título a duas linhas: «Pia Padora: Também é necessário o talento?» Segue-se um artigo ilustrado por uma foto da pequena em «biquini» e que ocupa um espaço equivalente a quase uma coluna.

Esta dupla imagem acaba por fazer figura de caricatura do comportamento real daquele que é o diário português de maior tiragem. Preferir a pequena descascada a um acontecimento ao mesmo tempo nacional e internacional é sinal confrageder duma maneira de informar e portanto de estar ao serviço (ou nã de uma sociedade e de um po: Gom excepção do «Comércio Porto, que publicou regul. mente crónicas sobre o festiv. do jornalista João Maia, a atitude do «Jornal de Notícias» foi bastante seguida pelos restantes jornais do Porto.

Vamos, meus senhores, um esforço a favor do teatro e do Porto. Custa assim tanto?

E, agora é que é, até para o ano.

E o menino deixou de ser menino

Continuação da pág 3

nuas, de todo nuas, por fora do decote da combinação de paninho cor-de-rosa debruada de rendas brancas, cobria-lhe com fogueiras de beijos os cabelos encaracolados, as faces, o pescoço, as espáduas, apertava-o nos braços nus contra as mamas nuas, o coração batia-lhe apressado no peito, já tás mais quentinho, amorzinho?, e ele, só consigo, aquilo que diziam da tia Francelina... A tia Rosalina levantava, puxava para cima a combinação debruada de rendas brancas e de paninho azul, levantada, puxava para cima a camisinha interior, descia, puxava para baixo as cuequinhas do Raul, a camisinha e as cuequinhas de flanela avermelhada, enlaçava-o nos braços nus pela cintura, encostava, rossava as mamas nuas, o ventre nu, as coxas nuas, nas espáguas, nas costas, nas coxas nuas do Raul, o Menino, ia-lhe, de mansinho, muito de mansinho, passando a mão de seda na beliquinha,. aquece-te, queridinho, aquece-te... O Raul a pouco e pouco adormecia, no breu do cubículo estreito, e o mar na costa ao longe, e o vento, e a chuva, e a neve a fustigarem os vidros da janela, as telhas do tecto, de manhã acordava tonto, confuso, a tia Francelina e a tia Rosalina acordavam repousadas, serenas, nos lábios o sorriso e nos rostos a santa paz das santas que estavam no oratório da madrinha Francisca e nos altares da igreja. Acordava tonto, confuso — e ansioso por que a noite chegasse de novo...

Vestia-se, molengão, arrastava-se para casa, engolia duas dentadas, o leite que a mãe lhe aquecia, ia nas voltas que lhe mandavam, largava para a escola, na escola, recreio do meio dia à uma, o lanche, um pedaço de bolo com um chicarro seco mastigados mal na saga da bricadeira breve, passava o tempo, das nove da manhã às três e meia da tarde, com o Cardoso, o Manuel, o Orlando, o Rui, o Mário, o Venceslau, o Almerindo, todos os da sua idade e da sua igualha na mesma classe e os burguetes mais novos nas classes mais atrasadas, ouvindo chateados as prelengas da professora.

Ao lado da escola deles, separadas as duas pelo enchamês(3) de ripas bordadas de teias de aranha, ficava, no mesmo edifício de paredes sem cal, a escola das raparigas, por sobre a loja negra e ensebada, armazém e arrecadação das companhias baleeiras, à professora, a D. Lídia, chamavam a Rata Velha, e os rapazes grandes, que já não andavam na escola, confidenciavam-lhes, com meias palavras de sentido vago, vão vocês àquele loje, a porta tá aberta, se não, tá encostada, é só empurrar, entrem e olhem p'ra cima se querem ver o que nunca viram, mas o que é que a gente vê? é segredo, vão lá vocês se querem saber, mas com cautela, sem que ninguém os veja entrar, sem barulho, que se a Rata Velha sabe, se le vão dizer ou ela desconfia...

Um dia, resolveram-se, foram, depois que a professora, a D. Anica do Faial, os mandou sair, mandava-os sair sempre à hora certa, às três e meia da tarde em ponto, a das raparigas, a D. Lídia, a Rata Velha, demorava-se até às cinco, cinco e meia, enquanto houvesse um raio de sol não arredava da escola, ali a massacrar as alunas da quarta classe, tinham que ir a exame e ficar distintas, todas sem faltar nem uma, foram, a vigiarem-se bem, não os fosse descobrir alguém que passasse e mexericasse para a Rata Velha, estes sem vergonha, que desaforo!, a porta não estava aberta, não custou abri-la, o tal empurrãozinho e pronto, que cheiro de esquisito, alcatrão, gasolina, aquele cheiro dava-lhes volta aos estômagos, aguentaram-se, entraram nas pontas dos pés, respiração contida, nem se ouvia uma mosca, que lhes importava aquele cheiro?, se a Rata Velha desconfiava..., ergueram as cabeças, olharam... Apodrecido, esburacado o soalho da escola das raparigas, por aqueles buracos, tantos, nem se lhes dava conta, viram as pernas das raparigas sentadas nos longos bancos por trás das longas carteiras, quando se levantavam e se chegavam à secretária da professora, que as chamava, algumas não tinham calcinhas, viam tudo e tudo a descoberto, quando iam todas e ficavam de pé à volta do quadro preto na parede ao fundo, logo eles corriam, como gatos, amontoavam-se em cacho contra o canto, por baixo, as cabecinhas de olhos espetados para o ar, o Cardoso, o Manuel, o Orlando, o Rui, o Mário, o Venceslau, o Almerindo, o sangue esquentava-se-lhes nas veias, o suor, apesar do frio, se estava frio, cobria-lhes as carnes... Sempre com as mesmas cautelas, olho adiante olho atrás, não fosse o diabo tecê-las, voltavam todas as tardes, já sabiam quem ficava na endireitura de cada buraco, na endireitura deste a Filomena do Ambrósio, daquele a Valdimira do Relincha, daqueloutro a Deolinda do Faísca, alentadas, cada pernalhão, todos queriam ficar por baixo daqueles buracos, se elas iam ao quadro todos queriam ficar no lugar mais ajeitado para melhor lhes verem as pernas, até a Filomena do Ambrósio era das que não usavam calcinhas, as outras, as perninas ainda uns gravetos, pouco importava, e viam, fascinados, o Raul quase indiferente, se bem que se fingisse tão fascinado como os demais, que viesse a noite e tinha melhor, muito melhor, para ver, e não só para ver...

O tempo rolava lento, adensava-se o cheiro denso, cada vez mais denso, a alcatrão, gasolina, adensava-se o escuro cada vez mais escuro da loja escura, eles, em pressentindo em cima, na escola das raparigas, o bulício da saída próxima, abeiravam-se da porta encostada, sem o mínimo ruído, um à frente a espreitar por uma greta, os outros atrás, vem alguém? espera... vai aí ũa lambisgóia... já se foi, agora!, e escapuliam-se, como tinham entrado, sem que ningém desse por eles.

As sombras da tarde adensavam-se sobre a terra e sobre o mar, do sino no alto da torre sineira da igreja tombavam, austeras, as trindades tristes, eles retardavam-se pelo caminho, na volta de casa, não os preocupavam os ralhos dos pais, malandros p'rà i na boa vida e tanto trabalho p'ra fazer, aguardavam que as raparigas passassem, olhavam-nas de esguelha com olhos safados, diziam-lhes palavrinhas agarotadas, elas não entendiam, ou entendiam e faziam que não entendiam, se se cruzavam com a D. Lídia desbarretavam-se, sisudos, respeitosos, assim é que os ensinavam, boa tarde senhora professora, boa tarde meninos, mal a apanham longe riam-se, trocistas, Rata Velha, algum mais afoito e atrevido, certo, pela segurança da distância, de que não poderia ser identificado, apedrejava-a com um berro escarninho:

— Rata Velha! Rata Velha!

Rata Velha — mas temiam-na.

À noite, na cozinha, enquanto decorria o serão, com a mãe, o pai, as avós, o avô materno, as tias, a madrinha Francisca e as contas do seu rosário, Nosso Senhor nos defenda do pecado e nos livre das labaredas do inferno, o Raul esperava indiferente aos contos das avós, do avô materno, de longe em longe do pa indiferente, impaciente, e impacientes esperavam a tia Francelina e a tia Rosalina, acabado o serão, a tia Francelina e a tia Rosalina, que frio! o nosso Menino vaco'a gente, o Raul ia, era o que esperava com toda a sua impaciência sufocada, metia-se com elas no cubículo estreito, enfiava-se, ansioso, com elas na cama, por baixo dos lençóis, dos cobertores, da colcha de retalhos, a tia Francelina e a tia Rosalina, aqui, queridinho, no meio, — e a grande festa começava...

(1) **Neve** — Granizo. No Pico, chamamos-lhe sempre neve.
(2) **Mancebo** — Peça de madeira de que se dependurava a candeia.
(3) **Enchamês** — Frontal; tabique de ripas, normalmente encaliçado.

O ÊXITO CONTINUA

RESTAURANTE "FORNO DE CIMA" PRAGAL - ALMADA ☎ 276 70 24

Já pensou onde vai passar o FIM DE ANO?

SAMUEL

NUNO GOMES DOS SANTOS

SAMUEL e NUNO GOMES DOS SANTOS
Convidam os amigos para jantar
Quinta, Sexta e Sábado
no restaurante «FORNO DE CIMA»

COMUNA TEATRO DE PESQUISA

sexta e sabado às 21,30h

a CASTRO

ANTONIO FERREIRA

ENCENAÇÃO JOÃO MOTA

11 MESES

DE LOTACOES ESGOTADAS

2 salas

2 espectaculos

praça DE espanha

TEL 72 08 18

no espaço de CAFE-TEATRO

quintas às 22 h

sexta e sabado as 23,30 h

QUERO O MEU VITOR A CORES

UMA FARSA DE CORPO PRESENTE

2º MÊS

SERVIÇO DE BAR

SUB. MC.

O GRANDE FILME DAS FESTAS

MUNDIAL FILMES E OS CINEMAS "CASTIL", "CITY" E "VOX" TÊM O GOSTO DE APRESENTAR O MAIOR CÓMICO FRANCÊS DA ACTUALIDADE

O GRITO DA VITÓRIA

A GRANDE COMÉDIA DO ANO, QUE VAI PÔR LISBOA INTEIRA A RIR A BANDEIRAS DESPREGADAS!

ATRAVÉS DO MUNDO, EM HON-KONG, TUNISIA, PARIS, NEW-YORK E SENEGAL, OS PROBLEMAS RESOLVEM-SE COM A TÉCNICA DE "PLANETA ASSISTENCIA"

Um filme de CLAUDE ZIDI

COLUCHE • VALERIE MAIRESSE • DIDIER KAMINKA

MARTHE VILLALONGA et EVA DARLAN

MUSIQUE VLADIMIR COSMA

HOJE ESTREIA

Em três cinemas

CINEMA CASTIL City VOX

MUNDIAL FILMES MAIORES 12 ANOS

crónica de touros

SOLILÓQUIO

Um toureiro voltou à sua terra

Praça de Touros de Vila Franca. Domingo, 30 de Outubro de 1983. Festival do Ateneu Vilafranquense. Novilhos de Pinto Barreiros para Afonso Lopes, Rui Salvador, Forcados Amadores de Vila Franca (cabo João Dotti), Ruiz Miguel, Justo Benitez, Vítor Mendes e Pedro dos Santos.

O festival do Ateneu Vilafranquense começou como devia começar: com a sua banda desfilando na arena, tocando entre os aplausos da meia casa; e depois, parada, executando o «passodoble» que o seu maestro compôs há tempos para um toureiro que do Ateneu foi músico, e do Ateneu se não esquece, pela terceira vez lhe promoveu o festejo. Um toureiro de Vila Franca, chamado Vítor Mendes. Esmerou-se a banda a tocá-lo, e o maestro a dirigi-lo, com gesto a que, para mais visível, trouxeram uma grade vazia de cerveja, nela se empoleirou como se fosse estrado. E o «Montera Negra», «passodoble» para Vítor Mendes, vibrou na velha Palha Blanco. E o público vibrou com ele, por ser assim bonito e toureiro, e por num toureiro seu ter inspirado.

Eu diria que foi inspirado no único toureiro português que hoje temos, autêntico. Autêntico no sentido do que exerce por inteiro a sua profissão, nas arenas de Espanha (e da França, onde as corridas estão longe de ser turísticas), onde o touro, além de touro ser, não foi despojado de parte das hastes, nem lhas esconderam com embolações. E exerce-a em condições que muitas figuras por lá rejeitam, enfrenta as corridas duras, as cabeças com lenha, as divisas de má sina. Vítor Mendes, contra aquilo que muitos esperavam, e alguns desejavam, aguentou esta temporada situado fora do montão, uma só tarde lhe faltou para chegar às trinta, à frente de vários consagrados se colocou; e sem para isso entrar em grupos, desses com que os grandes empresários cozinham os cartazes de feiras e praças importantes, sem que dificuldades e injustiças lhe esmorecessem a confiança e as faculdades, a pouco e pouco acrescentando a técnica e o ofício, ganhando o respeito dos que conhecem o preço e os sacrifícios que, também nas arenas, pode custar a verdade.

À sua terra voltou Vítor Mendes: sem poder mostrar aos conterrâneos, apesar do calor com que o aplaudiram e das prendas que à arena lhe lançaram, a dimensão actual do toureiro que o nome de Vila Franca vai levando, trabalhosamente, pelas arenas do mundo. Dos novilhos de Pinto Barreiros, tocou-lhe um dos menos potáveis, logo no capote se ficava, quebrando a estampa clássica e galharda com que o matador lanceava à verónica; e não lhe permitiu na muleta outra coisa senão mostrar que anda sobrado no domínio das sortes e terrenos. Isto sem falar nas bandarilhas, em que, excluindo Ruiz Miguel, se convidaram entre si os matadores; e da diversa fortuna e luzimentos que repartiram, tinha de caber a Vítor Mendes o par da tarde, teimava o que fechou praça em comprometer-lhe os cites, dentro da córnea se lhe foi meter o toureiro.

Manda a natureza e a tradição que num festival se omitam exigências. Basta que seja entretido, ou que pelo menos não alcance o chato: e foi o que desta sucedeu, já que coisas notáveis não aconteceram. Afonso Lopes, com um inimigo sonso e andarilho, pôs a música a tocar logo ao recebê-lo, e se um encontrão contra as tábuas lhe baixou o tom, nem por isso negou sua promessa; Rui Salvador tapou os falhanços iniciais com o espectáculo dos curtos no cavalo branco; e certinhos pegaram os forcados da terra. Na parte apeada, dita à espanhola, Ruiz Miguel defendeu-se de um novilho que sabia da poda, punteava, buscava, talvez inconformado com o par que Dario Venâncio brindou ao céu, e cravou trazendo os braços lá do alto, aguentando. Justo Benitez veio no posto do anunciado José Luís Palomar: e na primeira actuação em Portugal do bravo e modesto aragonês, de terras de Teruel, pôde o antigo mineiro de Utrillas mostrar-se fácil e ligeiro nas bandarilhas, variado com os enganos, mais rigoroso simulou a morte recebendo, tudo bastante para entre mostras de simpatia dar a volta, nela como todos receber, e na cabeça colocar o boné que da banda lhes atiravam, gratidão por terem vindo; e o Pedro dos Santos, a contas com um novilho difícil e com o pouco sal da sua figura, destapou-se por fim nuns naturais extensos, se quer ser toureiro terá de os experimentar por Espanha, onde não estaria sujeito ao percalço desta tarde, a bandarilha do simular a morte ficar presa no traseiro do bicho.

Além, assistindo ao festival, reconheci Vicente de la Calle. Cresceram-lhe, nestes quase dez anos, brancos cabelos: mas era Vicente, tenho a certeza que era ele, o dedicado moço de espadas de José Falcão, o que com o olhar amigo lhe servia a espada de matar ou morrer, essa que não chegou a abater «Cuchareto». Lembrança que também a Vítor Mendes há-de ter chegado, ele que segue corajoso a trajectória desse outro vilafranquense que a vida jogava pelo sonho teimoso das arenas, onde a paga maior era quantas vezes a glória de se vestir de toureiro, de sorrir aos que toureiro lhe chamavam, de saber que era verdade.

Hoje, no Pavilhão dos Desportos

Concerto por Timor-Leste

Promovido pela Comissão para os Direitos do Povo Maubere, realiza-se hoje, às 21e30, no Pavilhão dos Desportos, um Concerto por Timor-Leste, com a participação de Emílio Cao, Bolívia Manta, Quinteto de Maria João, Vai de Roda, Vitorino e Bando da Planície.

Nome dos mais importantes do quadro da música popular da Galiza, Emílio Cao é, simultaneamente, um dos representantes da música de raiz celta em que essa herança cultural se afirma de forma mais clara e envolvente.

Acusando uma formação musical em que se interligam elementos desde os clássicos à «cultura rock», Emílio Cao veio nos últimos anos a dedicar-se exclusivamente ao trabalho no campo do «folk», tornando-se notado pelo domínio de um instrumento – a harpa celta – de grande significado mítico e tradicional e, também, por uma voz que exprime de firma particularmente feliz o excepcional lirismo e delicadeza que são características essenciais da música popular galega.

Quanto aos Bolivia Manta, são um grupo fundado por dois músicos bolivianos, Carlos e Júlio Arguedas, que se propõe difundir a música tal como é quotidianamente praticada no Peru, Equador e Bolívia.

Com efeito, nesses três países andinos, a música tradicional é a expressão privilegiada de 16 milhões de índios quechuas e de 3 milhões de índios aymaras. Dizem os Bolivia Manta: «A música que amamos e que queremos dar a conhecer em toda a sua riqueza e diversidade não pertence a ninguém em particular. Criação colectiva, é expressão privilegiada de uma cultura popular própria dos índios andinos. Em nome dum modernismo que tende a nivelar tudo, encontra-se agora ameaçada. Precisamos de resistir a todas as ofensivas que tentam integrá-la e canalizá-la, continuando a mantê-la viva, aproximando-a o mais fielmente possível do espírito em que é feita e da realidade que exprime».

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

"Rir de quem nos faz chorar é a pior das vinganças" *(Confúcio)*

«9 às 5» é uma série americana tipicamente americana ou seja, para embrutecer os americanos. Como há para aí umas almas cândidas a pensar que o mal deve ser repartido pelas aldeias, puseram a série na RTP para tentar embrutecer também os portugueses.

Contaram-se ontem lá algumas anedotas, dentro daquele espírito dinâmico e empreendedor segundo o qual ao homem tudo é permitido e à mulher não. Transcrevo alguns ditos, ditos «de espírito», para perceberem o género.

«Por que é que os casamentos falham? Por que é que as mulheres estragam tudo?».

«Nunca enganei a minha mulher com as amigas dela. São todas uns monstros...»

– «E aquela rapariga com quem andaste em Cincinatti?

– Negócios...

– Dormiste três noites com ela.

– Era uma grande encomenda»...

– «E aquela da bomba de gasolina?

– Tive de optar. Ou ela, ou uma escola de condução».

Não consegui nem ao menos sorrir. E como estava só, suponho que por vergonha de mim próprio. Mas viria a rir, por vezes à gargalhada, com a rubrica que se seguiria.

Para os leitores poderem avaliar, transcrevo algumas afirmações do dr. Mário Soares, na entrevista à «1.ª Página».

Justiça social, pois!

Fomos para certos impostos, para certas taxas sobre barcos de luxo, sobre automóveis de luxo, sobre «boîtes», sobre artigos desse género que são relativamente pequenos mas com a ideia sempre da justiça social.

De quais...?

Quero prestar homenagem muito sincera ao ministro das Finanças. Ele tornou-se credor da gratidão dos portugueses.

Outro que faz o sacrifício!

«... Um homem que tem a sua vida, que está de embaixador num país onde tem um salário elevado, onde tem condições extremamente favoráveis e até agradáveis de fazer um trabalho que o apaixonava e que renuncia a isso tudo para vir ganhar muitíssimo menos, para o seu próprio país, para fazer uma política que é difícil, que é de rigor, e se expor à maledicência pública... (...) Ele está a fazer um grande sacrifício.

Despenalizam-se uns aos outros...

Nós despenalizamos já o agente do crime de corrupção que denuncie outros agentes de crimes de corrupção.

Tem graça...

O Estado tem de estar acima dos partidos políticos.

Certo

Não sou **profetiza** nesta matéria.

Confissão

Lucas Pires, uma pessoa por quem eu sinto simpatia e admiração...

A importância

(Vizela e aborto) a coligação é infinitamente mais importante do que esses problemas.

A razão

Se o Partido Socialista quisesse fazer uma aliança com o Partido Comunista, votaria a Lei do Aborto do Partido Comunista. E é para não o fazer que vai apresentar o seu próprio projecto.

A pergunta

«Não pensa que o seu apadrinhamento do projecto da Lei do Aborto poderá diminuir a sua imagem junto do eleitorado conservador?»

Preocupação justificada

Há pessoas que, em política, se preocupam mais com a imagem. Eu preocupo-me com princípios.

Bravo!!!

Eu quero ser julgado neste momento como Primeiro-Ministro, como homem que é capaz de resolver os problemas do País.

Outra pergunta

(Em relação à direcção do «Diário de Notícias») «tem sido dito e sublinhado que se trataria de um certo ajuste de contas antigas...».

... E a resposta

Não é verdade. Eu acho que a crítica é muito salutar.

O IPNC? Quem é?

A questão do IPNC pôs-se por razões meramente económicas.

O caderninho

Sá Carneiro disse, eu até tomei nota num caderninho que normalmente uso para tomar nota destas coisas...

Ora toma!

Para mim, a cultura situa-se sempre acima de política. Eu considero-me modestamente um homem de cultura.

E dentro?...

Eu sei que os portugueses não gostam nada de me ver fora de Portugal...

Haver ou não haver porta...

A Europa está em estado de desagregação em relação a ela própria. A Europa não nos abriu a porta porque neste momento certamente nem há porta...

Questão de dioptrias?...

Não tenho visto que da parte dos trabalhadores haja uma grande hostilidade à política de austeridade do governo.

Hoje

Na RTP-1 exibe-se o filme «História duma Mulher», do qual vimos uma cena

12.00 **Meio-Dia** – com desenhos animados.
13.00 **Jornal da Tarde**
Das **13.35** às **17.15** **Ciclo Preparatório TV**
18.00 **Sumário**
18.10 **Janela Mágica** – «A Pequena Nell», «Musti» e «Canta Connosco».
19.00 **Teleregiões** – noticiário regional.
19.20 **Três Tons**
19.50 **Vamos Jogar no Totobola**
20.00 **Telejornal** – noticiário.
20.30 **Direito de Antena** – Câmara dos Despachantes Oficiais.
20.35 **Telenovela** – «Pai Herói».
21.30 **Cinema Lumiar** – «História duma Mulher». Intérpretes: Shirley Booth, Robert Ryan, Marjie Millar e Alex Nicol. Realizador: Daniel Mann.
23.35 **Últimas Notícias**

Na rubrica Estórias da História, desta noite, o episódio intitula-se «Vietname Porquê?»

19.32 **Desenhos Animados** – «Heatchiff and Marmaduke».
20.30 **Adágio** – com o pianista Johannes Schmidt.
20.35 **Estúdio Aberto** – o comércio de Natal
21.25 **Estóridas da História**
22.25 **Telenovela** – «Gabriela».
23.00 **Último Jornal**

Amanhã

11.00 Missa do Dia da Imaculada Conceição **12.00** Meio Dia **13.00** Jorna da Tarde **13.30** Pux ausange **15.30** Arquitectura do Seculo XVI **16.00** Festiva Oti da Cancao **18.00** Sumario **18.10** Janela Magica **19.00** Teleregioes **19.30** Respublica - Barlaricos **20.00** Telejornal **20.30** «Pai Heroi» **21.15** «Devlin Connection» episodio **22.15** Programa da Direcçao de Informação **23.15** Ultimas Noticias

19.30 Desenhos Animados **20.00** Telejornal **20.30** Voar **21.00** cao **21.30** De Música - homen[illegible] Wagner **22.30** «Gabriela» **23.00** Ultimo Jornal

Caminhos de Ferro Portugueses

LISBOA - PORTO - LISBOA
«RÁPIDOS»
AGORA COM 2.ª CLASSE

3	7		4	8
08H25	14H25	Lisboa (Santa Apolonia)	11H50	18H10
–	15H27	Entroncamento		17H04
10H33	16H34	Coimbra B	09H39	16H01
11H07	17H08	Aveiro	09H05	15H27
–	17H38	Espinho	–	14H57
11H50	17H50	Vila Nova de Gaia	08H24	14H44
12H00	18H00	Porto (Campanhã)	08H15	14H35

Desde o dia 25 de Setembro de 1983 os comboios rapidos com os horários acima indicados, passaram a incluir, também, carruagens de 2.ª classe.

Esta medida traduz-se numa melhoria do serviço prestado ao Público ja que visa uma maior adequação do transporte oferecido à procura verificada.

Chama-se a atenção dos senhores passageiros que as carruagens de 2.ª classe atrás referidas, não poderão ser utilizadas por portadores de títulos de transporte com reduções especiais não insertas na Tarifa Geral de Transportes.

NOTA. Nestes comboios, tanto em 1.ª como em em **2.ª classe**, é obrigatória a marcação prévia de lugar e a sua lotação é limitada ao número de lugares oferecidos

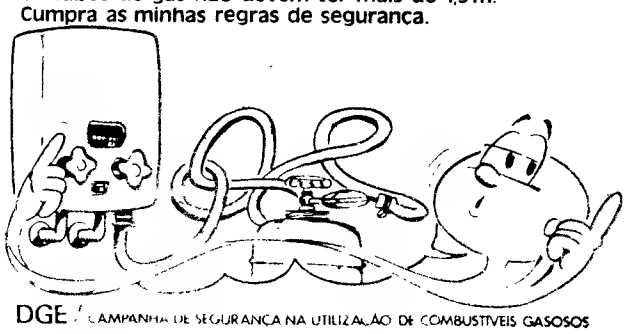
Para informações mais detalhadas devem os senhores passageiros dirigir-se às estações ou às Secçoes de Informaçoes

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA lembra que todos os motociclos são obrigados a usar, de dia, os médios

PRAÇA DE TOIROS
DA
FIGUEIRA DA FOZ

A Companhia do Coliseu Figueirense, S.A.R.L., recebe no dia 17 de Dezembro próximo, às 15.30 horas, propostas para a entrega da concessão da exploração da sua Praça de Toiros, na época de 1984. Esta concessão poderá ser dada por mais de um ano se convier aos interesses da Companhia.

Os tubos do gas não devem ter mais de 1,5 m.
Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTIVEIS GASOSOS

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

Cinema Lumiar (21.30)

Estórias da Historia (21.15)

PAI HERÓI

Rafael diz a César que esta muito desconfiado de que tenha acontecido alguma coisa a Carina. André recusa-se a dar o endereço de Carina a Tiago. E Renner aconselha Tiago a fazer alguma coisa contra a maneira de agir de André. André chega a casa da praia e fica preocupado sem notícias de Carina e passa um telegrama para ela. César e Nuno folheiam os jornais de Bariloche e não encontram nenhuma notícia. Renner pede permissão a Norah para ir ao encontro de Carina. André diz a Gilda que vai ao encontro de Carina mas fica sem saber o que fazer quando Romão lhe conta que Gilda nao está fora de perigo

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Música

O Duo Fredo Mergner-/Telmo Palma volta a tocar no Hot Clube, quinta, sexta e sábado, às 22.30 e às 0.30. Entretanto, todas as segundas-feiras toca no Hot uma «Banda da Casa» composta por Tó Marques (sax), Sérgio Pelágio (guitarra), Rui Alves (bateira) e David Gausden (contrabaixo e «anima»). Mais notícias do Hot: estão abertas novamente as inscrições para a Escola de Jazz, 2°. trimestre. Os interessados poderão fazê-lo todos os dias úteis, das 17,30 às 21,30. horas.

Passeios

Integrada na «Onda Verde do CNC» realiza-se no domingo, 11 de Dezembro com começo às 8.30 horas uma visita a uma reserva natural de grande interesse e quase desconhecida do público. A Pedra Furada, junto de Pêro Pinheiro, será descoberta com o apoio de Eugénia Soares de Albergaria, membro do Centro de Estudos Geográficos, que tem oritentado já outras visitas do CNC, como a da recolha de plantas medicionais na serra de Montejunto. Como todos os passeios da Onda Verde, este é aberto a não-sócios.

Entrentanto, prossegue a descoberta do Centro de Arte Moderna da Gulbenkian com mais uma visita promovida pelo CNC que, desta vez, é conduzida por Manuel Rio de Carvalho.

Rio de Carvalho está simultaneamente a orientar um curso de fim de tarde na sede do CNC com o tema «Da Pintura Abstracta à Body Art». A visita é no sábado dia 10 pelas 10 h da manhã.

O Centro de Documentação/Biblioteca da Cooperativa Diferença, ontem inaugurado

Cinema

No Auditório da SPA, Av. Duque de Loulé, 31, realizar-se-á hoje, quarta-feira, a projecção, a todos os títulos importante (porque se trata de um dos filmes recentemente recuperados), de «Inês de Castro» (1945) de Leitão de Barros. Entrada livre.

O ciclo de Cinema do AR.CO prossegue com a exibição de «Sorrisos de uma noite de verão», de Igmar Bergman (amanhã), «Morangos Silvestres», do mesmo realizador (sexta-feira) e «Pedro o Louco», de Jean Luc Godard (sábado). Sessões às 21,45.

Teatro

A Companhia de Teatro de Santarém apresenta hoje, às 20,30, no Instituto Superior de Ciências de Trabalho e Empresa (Av. das Forças Armadas, por detás da Cantina Nova), a peça «A Morte de Abjer o Garanhão» sobre um texto de Prosper Merimée, com encenação de Fernando Mora Ramos.

Conferências

O dr. Luís Manuel Teixeira, do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, profere dia 9, às 18,30, na Sociedade de Língua Portuguesa, uma lição sobre Espaço e decoração na arquitectura Manuelina, a 8. do Curso Livre da Critíca e História da Arte, que decorre naquela instituição.

Exposições

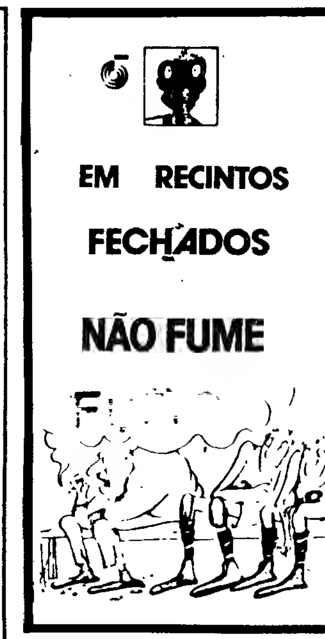
Barbara Lessing expõe pintura na galeria da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, ao largo da Biblioteca Pública. A inauguração da mostra é hoje, às 18 horas.

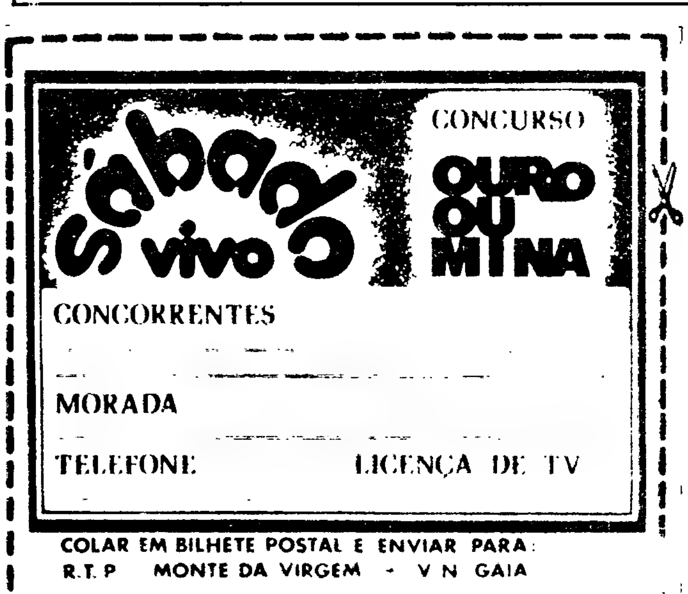
A tecelagem de Cândida e Júlio (Atelier Urdideira) com peças de vestuário e decoração, e Zé Teixeira com vários tipos de teares e respectivos acesórios, integram a exposição e venda que estará patente ao público na «Comuna» de 8 a 20 de Dezebro.

Uma exposição colectiva internacional de «Livro de Artista» foi ontem inaugurada na Diferença (rua S.Filipe Neri, 42, 1°. em Lisboa), onde poderá ser visitada todos os dias úteis, das 15 às 20 horas, até ao próximo dia 13 de Janeiro. Simultaneamente, foi também inaugurado o «Centro de Documentação-/Biblioteca» da Cooperativa Diferença que funcionará todos os dias úteis, das 16 às 19 horas.

Bailado

Com a estreia absoluta do bailado «Visitantes do Sonho» de Vasco Wellenkamp, inaugura-se esta noite a nova temporada do Ballet Gulbenkian. No programa, que será repetido amanhã (18,30), sexta-feira (21,30) e sábado (21,30), incluem-se os bailados «Reunion in Portugal», de Louis Falco e «Sinfonia em Ré», de Jiri Kylian.





COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	99$75	105$75
ALEMANHA FED (marco)	47$15	48$25
ÁUSTRIA (xelim)	6$60	6$80
BÉLGICA (franco)	2$156	2$356
BRASIL (cruzeiro)	$060	$110
CANADÁ (dólar – notas de 1 a 2)	103$65	105$65
(notas de 5 a 1000)	104$15	106$15
DINAMARCA (coroa)	13$05	13$45
ESPANHA (peseta)	$783	$903
EUA (dólar –notas de 1 as 2)	129$20	131$20
(notas de 5 a 1000)	129$70	131$70
FINLÂNDIA (marka)	22$15	22$75
FRANÇA (franco)	15$50	16$20
HOLANDA (florim)	42$05	43$05
INGLATERRA (libra)	187$05	191$05
IRLANDA (libra)	147$25	151$25
ITÁLIA (lira)	$071	$081
JAPÃO (iene)	$524	$559
NORUEGA (coroa)	16$95	17$45
SUÉCIA (coroa)	16$05	16$65
SUÍÇA (franco)	59$00	60$10
VENEZUELA (bolívar)	7$90	8$90

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; **17.00**: ZGHIBZ; **18.30**: Informativo de trânsito; **18.45**: Catequese semanal, do Papa João Paulo II; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Folhetim – o espaço é seu; **21.00**: Toda a gente é pessoa; **21.30**: Viva a noite; **23.30**: Último jornal. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas.

Programa 2

16.00: Curiosidades musicais; **16.50**: Solos de cimbalo; **17.00**: O canto e os seus intérpretes; **18.05**: Culturando; **19.30**: Quarteto n.° 1, em fá menor, de Hindemith; **20.15**: A voz de Roma; **20.30**: Suite n.° 4, «Mozartiana», em sol maior, de Tchaikovsky; **21.00**: Encontro com...; **22.00**: Música de câmara; **23.00**: Ciclo Wagner; **00.35**: «Viagens na Minha Terra», de Lopes Graça; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Musical; **20.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **23.30**: 24.ª hora; **01.00**: O passageiro da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **22.00**: Café concerto; **00.00**: Dois pontos. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM E FM

15.00: Clube da casa; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da LAR; **19.50**: Bola branca (2.ª edição); **20.00**: Horizonte; **21.00**: Hora de música; **22.00**: Ouvir e pensar; **23.00**: Última hora; **23.55** Meditando. Noticiários intercalares a todas as horas

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Paju.

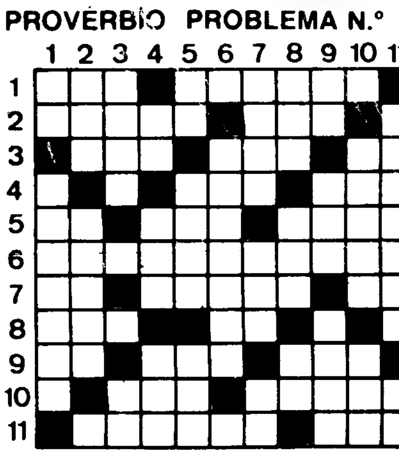
Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.° 13 902

HORIZONTAIS:

1 Nome de letra. Padecer.
2 Bandas. Tempo do verbo ir.
3 Preposição. Utensílios domésticos. Nota musical.
4 Estar Desgraça.
5 Sufixo que designa estado. Rio da Suíça. Calosidade.
6 Rezingaram.
7 Nota musical. Ave trepadora. Apelido da mãe de Luís de Camões.
8 Espádua. Concede.
9 Apelido. Governanta. Piedosa.
10 Rio de Portugal. Marcha.
11 Atravessar. Suspiros.



VERTICAIS:

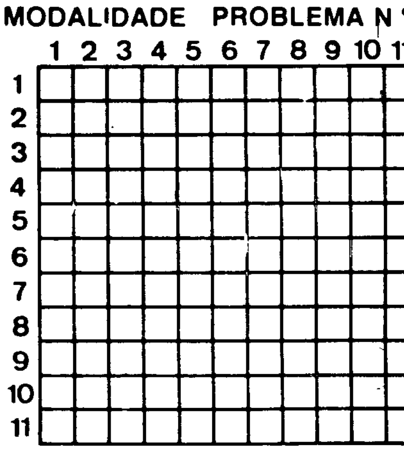
1 O mais. Ilha entre o Oceano Pacífico, o mar da China e a Coreia.
2 Cidade de França. Bruma.
3 Adória. Concede.
4 Sufixo que designa estado. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Duna na Suécia.
5 Abreviatura de Santíssimo. Ir para fora. Pedras de moinho.
6 Pontapé.
7 Vender a crédito. Grande. Prasiodímio (s.q.).
8 Freguesia do concelho de Penafiel. Designação genérica das plantas herbáceas. Utensílio doméstico.
9 Pertences. Oceano. Porção de uvas ou azeitonas para uma lagarada.
10 Exprimes por palavras. Agarrei.
11 Rei dos Israelitas, filho e sucessor de David e Betsabé. Ósmio (s.q.).

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.° 9754

HORIZONTAIS:

1 Grande mala. Conselho.
2 Combina. Escavadas.
3 Irmão do pai. Cidade do Estado do Rio Grande do Sul. Suspiros.
4 Pertences. Naipe das cartas de jogar. Preposição.
5 Ruim. Anel. Cidade da Argélia.
6 Tempo forte entre os latinos.
7 Preposição. O mesmo que oh!. Prefixo de negação.
8 Carta de jogar. Courela. Cobalto (s.q.).
9 Induzir.
10 Chegar ao meio. Amónio. (s.q). Para barlavento.
11 Tostar. Cidade de Itália.



VERTICAIS:

1 Assassinem. Vitória.
2 Aplanares. Pertences.
3 Atilho. Carta de jogar.
4 Autores. Designação genérica das plantas herbáceas. Apelido.
5 Destruir.
6 Freguesia do concelho de Vila do Bispo.
7 Seguia. Ramada.
8 Verso. Pessoa muito parecida com outra. (pl).
9 Ergue. Bigorna de aço sem hastes.
10 Repentes. Cidade da Colômbia.
11 Endurecido. Qualquer pequeno orifício. (pl).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.° 13 901

HORIZONTAIS:

1 OS. RIOS. Pai.
2 Carona. Pago.
3 Tio. Au. Aras.
4 Aam. SSa.
5 Sabores. IJ.
6 Na. Maomé.
7 Orçar. Id. An.
8 Ruelas. Om.
9 Ris. Nau. Aal.
10 Ne. Oc. Sorri
11 Marrocos. Cm.

VERTICAIS:

1 Octa. CORREM.
2 Saias. Ruin.
3 Romances.
4 Ro Baal. Or
5 Inaco. Rano
6 Oau. Sa.
7 Semi Uso
8 Passado. Oi
9 PARA. O. MAR
10 Agá. Imã. Ac
11 Ios Jenolim

Provérbio: OS RIOS CORREM PARA O MAR

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.° 9753

HORIZONTAIS:

1 Piratas. Agi.
2 Irisar. Tré.
3 Ras. Páscoa.
4 Ao. Cabaças.
5 Selim.
6 Horas. Ovo.
7 Aço Elais.
8 Sãs Modo. Ia.
9 Coados
10 Moroso. Orão.
11 Em. Um. Ero.

VERTICAIS:

1 Piranhas. Mu.
2 Irão. Ocaso.
3 Ris. Uros. Re.
4 As. Com
5 Tapássemos.
6 Árabe Lotou
7 Salgada.
8 CCI Iodo.
9 Atoamos. Ore.
10 Grãs. Isar.
11 IE Toma. Oo.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
MEGAFORCE
2.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 18 a.
JÚLIA E OS HOMENS

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
M. 6 a.
FLASHDANCE
4.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a.
TESS
2.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30 e 18.30 – M. 12 a.
OS GRANDES AVENTUREIROS
Às 21.30
BANZAI, O GRITO DA VITÓRIA

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
ESPOSAMANTE
Às 24
PÂNICO EM NOVA IORQUE

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 15, 18.15 e 21.15
– Int. men. 13 a.
CASANOVA
Às 00.15
FIM-DE-SEMANA ESCALDANTE

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– M. 13 a.
A FÚRIA DO DRAGÃO II
c/ Bruce Lee

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a
ESMERALDAS SANGRENTAS
c/ Ryan O»Neal e Omar Sharif

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
O CONQUISTADOR

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a
MEGAFORCE

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 13 a
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
71.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
PORQUE NÃO?

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– M. 6 a.
O REGRESSO DE JEDI

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
– M. 12 a.
ESMERALDAS SANGRENTAS

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 16 a.
TIMERIDER OU UMA AVENTURA EXTRAORDINÁRIA

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

–M. 6 a.
LA TRAVIATA
de Verdi

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
Às 14.15, 16.30 e 21.30
– M. 12 a.
ALVO ÁGUIA
Às 24
TESTA DE FERRO

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 12 a.
OPERAÇÃO THOR
Às 24
UM ASSASSINO PELAS COSTAS

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24
– M 12 a.
OCTOPUSSY

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
– Não acons. men. 18 anos –
OFICIAL E CAVALHEIRO
Com Richard Gere e Desra Winger
Um filme de Taylor Hackford

ODEON 326283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– M. 16 a.
O CLÃ NEGRO ATACA

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
TIMERIDER OU UMA AVENTURA EXTRAORDINÁRIA

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
– M. 12 a.
OS LUNÁTICOS DO AMOR

O ESTADO DAS COISAS um filme de WIM WENDERS rodado em Portugal em exibição no Quarteto

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21 e 23.10
– M. 12 a.
O ESTADO DAS COISAS
Às 00.45
O DUETO DA CORDA
de John Landis
SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21 e 23.15
– M. 18 a.
QUERELLE
de Fassbinder
Às 00.45
OS DIABOS
SALA 3
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21 e 23.15
– M. 12 a.
O ANO DE TODOS OS PERIGOS
Às 00.45
ASSALTO À 13.ª ESQUADRA
SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19, 21 e 23.15
– M. 12 a.
O QUE FAZ CORRER DAVID
Às 00.45
A GUERRA ACABOU

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
SEMPRE EM FÉRIAS

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
ALVO ÁGUIA
2.ª Semana

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO
6.ª Semana

SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
– N. ac. men. 13 a.
THE IDOLMAKER – O FABRICANTE DE ÍDOLOS
3.ª Semana

SALA 3

Às 14.30, 18.15 e 21.15 h
– Maiores 12 anos –
SOPHIE'S CHOICE
15.ª Semana

TURIM 706666

E. de Benfica, 723-A

Às 14, 16.45, 19 e 21.30
– M. 6 a.
O REGRESSO DE JEDI

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68
Às 14.30, 17.00, 19.10, 21.30, 24.00
– M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

As 15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
A VIDA É UM ROMANCE
3.ª Semana

TERMINAL 37?573

Estação do Rossio

Às 11, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– M. 6 a.
QUERIDO FANTOCHE

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
– Não acons. men. 18 anos –
OFICIAL E CAVALHEIRO
Umfilme de Taylor Hackford
11.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

As 15 e 18.15 – M. 12 a.
OS GRANDES AVENTUREIROS
Às 21.30
BANZAI, O GRITO DA VITÓRIA

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
O GOLPE DOS ENRASCADOS

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 – «McQuade, o Lobo Solitário» às 21.15 (12 anos)
ALFA-3 – «Oficial e Cavalheiro», as 21.45 (18 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS – «Armadilha Internacional», às 21.15 (13 anos)
CAPITÓLIO – «Degradação de uma Mulher Casada», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
CITY-CINE – «Banzai, o Grito da Vitória», às 21.30 (12 anos)
MUNDIAL – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
OLÍMPIA – «Matulões, Alugam-se sessões permanentes (18 anos)
APOLO 70 – «A Estrada dos Malucos» às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «O Regresso do Justiceiro da Noite», às 21.30 (13 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA – «A Baia des Anges», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «Hannie Caulder» às 21.30 (18 anos)
ROYAL – «O Bombardeiro», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA – Incrível – «O Governador de Ferro», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «007, Operação Tentáculo», às 21.15 (12 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim – «Brigada Antigangster», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Cinestúdio Almada – «O Truno da Noite», às 21.30 (13 anos)
COSTA DE CAPARICA – Silcine – «Gabriela», às 21.45 (16 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine-Plaza – «Octopussy, 007 Operação Tentáculo», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «Operação Thor», às 21.30 (12 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «E. T., o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «O Padrasto», às 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Iniciação Carnal», às 21.30 (16 anos)
ERICEIRA – Cinestúdio – «A Ilha dos Ursos», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS – Oxford – «Justiça de Guerra», às 21.30 (13 anos)
ALGÉS – Stadium – «Barro da Lata», às 21.15 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Os Malucos da Caserna», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Mas que Vizinhos», às 21.15 (13 anos)
PAREDE – Royal-Cine – «Selva de Asfalto», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL – Cinelândia – «O Porteiro da Noite», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Casino – «O Arco e a Flecha», às 21.15 (13 anos)

Porto

CHARLOT – «Verão Assassino» às 21.30 (12 anos)
OLÍMPIA – «O Rosto Espiritual», às 21.30 (18 anos)
BEBÉ – «Contos da Loucura Normal» às 21.30 (18 anos)
JÚLIO DINIS – «O Campo Infernal das Mulheres Perdidas», às 21.30 (18 anos)
RIVOLI – «Violência e Sedução» às 21.30 (16 anos)
PASSOS MANUEL – «A Escolha de Sofia», às 21.15 (12 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «A Senha do Gozo», às 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO – «Oficial e Cavalheiro», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO – «A Música não Pode Parar», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «Megaforce», as 21.30 (6 anos)
LUMIÈRE-A – «Octopussy», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L – «Smic, Smac, Smoc», às 21.45 (12 anos)
PEDRO CEM – «O Mensageiro», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO – «A Aventura Começa em Cabo Blanco», às 21.30 (12 anos)
ÁGUIA – «A Espada da Vingança» às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «O Vigilante», às 21.45 (16 anos)
FOCO – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **ALAMEDA GAGO COUTINHO: Estados Unidos**, Av. Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **ANJOS - RUA MARIA ANDRADE: Renascença**, R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (T. 831504); **AVENIDAS NOVAS: Figueiras**, Av. Marquês de Tomar 20-22 (T. 554995); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **HOSPITAL DOS CAPUCHOS: Capunhos**, R. Luciano Cordeiro, 2-A (T. 572076); **JANELAS VERDES: S. A. E. Silva Filhos**, R. São João da Mata, 72-74 (T. 661010); **MERCADO DO CHILE: Alralis**, R. Carvalho Araújo, 46-B (T. 891708); **PENHA DE FRANÇA: Dimar**, R. Conde de Monsarraz, 17-B (T. 842533); **PICHELEIRA: Mariuz**, C. Picheleira 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T 880703); **RATO: Soares**, Av. Álvares Cabral, 1 (T. 684282); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Vitex**, E. de Benfica, 373-B (T. 780548); **ALTO DE ALGÉS: H. Amaral**, R. X, lote 146-A; **ODIVELAS: Monserrate**, R. Guilnerme Gomes Fernandes, 31-A (T. 911139); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328)

REFORÇO

ALTO DE SANTO AMARO: Teles, R. João Barros, 2, frente (T 638176); **ALVALADE: Zil**, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); **BAIRRO ALTO: Azevedo Ir. & Veiga**, R. Misericórcia, 24 (T. 323540); **BENFICA - CEMITÉRIO: Simões**, C. Tojal, 102-A (T. 749649); **CAMPO DE OURIQUE - PRAZERES: Ourique**, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); **CAMPOLIDE: Central de Campolide**, R. General Taborda, 17 (T. 680304); **ESTEFÂNIA: Estefânia**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **LUMIAR: Central do Lumiar**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 798063); **MARQUÊS DE POMBAL - METRO PICOAS: Correia Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 5717385); **OLIVAIS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **SAPADORES: Zema**, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **BRANDOA: Brito**, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **BURACA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (T. 2750076). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **LARANJEIRO: Feijó**, R. Borges Rego, 7, Feijó (T. 2290991). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **BARREIRO: Central**, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207). Permanente; **AMORA: Motor Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **SEIXAL: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10, Arrentela (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: Higiene**, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370); **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHEGE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100); **SETÚBAL: Lisboa**, R. Dr. Paulo Borba. Permanente; **Cunha Pinheiro**, E. Canarinha, 32. Até às 22 horas.

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037) Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: EMendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**. Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Girassol, R Elias Garcia, 17-A (T. 974161). Permanente; **Helénica**, R. Elias Garcia, lote 372 (T 933613). Até ás 22 horas; **DAMAIA: D. João**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ: Correia**, L. do Mercado, 3 (T. 950906). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça**, Apelação. Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS: Quimia**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Ate às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**. Até às 22 horas; **SINTRA: Gomes da Silva**, L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747) Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

MOSCAVIDE: Império, R 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Permanente; **LOURES: Saralva**, Av. da República, 86 (T. 2530027). Permanente.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÁS 22 HORAS

LIDADOR, R. do Lidador, 265; **QUEIJA FERREIRA**, L. de São Pedro, 64, Campanhã; **SILVA PEREIRA**, R de Costa Cabral, 293; **BOAVISTA**, R. da Boavista, 601, à Carvalhosa; **SOUSA SOARES**, R. Santa Catarina, 141.

DE DIA E TODA A NOITE

LIGA DAS ASSOCIAÇÕES DE SOCORROS MÚTUOS, R. do Bonjardim, 286; **ANTIGA PORTA DO OLIVAL**, Campo dos Mártires da Pátria, 122; **BORRALHO**, Av. Fernão de Magalhães, 692; **CORREIA**, P. Mousinho de Albuquerque, 78; **DA PRELADA**, R. Central de Francos, 316.

Coimbra

ROCHA, R. do Brasil (T. 71526); **SÃO JOSÉ**, Arcos do Jardim (T. 24697).

teatros

Lisboa

CASA DA COMÉDIA – «Arlowe», às 22.00 (13 anos)
MARIA MATOS – «Annie», às 21.00 (6 anos)
TEATRO ABERTO – «Comédia à Mota Antiga», às 21.30 (13 anos)
TEATRO DA GRAÇA – «O Rufia na Escada», às 21.45 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «Quem Me Acaba o Resto?!», às 20.30 e 22.45 (16 anos)
VILLARET – «Super Silva», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – O Circo do Natal, às 21.30 (6 anos)
PRAÇA DE TOIROS DO CAMPO PEQUENO – Circo Chen, às 21.30 (6 anos)
ABC – «Todos Tesos» às 20.30 e 23.00 (18 anos)
VARIEDADES – «Um Fantasma Chamado Isabel» às 21.30 (13 anos)

Porto

CAMPO ALEGRE – «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)
MODESTOS – «Sem Dinheiro, Ivan Turgueniev», às 21.45 (13 anos)
TEP – Escola Académica – «Quase um Conto de Fadas», às 21.30 (13 anos)

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

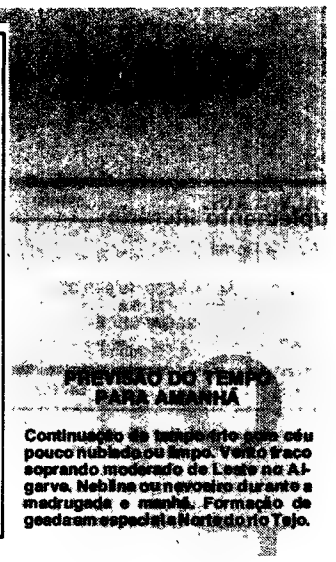
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

4.38	**4,0 m**	10.12	**1,2 m**
17.00	**3,7 m**	22.20	**1,3 m**
Dia 8			
5.16	**3,9 m**	10.50	**1,4 m**
17.39	**3,6 m**	22.57	**1,5 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

VIANA DO CASTELO	0º
BRANGANÇA	0º
VILA REAL	0º
PORTO	2º
COIMBRA	3º
CABO CARVOEIRO	6º
PORTALEGRE	9º
LISBOA	5º
ÉVORA	4º
BEJA	5º
FARO	10º
SAGRES	–
PONTA DELGADA	6º
FUNCHAL	18º



PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Continuação de tempo bom com céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco soprando moderado de Leste no Algarve. Nebulosidade ou nevoeiro durante a madrugada e manhã. Formação de geadas em espaços a Norte do rio Tejo.

DESAPARECEU PELA 25.ª VEZ o menor Luís Miguel Moreira Pinheiro, de 14 anos, que no dia 16 de Outubro último deixou de aparecer em casa dos seus pais no Alto de Santa Luzia, Cucujães, Oliveira de Azeméis. Mede 1 metro e meio, tem cabelos alourados e olhos acastanhados. A excessiva frequência das fugas de casa deveria merecer a atenção de qualquer psicólogo ou sociólogo para esclarecer se o mal está na criança ou nos progenitores.

MIL CONTOS DE MATERIAL ELÉCTRICO e ferramentas furtadas de um estabelecimento de Vila do Ral, Santa Maria em Sintra, levam a crer que os autores pensam dedicar-se ao trabalho. Há, no entanto, pessoas cépticas que admitem outra hipótese: os artigos furtados acabarem nas mãos de receptadores por meia dúzia de tostões.

INDIVÍDUOS AUDACIOSOS fizeram colheita de vulto no interior de um automóvel estacionado na Rua de Santana, em Leça da Palmeira. Enquanto o proprietário foi jantar, entraram na viatura e surripiaram 500 contos que o comerciante António de Jesus Ferreira havia deixado dentro de uma pasta. Para concretizarem o furto, os assaltantes não hesitaram em partir o vidro da porta do lado esquerdo do veículo. A pasta foi, entretanto, recuperada a uma escassa dezenas de metros do local, mas apenas com os documentos.

ELEMENTOS DA PSP do Porto fizeram gorar um negócio ilícito com libras antigas avaliadas em mais de 300 contos. Tais libras haviam sido trazidas por um jovem de Bragança e destinavam-se a ser vendidas pela melhor oferta. Na sequência de uma queixa apresentada pelos pais do jovem na PSP de Bragança, foram alertadas as autoridades portuenses.

FALECEU esta manhã na sua residência, em Alverca, Carlos da Silva França (70 anos), pai da jornalista Elizabete França. O funeral terá lugar amanhã, da residência de família, na Rua João Manta n.º 32, para o Cemitério de Alverca. À família enlutada, as nossas condolências.

Diário de Lisboa

Amanhã, dia 8 de Dezembro, é feriado nacional, não se publicando por isso o «Diário de Lisboa», encontrando-se encerrados todos os nossos serviços.

Voltaremos ao contacto com o público leitor na próxima sexta-feira, dia 9.

Partido Socialista poderá adiar decisão sobre o aborto

O projecto de lei sobre o aborto que o Partido Socialista irá apresentar à Assembleia da República poderá não ser submetido à discussão e votação do Parlamento durante a actual sessão legislativa. Com efeito, círculos próximos do grupo parlamentar socialista, afirmaram-nos que órgãos dirigentes do PS teriam decidido, a semana passada, entregar o projecto na Assembleia dois ou três dias antes das datas em que está prevista a discussão e votação do projecto de lei do PCP visando a legalização do aborto. Tal facto permitiria subtrair desta discussão o projecto socialista, uma vez que este não poderia ser devidamente apreciado, naquele período de tempo.

A comprovar-se esta directiva, o Partido Socialista determinará assim a continuação da prática do aborto clandestino, pelo menos por mais seis meses, altura em que o seu projecto poderá ser submetido à discussão no Parlamento. Entretanto, e ao contrário do que aconteceu a 12 de Novembro de 1982, em que foi dada liberdade de voto aos deputados socialistas, o grupo parlamentar socialista estará, nos dias 25 e 26 de Janeiro próximos (datas agendadas para a discussão e votação do projecto do PCP sobre o aborto), atado à sua própria iniciativa legislativa.

Ontem à noite, no programa televisivo «Primeira Página», Mário Soares reafirmaria esta situação, ao sublinhar: «Os socialistas não vão fazer uma aliança com os comunistas em matéria de aborto. Se a quisessem fazer, então votariam a favor do projecto de lei comunista. Ora, é exactamente para não o fazerem que existe um projecto de lei socialista sobre o aborto». O secretário-geral do PS não adiantou, contudo, uma data previsível para a apresentação, na Assembleia, do projecto do seu partido.

Para já, e embora tenha no mesmo programa sublinhado que a votação dos projectos de lei sobre esta matéria é um assunto que envolve mais os parlamentares do que o Governo, Mário Soares, a confirmar-se a decisão de adiamento da discussão do projecto socialista, não terá de enfrentar, por agora, a abertura de uma frecha na coligação governamental. Com efeito, é conhecido que o PSD recusa qualquer iniciativa que vise a legalização do aborto, mesmo que esta se revista sob a forma de uma lei moderada. O secretário-geral do PS afirmou ontem esperar que os «sociais-democratas respeitem o seu partido, do mesmo modo que eu me tenho esforçado para os respeitar». Uma semana antes, Mota Pinto, também na «Primeira Página», mostrou-se, por sua vez, esperançado num recuo do seu parceiro de coligação quanto a uma votação pró-aborto.

Os dois projectos

Embora não seja ainda do conhecimento público, admite-se que o projecto do PS sobre o aborto vise, fundamentalmente, a sua autorização, em três casos: quando a continuação da gravidez atente contra a vida da mulher; em caso de malformação ou perigo para o nascituro e em caso de gravidez resultante de violação.

O PCP, por seu lado, preconiza, no projecto apresentado, a legalização do aborto, que seria autorizado em caso de a gravidez resultar de violação ou de outro acto gravemente atentatório da liberdade da mulher; quando esta represente sério perigo para a saúde física ou psíquica da mulher; quando haja risco de malformação ou de grave doença do nascituro e quando a mulher não pode garantir condições e subsistência à criança.

Nova ofensiva judicial e policial contra PRP

O incrível também acontece: GNR queria deter indivíduo que afinal estava preso em Caxias

A GNR apresentou-se na residência de um preso do «caso PRP», há seis anos preso em Caxias, para executar um mandado de captura passado pelo Tribunal do Porto — disse uma fonte do PRP.

O preso em questão, José Manuel Pinto, que se encontra detido em Caxias, desde 31 de Dezembro de 1977 — acrescentou o informador —, é um dos 14 indivíduos envolvidos no «caso PRP» contra os quais foram passados mandados de captura pelo 1.º Juízo Criminal do Tribunal de S. João Novo, do Porto, por um processo de 1980.

De acordo com a mesma fonte, este processo refere-se a um assalto a uma agência bancária de S. Roque da Lameira, no Porto, em Dezembro de 1977, cuja instrução foi baseada nas declarações prestadas a Polícia Judiciária por Dinis Lucas, a partir da sua detenção em 1 978.

O processo, numerado 255 80, acusa 14 indivíduos por assalto a uma dependência bancária e posse de armas ilegais. Em consequência do recente desenvolvimento do processo, com a passagem de mandados de captura contra os acusados, uma ex-presa do «caso PRP», Fernanda Flórido, como referimos na nossa edição de ontem, foi novamente detida e encontra-se presentemente no Estabelecimento Prisional de Custoias.

José Manuel Pinto, não fosse o facto de se encontrar ainda detido no Hospital-Prisão de Caxias, tê-lo-ia sido na segunda-feira, quando a GNR se apresentou na sua residência para executar o mandado de captura. Os outros acusados no processo já todos tiveram julgamentos por outros processos do «caso PRP».

Estão nesse caso ex-presos que se encontram a aguardar julgamento em liberdade por já terem ultrapassado três anos de prisão preventiva (Carlos Antunes e Isabel do Carmo), ou que foram libertados por absolvição em anteriores julgamentos, ou por já terem cumprido pena a que foram condenados.

Entre os mandados de captura figura também um contra Dinis Afonso e Almeida Lucas, condenado pelo Tribunal de Matosinhos, mas que tem sido dado como «ausente em parte incerta» nos julgamentos do «caso PRP» mais recentes, onde figurava como declarante.

Entretanto, a Comissão de Luta Contra a Repressão (CLCR) considerou a prisão de Fernanda Flórido, e a existência de mandados de captura contra ex-detidos do «caso PRP», o resultado de uma «política autoritária e repressiva». Em comunicado, a CLCR recorda que já em Junho, e a propósito da chamada à PJ de vários ex-militantes do PRP, tinha levantado a possibilidade de «estar em preparação uma nova ofensiva policial e judicial contra antifascistas outrora ligados ao PRP».

A CLCR salienta que «o Governo PS/PSD está a levar a cabo a mais poderosa ofensiva do pós-25 de Abril contra as conquistas e direitos dos trabalhadores».

O objectivo é provocar novas eleições

Vereadores socialistas de Faro afirmam que vão demitir-se

Os vereadores socialistas da Câmara de Faro vão renunciar aos cargos que ocupam naquela autarquia, antes do fim do mês, revelou o deputado municipal Carlos Alberto (PS).

A demissão do presidente do executivo, Negrão Belo (PSD), foi pedida na segunda-feira, na sessão da assembleia municipal, pela bancada socialista.

Negrão Belo assumiu a presidência da Câmara há cerca de dois meses na sequência da demissão do coronel Francisco da Silva (independente) eleito pelas listas da AD, que renunciou por incompatibilidade política e falta de apoio da sua bancada.

Em declarações à ANOP, o actual presidente da Câmara de Faro disse: «Não me demito, a oposição se quiser que me demita».

A autarquia farense tem sete vereadores, sendo três da AD, dois do PS e dois da APU.

Socialistas e comunistas são a oposição na Câmara de Faro e a sua retirada implica a queda do actual executivo, obrigando a eleições antecipadas.

Recentemente o PS anunciou que iria criar um «gabinete sombra» preparando a eventual queda do executivo camarário.

Em declarações à RDP/Sul, um dirigente socialista afirmou aos microfones daquela estação emissora regional que estão em curso contactos para elaboração de uma lista encabeçada por Joaquim Lopes Belchior, que já ocupou o cargo de presidente da Câmara de Faro, entre 76/79.

Por sua vez, o vereador da APU, João Beles comentou a anunciada retirada dos socialistas dizendo que «A APU tomará posição após a concretização dessa intenção do PS».

Caso venha a concretizar-se a demissão dos socialistas, a atitude da APU será decisiva para a queda ou continuação do actual executivo presidido pela AD.

Refugiados: em mil processos 20% teve despacho favorável

Só 20 por cento dos candidatos a refúgio em Portugal, cujo processo já foi analisado, obtiveram asilo – revelou o representante local do Alto Comissariado da ONU para os Refugiados. Até agora analisaram-se cerca de mil dos quatro mil processos de pedido de asilo que foram feitos nos últimos nove anos e que diziam respeito a cerca de 7500 pessoas – informou Philipe Lavanchy.

O representante do Alto Comissariado disse concordar com os critérios das autoridades portuguesas e pormenorizou terem entretanto sido retirados 500 processos, por morte ou desistência dos requerentes.

Segundo acordo assinado há dois meses entre o Ministério da Administração Interna e o Alto Comissariado, foi reforçado o pessoal da Comissão Consultiva para os Refugiados e do Serviço de Estrangeiros, de modo a que os processos sejam agora analisados mais depressa e que a partir de Abril de 1984 já não haja atrasos – acrescentou.

Dos cerca de 20 por cento de casos já despachados favoravelmente a grande maioria diz respeito a pessoas oriundas de países africanos de língua oficial portuguesa e só um décimo é que se refere a pessoas de outras nacionalidades, designadamente da América Latina.

Centenas de iranianos chegaram a dada altura a Portugal, beneficiando do facto de então ainda não lhes ser exigido visto, mas a maior parte só permaneceu em trânsito, vindo a ser reinstalada no Canadá.

Para as suas actividades de 1984, a delegação do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados dispõe agora de uma verba de 900 mil dólares (cerca de 113 milhões de escudos).

À chegada, os candidatos a refugiados recebem autorização de residência provisória e vão seguidamente ao Centro Regional de Assistência Social receber apoio, se o necessitarem.

Se forem efectivamente considerados refugiados, têm protecção internacional ao abrigo da Convenção de Genebra, podem obter um passaporte especial de refugiado, recebem autorização de residir e trabalhar em Portugal e poderão ser auxiliados quanto a estudos, formação profissional, montagem de pequenos negócios ou compra de habitação.

A delegação do Alto Comissariado, um das quase 90 distribuídas por todo o mundo, existe em Portugal desde 1977 e foi resultado de pedido feito pelo Governo português, depois da grande avalancha de cidiadãos chegados das antigas colónias.

O número de refugiados estrangeiros em Portugal pode ser considerado ínfimo, quando comparado com os 30 mil que há em Espanha ou os 250 mil que vivem em França ou na Grã-Bretanha.

Só desde Maio de 1981 Portugal passou a ter efectivamente em vigor uma lei sobre o direito de asilo e de refúgio.

Essa lei acaba de ser modificada no sentido de a tornar mais efectiva «e demonstra uma vez mais a generosidade das autoridades portuguesas» – acrescentou Philippe Lavanchy. O País criara durante a Segunda Guerra Mundial uma tradição de receber refugiados, que só viria a ser reatada depois do 25 de Abril de 1974.

Para breve prevê-se a abertura dedois centros de acolhimento e apoio aos refugiados, um em Lisboa e outro em Tercena, nos arredores da capital.

Diário de Lisboa
LER ESCREVER
Suplemento literário
N.º 137 • 7 de Dezembro de 1983

O princípio de identidade em poesia

Pedro Alvim

«ESTE navio é nosso e a minha infância não tem fim.» — Assim se expressa Saint-John Perse, algures na sua obra. – e num **ali** distante Domingos Janeiro, há algumas décadas poeta, primeiro no Alentejo (Moura) e anos mais tarde (muito mais tarde) em Lisboa. Foi, no tempo da opressão, homem do Movimento «A Planície»: um semanário que (como as distâncias são curtas!) teve delegação no Porto, um «Caderno Convívio» (um só exemplar em que ambos figurámos), encontros na capital, um dos quais com a presença de Irene Lisboa...

Fins de cinquenta, inícios da década de 60 — e, agora, uma poeira multiforme sobre nomes, actos, produções. Há que buscar no tempo passado. Só que, de quando em quando, um desses nomes diz em voz alta as suas sílabas, sai do poço em que tudo se deposita — e, então, têmo-lo presente. Implica isso que todo um passado se impõe, qualquer coisa se faz história, e exige que lhe prestemos atenção. Porque, em termos curtos, de objecto, é uma presença que temos diante de nós.

Ora viva, pois, Domingos Janeiro!

Poeta que, ao longo dos anos, se foi limitando à «gaveta», dando às vaidades um encolher de ombros, eis que Domingos Janeiro nos oferece agora «Safra Sáfara», breve livro de poemas que não atinge quase as cinquenta páginas.

Diz o autor que com o lançamento deste livro «se pretenderá, em primeira linha, reconstituir os elos de uma geração e iniciar, porventura, um tombo das memórias de quantos a integraram em tempos bem difíceis, mas de clara plenitude.»

Se nos enquadrarmos no juízo de Saint-John Perse («Este navio é nosso e a minha infância não tem fim»), e também nos anos que vão de 60 a 80, constatamos que Janeiro reúne neste livro a apreensão inicial do seu mundo, da sua realidade circundante, do reflexo de tudo na sua sensibilidade. Mas esse breve reflexo não se fica só pela sensibilidade — e ascende (quase sem se dar por isso) aos patamares do entendimento e da razão.

Vejamos, como exemplo do que acabamos de escrever, o poema que abre o livro, intitulado «Díptico», em duas partes dividido: I — «Fermento nas veias/no sangue pão maduro/o resto cabe no ventre/do futuro.//II — Retorno/ao rumor núbil/livre torrencial/da madrugada/original//certa a ciência/exacto o ritmo/claro o sinal.» Este poema, de doze versos só, é todo um programa, toda uma visão do real imediato e apreensão também do **devir,** isento de quaisquer exclamações de circunstância, de ornamentos, de explicações forçadas. E é por isso mesmo por esta simplicidade toda, por este saber dizer as coisas, que este poema é mesmo um poema. Que o saibam compreender quem porventura se encontra já na posse daquela matemática e geometria de forma e conteúdo que levam à íntegra legibilidade de um poema e ao seu claríssimo sentido. Ao seu peso. É isso: um poema, quando poema mesmo, pesa na mão. É uma coisa.

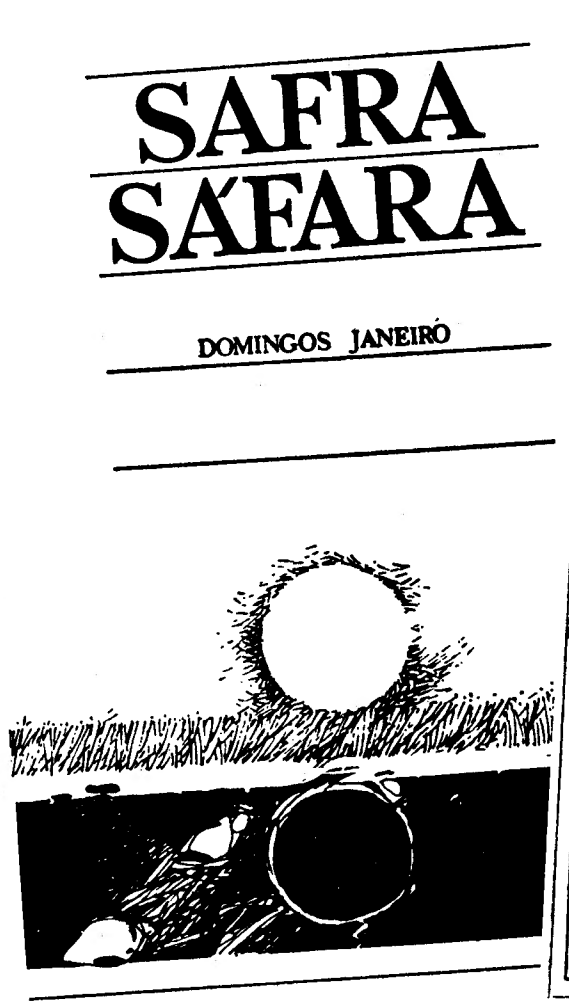
Desse saber dizer as coisas em poesia, desse saber «coisificar» as sensações, as apreensões, o circundante em nós para o oferecer a outrém, igualmente é também poema, produção dos sentidos, do entendimento e da razão o que, sob o título de «Seiva», seguidamente transcrevemos:

«Dai-lhe a graça merecida / dai-lhe pura e que se veja / não a beleza requerida / mas a verdade que deseja. // Dai-lhe sim mas verdadeira / e que nos calmos movimentos / lhe venha humílima e inteira / grave de timbre nos acentos. // Murmúrio quente de raiz / como um protesto que lhe crescesse / oculta força que se quis / que fosse força e o dissesse.»

Unicamente uma leitura superficial destas três quadras (pois de três quadras se tratam) é que poderá levar ao menosprezo da força de tão g... poema, tal como no outro já transcrito, o que mais uma vez se coloca no campo da atenção do leitor de poesia (e dizemos leitor de poesia, pois que outros leitores há por completos dados a outros discursos do mundo), é precisamente a arte das palavras poupadas, aquelas que ali são precisas, as exactas, as límpidas, as de peso localmente específico — e enhumas outras. E porque é assim, número atrás de número, quadrado (quadra) atrás de quadrado, é que a ilação do movimento da **seiva** (um poema move-se em direcção à nossa intimidade, objecto a caminho dos nossos sentidos, do nosso entendimento) nos toma nos dois últimos versos: «... oculta força que se quis / que fosse força e o dissesse».

Breves são estas considerações suscitadas pela leitura de «Safra Sáfara» de Domingos Janeiro, um conjunto de poemas que estiveram na «gaveta», à espera da luz, aguardando um «navio» que os transportasse da «infância sem fim» até aos primeiros cabelos brancos do autor. Mas se breves são tais considerações, determina-as, em certo sentido, a sábia economia do poeta aqui evocado: quem tão bem sintetiza, que tão bem «coisifica», injuriado seria por um longo processo analítico. Isso porque a verdade olha-se com a verdade — e nada é mais simples (e grande) do que a verdade.

De «Safra Sáfara» para o leitor de poesia a mediação é só esta: uma adequação dos olhos à palavra escrita, quase um princípio de identidade, quase um A=A.



(Desenhos de António Galvão)

As vertigens de Roger Munier

Em cima da mesa, os últimos livros de Roger Munier desenham, como num jogo de crianças, um caminho que à primeira vista é enigmático. Passé sous silence, Le Visiteur qui jamais ne vient, Furtive présence, as traduções de quinze poemas de Roberto Juarroz e dos dísticos de Angelus Silesius, são como mosaicos arrancados ao silêncio que deixam ver os sulcos abertos no caminho por um pensamento que, quando mais bem analisado, já não parece fragmentário nem obscuro. Fica sob uma luz mais verdadeira e, exibindo o 'enigma do visível', desvenda-o.

Escritor mal conhecido porque discreto, Munier, já na casa dos sessenta, de atitude austera, grisalho, tem olhos verdes claros, como os de um místico que perscruta o 'mundo pesado e impenetrável' das coisas. Fala com voz densa e tranquila, com súbitos arroubos, como se a raiva que domina se retemperasse, por vezes, no caos e no nada contra os quais ele tão frequentemente se insurge.

"Interrogo o visível"

«SOU loreno, sou de Nancy — diz ele. Mas toda a minha família veio dos Vosges. O meu avô era médico perto de Lyaumont, da aldeia onde vivo há dez anos. Tenho dele, ao que julgo, algumas virtudes: a seriedade, o gosto pelo trabalho e pela honestidade. Tenho dele também todas as limitações: pouco humor, um estranho misticismo como aquele que Barrès descreve na **Colline inspirée.** Senti sempre uma espécie de chamamento, uma vocação para o estudo da teologia.

Estive muito tempo na Companhia de Jesus, até à opção decisiva. A formação dos jesuítas, tão criticada, prepara, de facto, para a partida. Pretende formar homens livres e não escravos. Homens prontos para tudo, de uma dedicação total. Eu tinha um lado contemplativo que me fazia inclinar mais para a vida beneditina.

Não perdi a fé, mas estou hoje longe de qualquer adesão a uma estrutura dogmática ou especulativa. Aquela passagem e aquela escola aproximaram-me de Heidegger, que também quis ser jesuíta. Dizia-me ele que só realizam verdadeiramente qualquer coisa aqueles que tiveram a experiência de Deus nem que tenha sido para a rejeitar.»

Munier, que se reforma no fim deste ano, tem trabalhado em relações públicas na siderurgia. Levando uma vida dupla e levantando-se todos os dias às cinco da manhã, meditava e escrevia antes de ir para o emprego.

«Suportei muito bem essa vida até aos cinquenta anos. Os meus livros foram concebidos no tempo que eu 'roubava' e nunca tive os tormentos de Kafka, que se sentia dividido entre o emprego e a obra literária. A fadiga e a experiência da doença levaram-me a encarar a reforma como uma entrada no Paraíso. Já por três vezes me fizeram enxertias ósseas na coluna vertebral. Durante a minha últi-

Continua na pág. 2

Diário de Lisboa LER ESCREVER

As vertigens de Roger Munier

Continuação da pág. 1

ma imobilização — quatro meses em gesso —, escrevi em pedacinhos de papel as meditações que estão reunidas em **L'Ordre du jour** (1). **Estava completamente imóvel, com o olhar no tecto do quarto, como uma estátua jacente. Ouve-se um pouco disso naqueles curtos textos em que imagens e lembranças ocupam os 'dias nulos' da minha imobilidade. A 'noite de um azul suave', o 'o vento nos altos choupos', a 'ameixoeira em flor'...».**

Entre nós ambos está, junto àqueles delgados mosaicos, e tão pesado como uma pedra tumular, um recente 'Cahier de l'Herne', dirigido por Michel Haar, como testemunha dos laços que uniram Heidegger a Munier desde 1949 até à morte do filósofo em 1976. Os contributos de Munier — dois artigos, Todthauberg 1949 e **L'eau l'oubli,** nove cartas que Heidergger lhe enviou com um texto sobre Rimbaud e uma nova tradução de **Qu'est-ce que la métaphysique?** — dão-nos uma ideia da sua dívida e do campo aberto das suas actividades. Isso permite-nos situá-lo um pouco melhor — a ele, que não é poeta nem filósofo mas que vai obliquamente de um domínio a outro, de um rasgão a um contorno.

«Heidegger era uma personagem mítica e eu já tinha lido algumas suas páginas. O nosso encontro, para mim de capital importância, foi fortuito. Desembarquei por acaso em Todthauberg e ainda hoje estou a vê-lo...Tinha o aspecto de um homem da montanha: a pele tisnada, a camiseta verde, sem colarinho, com botões nos punhos, o calção claro, as sapatilhas brancas. A conversa incidiu logo no ser e na sua relação com o homem. Nessa época, este problema correspondia a uma disposição fundamental do espírito. Havia algo de tenso e de desesperado, um sentimento de finitude, como o existencialismo bem mostrou. Sartre pôs isso em música, de uma maneira infiel, à custa de um completo contracenso acerca de Heidegger.

Nessa altura, eu era hegeliano e estava cansado dessa mecânica esmagadora. Primeiro, por acaso, para ajudar um amigo, traduzi a **Carta sobre o humanismo. L'Eau, l'oubli** é uma homenagem e um adeus a Heidegger. Para ele, o ser é uma dimensão do nada, de coisa nenhuma. Heidegger vê nesse nada uma passagem.

A marca que a sua descoberta deixou no meu espírito foi enorme, mas eu fiquei no nada. A experiência do ser vai dar ao nada. É isso que, perdendo-me nele, eu não deixo de explorar, sem trégua. Interrogo o visível. Busco no visível uma dimensão perdida e, ao fazê-lo, sou infiel a Heidegger. Ele levou-me até à descoberta dessa dimensão suspensa, estática, que eu não posso ultrapassar. Nunca lhe dei uma explicação a este respeito, mas, depois de ler **L'Instant** (2) e, principalmente, o meu comentário à **VIII Elegia de Duino,** de Rilke, reproduzido no **Parcours oblique** (3) **Heidegger enviou-me o seu comentário pessoal àquela Elegia,** e que era absolutamente oposto ao meu. Sou, portanto, um filho um tanto ou quanto indigno desse homem; mas, de qualquer maneira, seu filho».

«O Zen fascinou-me»

A colecção «Documents spirituels» de Fayard, fundada por Jacques Masui, continua sob a direcção de Munier. Chama-se agora 'L'Espace intérieur', o que está mais de acordo com as preocupações do seu animador, que nela publicou as suas traduções de dois livros argentinos — **Voix,** de António Porchia, e **Poésie verticale,** de Roberto Juarroz —, bem como uma antologia de **haiku** prefaciada por Yves Bonnefoy e que é actualmente a melhor que existe em França.

«Na minha vida profissional tive de fazer duas longas estadias no Japão, há uns vinte anos. O Zen fascinou-me e voltei com os quatro volumes de **haiku** de R.H. Blyth, que me deram a matéria para a minha antologia. Tomaram-me por pessoa muito aberta às tradições orientais, mas eu sou visceralmente ocidental, Admiro acima de tudo a mensagem monoteísta de Israel, a sua dimensão de ferida sempre aberta e de abertura às coisas. A meus olhos, o budismo é gelado, é demasiado impassível. Mesmo a experiência fundamental do Zen, o **satori,** não me satisfaz. O que eu aprecio nos **haiku** é o decifrar neles, num relâmpago, uma espécie de simbólica através das coisas visíveis.

De resto, só traduzo textos que eu próprio gostaria de ter escrito, como os poemas de Juarroz e os aforismos de Porchia. Só convivo com pessoas que, de certo modo, se me assemelhem. Foi esse o caso do meu amigo íntimo Pierre-Albert Jourdan. Digo, num texto que destino à revista **Sud,** que lhe vai prestar homenagem, que ele dava a impressão de ser um taoísta franciscano. O seu doloroso destino e a sua vida seccionada (4) deixam um grande vazio. Também Cioran está próximo de mim. Compartilho do seu gosto pelo nada como também das suas aversões. Um dia, escreveu-me numa carta o seguinte, que cito no essencial: 'Como pode abordar essas vertigens numa língua tão bem dominada? Não conheço nenhum espírito que seja tão pouco balcânico como o seu'. Tal como ele, e sem ser poeta, com a nostalgia do canto que leva o ser para lá das abstracções, pergunto a mim próprio porque é que é necessário que haja o existente em vez de nada. Não seria preferível que não houvesse nada?»

O 'silêncio de Rimbaud'

Depois de **Contre l'image** (5), panfleto filosófico premonitório que lançou sementes até no Chile — pois o cineasta Raul Ruiz ainda fala dele com admiração —, e até **Le Moins du monde** (6), Munier mudou de maneira. Dirige-se ao fragmento e ao aforismo em livros breves e construídos (encontramos neles, frequentemente a divisão em sete capítulos). Tal como Guillevic e Haldas, anota em pequenos caderninhos os relâmpagos que inopinadamente o trespassam. Tira um desses caderninhos do bolso, cheio de meditações, todas elas sem emendas e datadas uma a uma.

«Trabalho com base em caderninhos como este. Quando um chega ao fim, passo aquilo que quero conservar para fichas, uma para cada achado, e começo a organizar a minha selecção. Procuro arranjar pausas, momentos de poesia e de calma, combinando os meus papelinhos como cartas de jogar. Quase nunca mexo naquilo que encontro. Seria incapaz disso. As coisas aparecem assim, lapidares. Procuro criar um fluxo, dar a sensação de um esvoaçar de aves. Gostava de publicar um dia todos estes caderninhos, com a palha e as sementes... Limito-me a fazer com eles uns pobres volumes que confio a quem mos peça. Gosto de editores que sejam capazes de gestos de coração e de loucura, como Michel Camus ou Parisod, que, para o **Passé sous silence,** se inspirou no formato e na paginação de um livro de orações tibetano.

Estou também a escrever um livro que trata do silêncio de Rimbaud. Acho que esse silêncio, quando nos dedicamos à poesia e à metafísica, levanta o único problema que merece ser levantado. A minha exegese de todos os textos de Rimbaud, incluindo as cartas do Harrar, vai considerar tanto a sua palavra como o seu desaparecimento. Interpreto a sua paixão e os seus tormentos com base no invencível tédio que nunca o abandonou. Dizendo de outro modo — e você decerto que já mo adivinhou —, Rimbaud sou eu! Não gosto de mim, em mim só gosto daquilo que passa, quando muito, e cujo testemunho me é trazido pelos outros. Este homem que está para aqui a tagarelar consigo há duas horas não sou eu. Eu não estou em parte nenhuma, mas, se ser alguma coisa é ser atravessado, então eu estou aqui: quase nada, não mais, mas isso mesmo.»

entrevista de RAPHAEL SORIN

(1) **Fata Morgana, 1982.**
(2) **Gallimard, 1972.**
(3) **La Différence, 1979.**
(4) **Pierre-Albert Jourdan morreu a 13 de Setembro de 1981 (v.** Le Monde **de 25.IX.81 e 30.IV.1982).**
(5) **Gallimard, 1963.**
(6) **Gallimard, 1982.**

Desenho de Bérénice Cleeve.

Carta a Roger Munier

Paris, 8 de Outubro de 1983
Meu caro amigo,

este longínquo **El Cueto** serme-á próximo para sempre, pois foi aí, sem dúvida, que você concebeu esses pensamentos extremos que me são dedicados.

Invejo a sua solidão, na qual tantas interrogações e perplexidades se expandem e na qual você está presente menos no ser (bem pouco 'desejável'!) que fora dele, **acima** dele, como um sobrevivente de algum espantoso desastre.

A metafísica e a poesia combinam-se em si tão bem que até a própria vertigem ganha com isso um encanto inegável.

A qual destes **Sprüche** me sinto mais ligado? Você conhece-os melhor que eu: aqueles que levam a pensar que foram proferidos pelo autor **depois** de morrer.

Muito afectuosamente
E.M. CIORAN

Palavras de um jacente

Le Visiteur qui jamais ne vient, livro da espera, celebra em sete cantos a emergência de 'outra vida', já que '(aquela) que vivemos impede qualquer milagre'. Roger Munier, atento à 'furtiva presença' das coisas, tenta surpreender 'essa pura palavra, sem adjunções nem atributos' que brota e se revela a quem saiba ver.

O mar, 'liso como seda', o 'crescente da lua alaranjada sobre as negras copas' ou 'um delgado lençol de nevoeiro': eis o que Munier invoca e que significa o que ele é.

Insinua-se entre o eu e os objectos um pensamento sinuoso. O seu trajecto, semeado de palavras opacas, lisas como seixos à força de reflexões e ruminações, perde-se no vazio, na noite, no espaço. Acompanha-o algo de terrível.

'O instante da morte, que não tem começo nem fim. Apesar disso, é um instante. Nada menos'. Um jogo de palavras* abre uma pista: Munier, como um jacente, voga já noutras paragens e ausenta-se lentamente de si próprio. As suas palavras, que nos chegam abafadas e lancinantes, assemelham-se aos longínquos apelos de um enterrado-vivo.

R.S.

* **Néanmoins/Néant-moins:** jogo de palavras que na tradução se perde inevitavelmente (N.T.).
Le Visiteur qui jamais ne vient, por Rober Munier. Ed. Letres Vives, col. 'Nouvelle Gnose', 60 p., 49 f.

Algu

II -

(Conclusão)

A um nível muito pobre de formalização podemos, portanto, caracterizar como **Representação** (REP.) um conjunto de estruturas significantes que, no espaço de um imaginário (individual e colectivo), dá uma visão unitária e ordenada de um outro conjunto de factos/acidentes (estruturas) que se podem considerar como uma **exterioridade** (uma heterogeneidade) em relação ao Sujeito que as aceita, reproduz ou re-elabora (2).

A Representação tem assim — é o seu momento **institucional, positivo** — uma função unificadora (e ordenadora) do disperso e do heterogéneo.

Com efeito, se através do recurso a **Rep..** — de diverso teor (culturais, morais, ideológicas, etc.) — o Sujeito (individual ou colectivo, mas sempre histórico) procura interpretar e ordenar a exterioridade (que o sobredetermina), fá-lo para tornar compreensível, vivível a própria realidade — que é sempre, e antes de mais, a possibilidade de uma exterioridade inexplicável e irredutível.

No entanto, se a **Rep.** une, arruma e simplifica — para se tornar mais «clara», identificável e reconhecível —, ela também **recalca.** É essa a sua **função negativa**: de **filtro, cortina** (em relação a uma «realidade» constantemente contraditória e diversa, múltipla).

Através da dialéctica que se estabelece entre esses dois momentos (o da especularidade e o da redução/filtro) — a **Rep., repetindo-se**, estabelece um **circuito de significação** (relativamente estável e completo) entre os Sujeitos e as obras: estabelece uma **continuidade simbólica** (entre as obras, os sujeitos e os sentidos) que serve também de correia de transmissão e de dicionário entre os homens.

É esta **especularidade** — da qual uma das grandes proprieda-

Rilke em português

A Oiro do Dia lançou recentemente no mercado dois volumes de poesia de origem estrangeira traduzida para português. Um deles titula-se «Oiro de Vário Tempo e Lugar», e dele falaremos proximamente. O outro é, num só volume, a reedição dos «Poemas» e de «As Elegias de Duíno e os Sonetos a Orpheu», de Rainer Maria Rilke, traduções de Paulo Quintela.

Dois volumes, um total de 800 págimas. O primeiro registo é de espanto, por certo. Todavia, lembremo-nos um pouco do que vem sendo a actividade editorial da Oiro do Dia, na linha, aliás, da que fora já a da sua antecessora Inova, entravada (digamos, destruída) pela incapacidade bancária para estas compreensões. A Inova cessou actividades, a Oiro do Dia veio prossegui-las. Com uma relativa modéstia, mas, mesmo assim, com uma visão e um arrojo de perspectivas a que ninguém de inteligência ficará indiferente. De passagem poderão ocorrer aqui alguns números. A Inova publicara para aí uma centena e meia de títulos de poesia, e uma boa parte deles de autores estrangeiros. A Oiro do Dia já vai para aí na meia centena, e uma boa parte deles também de autores estrangeiros. Falamos somente de poesia, — que é, aliás, o mais forte da actividade editorial da Oiro do Dia, como o fora justamente da Inova sua antecessora. E falamos somente de títulos. O número de autores é um tanto mais vasto.

Que a edição, em português, de poesia de autores estrangeiros se justifica, parece prová-lo o facto de um destes livros agora publicado reeditar outro que vai para quinze anos

Rainer Maria Rilke

a Inova publicara e entretanto se esgotou: as Elegias e os Sonetos, de Rilke. O livro agora é muito mais volumoso, pois inclui também uma reedição dos «Poemas» traduzidos igualmente por Paulo Quintela e publicados em princípios dos anos 40; (não conhecemos a primeira edição: a segunda, chancelada pelo Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, data de 1967). Há anos que dos «Poemas», em dois volumes, não era encontrável um exemplar sobrante. E a sor-

Continua na pág. 4

guns problemas da representação
do espaço na pintura

— A janela aberta

Fernando Guerreiro

for-
nto,
nta-
tru-
pa-
al e
ia e
nto
as)
mo
ero-
eito
ela-

n —
nal,
ica-
so e

re-
eor
as,
co-
ico)
r a
ter-
pre-
da-
de
ex-
utí-

ar-
nar
co-
ca.
va-
o a
nte
a).
es-
mo-
e o
pe-
uito
ente
Su-
uma
ntre
enti-
cos
ná-

da
da-

des (**efeitos de credibilização**) é o **mimetismo** — que se vem substituir à cobertura que o transcendente, num período anterior, permitia: no entanto, tanto num caso como no outro, estamos perante o que podíamos designar como leis do significante (no sentido lacaniano) ou **mecanismos de reconhecimento simbólico**.

Se articulassemos a noção de Representação com a de **Fantasma** (que diz mais estritamente respeito à organização do Imaginário no indivíduo (3)), poderíamos talvez afirmar — pelo menos num primeiro enunciado aproximativo — que a **Rep.** amplifica a problemática (individual) do Fantasma ao Sujeito-colectivo (da História) e à zona mais profunda do sentido (do Mito/Cultura) — ou seja, articula o ideológico com o imaginário de um modo mais visível e à superfície. Se o Fantasma (**F.** faz a ligação entre o Sujeito e a realidade, a **Rep.**, por seu turno, faz a ligação entre o Sujeito do **F.** e o Imaginário da Exterioridade (ou melhor, o Imaginário elaborado na História a pretexto de e para dar conta da exterioridade). Em cada caso, a **Rep.** actualiza o **F.** e confirma a operatividade (a durabilidade e eficácia) da cena fantasmática.

Deste modo, a **Rep.** – cada cena representada (poema, pintura: signo) – constitui tanto uma fonte de **conhecimento (relativo)** como de erro (inevitável); reduz a heterogeneidade e atenua, apaga as contradições e diferenças do «real» (da exterioridade), mas, para se poder reproduzir eficazmente, tem de admitir uma uma **re-escrita** – é o **terceiro momento** da Rep. – que a **adapta** às transformações da realidade e a torna ao mesmo tempo **permeável** tanto à emergência material da exterioridade como à fractura em inúmeros pontos de desequilíbrio e de instabilidade. Assim toda a **Rep.** é uma unidade de estruturas, artificial e frágil **(táctica),** por condição aberta à sua própria mobilidade e que a exterioridade, antes de a romper de uma forma radical, em múltiplos pontos cinde.

Fases/momentos por que passa a instauração do novo espaço figurativo do Renascimento

Continuando a referirmo-nos à **metáfora geométrica** como figura, número do novo espaço representativo (e figurativo), descreveremos esse processo como o da cada vez mais perfeita (ou seja invisível) **integração dos cubos** (do cubo individual, em que seria perspectivada cada figura, para o grande cubo ideal em que a própria multiplicidade e particularidade dos cubos, figuras, se articula e resume).

O primeiro momento, assim – e podemos relacioná-lo com Giotto (±1266-1337) –, descrevê-lo-emos como o da **acumulação dos cubos.**

A necessidade de representar («realisticamente») os objectos e as figuras (os traços de humanidade ou a fidelidade da representação da Natureza passam também a ser veículos de sentido (4), leva a que a representação do espaço (perspectivado) seja reestruturada se não no todo, pelo menos parcelarmente: daí **a multiplicação dos cubos** (cada objecto ou figura – tende a ser figurado no seu cubo próprio, que o perspectiva).

No entanto, não bastam só por si, isoladamente estas marcas ou índices representativos para afirmar, no seu conjunto, o novo espaço da Representação – e ainda que, na prática, ele não seja tecnicamente articulável –, há também a necessidade de, sempre que se apliquem as novas regras de Representação e de perspectiva, **denunciar** essa nova forma de Rep. do espaço por meio de caixas, figuras geométricas, paisagens ou janelas abertas: tudo **marcas de representatividade** – não tanto efeitos miméticos (figurativos) como **índices** (teóricos--abstractos, desde logo geométricos) que evidenciam, manifestam o próprio princípio de estrutura que os formaliza (voltaremos a este aspecto num artº. mais directamente relacionado com Giotto-cf. de qualquer modo, e desde já, os frescos da série narrativa **Os milagres de S. Francisco** – e em particular «S.Francisco homenageado por um homem do povo» e «S. Francisco expulsando os demónios de Arezzo»).

Um segundo momento – que relacionaremos com Piero della Francesca (1420/±1490) – será o **da articulação dos cubos dentro de um único cubo.**

O que caracteriza este segundo momento é a Representação **denunciada** (mas agora já integrada, organizada num todo, como homogeneidade, em termos de estrutura) do novo espaço plástico nos seus diversos lugares, espaços – parcelares ou elementos figurativos: deste modo, os índices iconográficos passam a obedecer a uma lei de constante **especularidade e representatividade** que os sobre determina do ponto de vista do figurativo. É o momento da multiplicação dos cubos, como índice de especularidade, mas agora dentro de um **cubo único**: o **quadro** (Cf. della Francesca, «Flagelação de Cristo», fresco, Urbino (5).

Outra consequência desta «geometrização» do espaço é a própria **laicização** e **racionalização,** do ponto de vista figurativo, do espaço divino: veja-se a «Madona com Anjos», de Snigaglia (Urbino – uma verdadeira cena de interiores) ou a «Pala Brera» (em que o símbolo místico se vê reduzido a um elemento figurativo: o ovo, suspenso no centro da cúpula – mais uma alegoria do que um «símbolo»).

Num terceiro momento – Rafael (1483-1520) – são apagadas as marcas mais evidentes de representatividade, dá-se a naturalização (e o **apagamento)** das marcas e efeitos mais espectaculares de especularidade e o quadro passa a funcionar, enquanto todo e no todo, como **representação** (na sua generalidade, abstracção) **do sistema**: a multiplicidade das faces e arestas dos pequenos cubos apagam-se, dissolvem-se numa atmosférica transparência, de modo a que nos seja dado a ver já o **grande – Cubo,** o **cubo único** que constitui a própria metáfora do Sistema (cf.p.ex.«A Virgem e o Menino», dita «La Belle Jardiniére»).

Sintomaticamente, se a preocupação pormenorizante foi fundamental para a instituição do sistema de representação da perspectiva, será pela **diferenciação particularizante** (a pluralidade dos lugares, os atritos entre a unidade do espaço fictivo representado pelo cubo e a sua desdobragem em diversos planos – ou a necessidade de ter em conta os dados da perspectiva aérea) que também soçobrará a unidade e homogeneidade do pensamento mítico, no campo da Representação do Signo. Numa primeira fase, as marcas de diferenciação (significante) apresentam-se ainda como marcas e **«efeitos de real»** (Rafael), mas, num segundo momento, passam-se já a produzir a si próprias, por diferenciação estilística, como **efeitos de estilo** (é o momento, em particular, do **Maneirismo).**

NOTAS

(1) Escreve, por exemplo, Leonardo: «O ar encontra-se pejado de raios e de linhas rectas em número infinito que se cruzam e interpenetram sem que, alguma vez, jamais uma tome o percurso de outra. Para cada objecto, essas linhas representam a verdadeira Forma da sua razão (e explicação: Ser) »(citado por Paul Valéry, in **Introduction à la méthode de Léonard da Vinci**, Gallimard, Idées)

(2) Para uma elaboração um pouco mais cuidada destes princípios cf o art.º «Des coleurs que s'illuminent ou pétillent» (in **Ariane** 1, revista do GUELF, Lisboa, 1982) e a bibliografia que aí é dada em **notas** (em particular os textos de Jean-Louis Scheffer e Humbert Damisch). Cf tb. H.Damisch, **Théorie du Nuage** (Seuil) e Louis Marin, **Détruire la peinture** (Galilée).

(3) Laplanche e Pontalis definem do seguinte modo **Fantasma**: «Cenário imaginário, em que o sujeito está presente e que figura, de uma forma mais ou menos deformada pelos seus vários dispositivos e processos defensivos, a realização de um desejo – e em última análise de um desejo inconsciente **«(Vocabulário de Psicanálise,** Moraes Editores). Deste modo, enquanto construção imaginária (o que nele há de mais «real» é a sua ficcionabilidade), o Fantasma (**F.)** é ao mesmo tempo uma estrutura acomodatícia, de compromisso (especular e fictiva) e funciona como um **filtro**, um quadro de referência, um écran que constitui simultaneamente uma focagem e um desvio (que introduz uma função de **méconnaissance**, de des--entendimento). Escreve Cathérina Backès-Clément: «o F. existe na conjugação do Imaginário (reflexo instável – zona das particularidades individuais) com o Simbólico (ordem da concatenação dos significantes, quadro requerido pela linguagem)»: «estilhaçado, ferido ou intacto, refractado de mil maneiras (a autora compara-o, por exemplo, com uma janela), o F. nunca deixa de ser o **filtro** necessário por que passa qualquer visão, o **quadro de referência** obrigatório de toda a representação» («De la méconnaissance», **Langages 32.** Os sublinhados são nossos). O F. interpreta o real (a exterioridade) censurando-o, pelo que, ao mesmo tempo que sedimenta conhecimento, constitui «fonte de erro», de cegueira, de ignorância e de (des--entendimento (méconnaissance): assim, «nos limites do discurso produzido e da sua produção (entre o Sujeito e o real) ele interpõe um **écran**, impossível de escamotear, que constitui a própria estrutura da memória, do tempo passado e da realidade subjectiva» (idem).

(4) Esta maior atenção ao real está, no caso de Giotto – mas não só, já que se trata de um traço mais geral, de época (cf. G. Duby, **«Saint Bernard. L'Art cistercien»,** Flammarion) – , relacionada com uma componente ideológica: o naturalismo e o «humanismo» quer do franciscanismo quer das outras ordens mendicantes entretanto surgidas (sécs. XII e XIII).

(5) Em certa medida, pode-se dizer que se vive, então, um dos momentos de maior closura e de saturação do sistema. Daí, também, a necessidade dos autores e críticos de um segundo momento do Renascimento (e em particular no séc. XVI), se distanciarem de pintores como della Francesca ou, sobretudo Paolo Ucello – autor que Vasari, nas suas **Vidas**, considerava «geométrico» e «seco», preferindo a maior graça (**grazzia)** e facilidade (agilidade, destreza) de pintores como Leonardo e sobretudo Rafael: era a forma, afinal, como estes autores procuravam **naturalizar** o sistema da perspectiva (o modo de o tornarem mais maleável, passável e menos visível nos seus artifícios e mecanismos).

Louis Marin (em **Détruire la peinture)** relaciona essa **closura do sistema representativo** com três princípios: a) a **auto-representatividade:** «o discurso da representação comporta uma dimensão específica pela qual ela se reflecte a si mesma como representação (...); representando o mundo, encarregando-se do conjunto dos referentes, ele representa--se a si próprio nessa operação – i.e., constitui um sujeito de representação que consiste num efeito de sistema e não na sua origem» ;b) a **auto--referencialidade:**» referindo--se ao mundo, o discurso da representação só produz essa referência referindo-se a si mesmo e aos seus processos (...)»; c) por fim, consequência dos dois primeiros traços, «os sistemas representativos constituem sistemas **fechados** e **centrados**: a sua centração deriva da sua auto-representatividade e o seu fechamento da sua auto-referencialidade» (op. cit., p.29). Mais adiante, referindo-se ao carácter **autocrítico** (em relação aos seus próprio modelos de produção e referência) da arte mais recente (em particular a figurativa), L. Marin Cita Espinoza: «Veritas index sui»(ou seja,«a verdade designa-se a si própria como verdade, sem necessidade de critérios externos» op. cit., p.118).

LIDO E A LER

Frei Manuel Cardoso compositor português (11566-1650) por José Augusto Alegria

Concluidos os seus estudos de Humanidades e de Teologia no Seminário de Évora, José Augusto Alegria nele ingressou como docente. Ao serviço da Sé de Évora «pôs de pé um largo repertório de música coral, nacional e estrangeira, dedicando-se, simultaneamente, à investigação histórica» Dedicou-se à investigação da música portuguesa. Em 1944, publicou; «A Música em Évora no Séc. XVI».

Licenciado em Musicologia pelo Instituto Superior de Música Sacra de Roma, onde foi convidado a doutorar-se. Repressou, porém, a Portugal e, desde 1967, foi Cantor-Mor da «Poliphonia», subtituindo Mário Sampayo Ribeiro. O seu estudo sobre Frei Manuel Cardoso é dedicado, justamente, a Mário Sampayo Ribeiro. A biografia do insigne carmelita instroduz o leitor na parte mais importante do volume: a descrição da obra do polifonista. Obra integrada na «Biblioteca Breve», edicação do Instituto de Cultura e Línugua Portuguesa, Lisboa, 1983.

Pintura e Escultura em Portugal – 1940/1980 por Rui Mário Gonçalves

O crítico de Arte e professor Rui Mário Gonçalves estuda neste volume a «Pintura e Escultura em Portugal» no período que vai de 1940 a 1980. Segundo Rui Mário Gonçalves; «A partir dos anos Quarenta a modernidade introduziu na vida artística portuguesa uma consciência dinâmica da mutabilidade histórica e uma profunda exigência de progresso próprio, através de uma incessante diferenciação modal das actividades criadoras. Desencadeando movimentos multiformes de vanguarda e exprimindo-se intensamente em diversas modalidades, as novas gerações de artistas participam na problemática da civilização actual...»: Uma nota bibliográfica, Tábuas Cronológicas e Ilustrações enriquecem o volume, Obra integrada na «Biblioteca Breve». edição do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa. 1983.

Diário de Lisboa LER ESCREVER

A arte de hoje é

Vergílio Alberto Vieira

Decididamente, a arte de hoje não serve, é.

O oráculo cumpriu-se: eis quanto historicamente nos é dado saber, uma vez que ao vaticínio hegeliano da morte da arte uma nova ordem de valores dá sobremodo, a entender que, na luta contra a progressiva desintegração, outra causa não conhece a arte senão a que privilegia o aprofundamento das relações do homem com o mundo.

Quando a motivação artística faz de razões históricas a sua estrela, nada repetem **os profetas.**

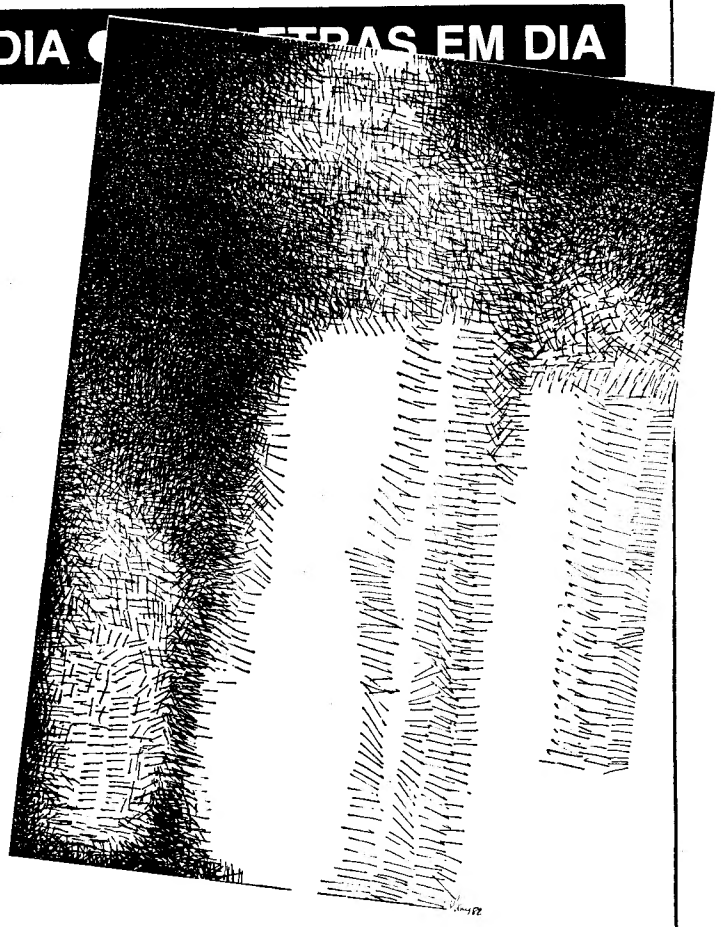
Talvez por isso antevê Schiller a salvação da humanidade através dum jogo. Dum jogo de contrários — penso, em relação à arte, ainda que, como adverte Gillo Dorfles, porque legitimamente mítico, desmistificante e, necessariamente, desvinculado de toda a temporalidade.

Não porque tenha a arte mantido o seu carácter mitológico. Admitida a dessacralização do mito, a margem de risco não é hoje menor para a arte contemporânea: ao tornar-se presa da **mid cult** (alienante por implicar perda de intencionalidade e insuficiente teleologização dos processos técnicos) rompe a arte com o que nela fora outrora autenticamente popular, banalizando-se pelo facto de não raras vezes se mostrar recamada dos mais falsos investimentos sensoriais.

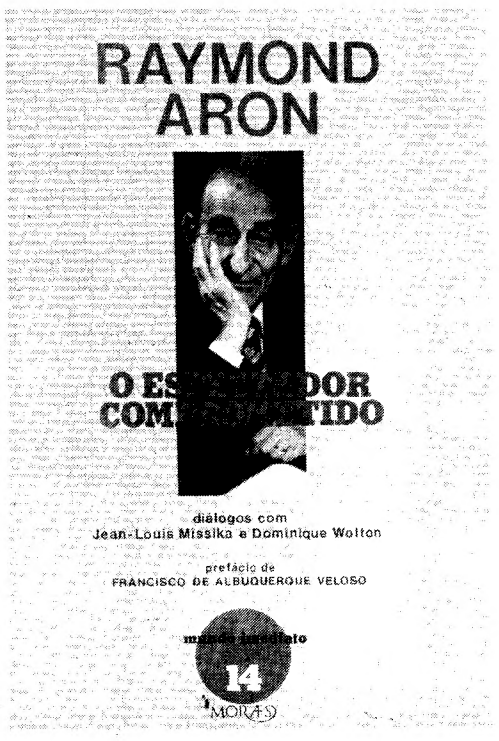
Por outro lado, do que fora, para a arte, a mais importante componente simbólica — a presença do mito na forma artística, restaria actualmente (não já marcada do saudável irracionalismo da antiguidade) a mais pesada limitação: o luxo, o passatempo — feitos arte.

Numa primeira abordagem, a escultura de Jorge Ulisses revela-nos o homem. Através de uma linguagem despudoradamente simbólica, diria: própria para evidenciar preocupações ocultas no subconsciente colectivo, somos a breve trecho arrastados para situações de empatia que, exigindo de nós elevado grau de participação, nos situam no limiar do ainda não revelado. Quero admitir que o escultor, tendo consciência do **desgaste** a que tal via de captação do real pode sujeitar, quer submetendo à lei do tempo a fragilidade dos recurso materiais, quer enredando na teia da historicização o carácter simbólico das suas peças, não deixa de nos proporcionar, através da transposição metafórica (talvez a mais luminosa das suas virtualidades), a ascensão ao **seu** mundo original, permitindo-nos percepcionar, de forma inequívoca a pelna integração e articulação das forças criadoras do homem. (...)

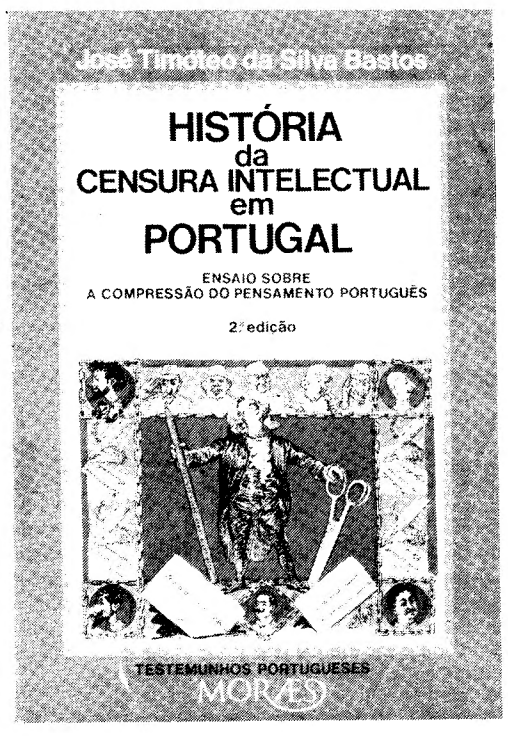
(in catálogo de Jorge Ulisses, escultura e desenho, exposição na Casa Nogueira da Silva, Braga, segunda quinzena de Novembro)



Fado Alexandrino, de António Lobo Antunes, não tardará a estar nas mãos dos seus admiradores. Trata-se do último romance do conhecido escritor. Publicado na colecção Autores de Língua Portuguesa, da Dom Quixote, este «Fado...» (e tal já o caracteriza, define-lhe já o perfil e o seu interesse) divide-se em três partes: «Antes da Revolução», «A Revolução» e «Depois da Revolução». Um romance, pois, a não perder. Porque é precisamente pela escrita que um país, nos seus momentos controversos se define e se oferece à compreensão dos seus habitantes. Cerca de 700 páginas, mas os olhos são rápidos pela nova literatura portuguesa que, entretanto, se foi impondo, ultrapassando, muitas vezes, as fronteiras. Caso, por exemplo, entre outros, de António Lobo Antunes.



Raymond Aron faleceu ainda há pouco tempo — e eis que livros sobre a sua personalidade vão aparecendo, pelo mundo, nos escaparates. Entre nós, na sua colecção «Mundo Imediato», foi a Moraes quem o veio lembrar. Título do livro: «Raymond Aron/ o espectador comprometido». Trata-se de uma série de diálogos de Aron com Jean-Louis Missika e Dominique Wolton, autores também de uma introdução que começa pelo seguinte parágrafo: «Raymond Aron ocupa lugar de destaque entre os intelectuais franceses. A sua formação filosófica e política iria conduzi-lo a um envolvimento semelhante ao dos outros intelectuais da sua geração, especialmente Jean-Paul Sartre, amigo desde a juventude, e Maurice Merleau-Ponty.» Prefacia o volume Francisco de Albuquerque Veloso, que, a certa altura, escreve: «Que carácter inconciliável têm os dois mundos, o da razão e o da política, que a um tempo exige a sua aproximação e determina uma irrecusável diferença?»



José Timóteo da Silva Bastos (1852-1939), político, dicionarista, historiador e literato, amigo pessoal de Oliveira Martins e defensor da memória de Eça de Queiroz perante Fialho de Almeida, viu publicada em 1926, pela Imprensa da Universidade de Coimbra, a obra «História da Censura Intelectual em Portugal», subtitulada «Ensaio sobre a compressão do mensamento português». Da maioria dos leitores, estava, presentemente, esquecido. Coube à Moraes, na colecção «Testemunhos Portugueses», relembrá-lo. Daí, pois, uma segunda edição. Trata-se sem dúvida de um livro de interesse, que nos dá, a nós portugueses, a grandeza e redução que somos. De actualidade, portanto. Que nos compreendam, os nossos leitores.

Rilke em português

Continuação da pág. 2

te — de esgotarem-se — que coube aos «Poemas», por duas vezes, tiveram-na igualmente as Elegias e os Sonetos, edição da Inova, salvo erro, em 1970.

Não estaremos nós seguramente capacitados para apreciar o trabalho de tradução de Paulo Quintela. Nem por isso, porém, devemos eximir-nos a uma (ligeira e superficial que seja) observação. Não conhecemos a língua alemã: não fazemos, portanto, uma ideia clara das dificuldades e dos problemas que Rilke põe. Mas há, e dir-se-ia que instituída, a ideia de que as traduções — de Rilke, de Holderlin, e, mais recentemente, de Brecht — feitas por Paulo Quintela é a um nível de qualidade inultrapassável que se situam. No caso de Rilke, só temos razões para confiar sem reservas. Se confrontarmos com o dele o trabalho feito para francês, por exemplo, por um Maurice Betz, não hesitaremos em preferir as traduções portuguesas.

Desembaracemo-nos rapidamente desta questão. Baste dizer-se que estamos em presença dum trabalho da mais alta qualidade que se poderia exigir. Rilke, aliás, não exigiria coisa menor. É fácil dizer isto, mas não nos esqueçamos de quanto de medíocre ou mesmo mau se faz para português duma língua estrangeira. No campo da poesia não será tanto assim, mas é assim alguma coisa.

Diga-se ainda que este livro, não nos propõe toda a obra poética de Rilke, é no entanto um vasto poemário de quase três centenas de peças, — o bastante, por certo, para o conhecimento um pouco mais do que superficial da obra dum poeta que é certamente mais do que um dos maiores de expressão alemã do nosso tempo, — como, com alguma modéstia, também Paulo Quintela propõe, — o autor duma obra de capital importância para o pensamento poético (e para o pensamento, a reflexão, **tout court**) do século XX.

Ainda sobre as traduções de Paulo Quintela: não é certamente escandaloso dizer se não estaremos em presença do que de melhor em português desde sempre se fez a uma obra poética originária de outra língua e doutro espaço cultural.

E um lugar comum, enfim: trabalhos assim são um forte enriquecimento — duma língua, antes de mais, como matéria, instrumental e espaço de criação e reflexão.

O livro da Oiro do Dia é uma dupla reedição. Apesar disso — ou justamente por isso —, um acontecimento editorial que se deve registar com ênfase.

LUÍS DE MIRANDA ROCHA

Por lapso, o artigo de Luís de Miranda Rocha titulado «A. M. Pires Cabral em alemão» e publicado neste suplemento no dia 13 de Outubro, saiu ilustrado com uma fotografia de António Cabral. Do lapso pedimos desculpa, a A. M. Pires Cabral, António Cabral e aos leitores.